

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

EMILY SCHULER

MAIS QUE AVÓS:
OS BISAVÓS NA PERSPECTIVA DAS DIFERENTES GERAÇÕES

RECIFE
2017

EMILY SCHULER

**MAIS QUE AVÓS:
OS BISAVÓS NA PERSPECTIVA DAS DIFERENTES GERAÇÕES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof^a. Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias.

RECIFE

2017

EMILY SCHULER

**MAIS QUE AVÓS:
OS BISAVÓS NA PERSPECTIVA DAS DIFERENTES GERAÇÕES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Aprovada em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias
(Orientadora – UNICAP)

Profa. Dra. Marisa Amorim Sampaio
(Universidade Católica de Pernambuco)

Profa. Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira
(Universidade Católica de Salvador)

Aos meus avós, cujas raízes me fortaleceram para que me fosse possível florescer.

AGRADECIMENTOS

Quando pensamos em florescer, muitas vezes contemplamos apenas o projeto final da bela flor que nos encanta, esquecemos, porém, de toda jornada que esta passou até se tornar. Aqui gostaria de olhar para trás e lembrar esse processo de florescer.

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, nosso criador, que me deu a vida, soprou em meus pulmões o fôlego da vida. Como os lírios dos campos tem me guardado, cultivado minha alma com amor imensurável. Dele vem o sol que ilumina os céus e as chuvas de bênçãos, mesmo que às vezes apenas reconheçamos as bênçãos depois.

Meus pais, meus queridos Painho e Mainha, que me ensinaram a plantar, a esperar pacientemente, a se alegrar mesmo com a chuva e a reparar e contemplar a verdadeira beleza das flores ao longo do caminho. Meu pai com suas palavras de amor e de fé, regaram minha alma com motivação para continuar. Minha mãe com sua experiência arregaçou as mangas comigo e se ajoelhou no chão para me ajudar nessa plantação. “Obrigada” seria pouco para expressar minha gratidão e alegria de tê-los comigo nessa jornada.

Com meus avós aprendi a importância das raízes fortes, que nos auxiliam a passar por tempestades, ventos e chuvas, sem abalar nossa essência. Para florescer em direção ao céu, é necessário fincar raízes, sendo esse o grande segredo do “dedo verde” para ter flores bonitas. Meus avós me ensinaram que afinal de contas pessoas são como flores, basta regar e cuidar que elas florescem, quem sabe tulipas (Vovó Concinha), cachos de ouro (Vovó Santa) ou talvez rosas menina (Vovó Conceição e Vovô Armando).

Para os cuidados com o meu jardim tive o apoio fundamental das minhas tias e tios, que sempre deram uma mão para aguar e cuidar. Quando não podiam estar presentes, emprestaram seus joelhos, para orar por bons ventos, pelo sol nascente, pelas sombras às tardes e pelas chuvas refrescantes.

Em especial gostaria de agradecer a minha tia Teca, que arregaçou as mangas e me ajudou nesse jardim. Sua delicadeza com as flores, sua paciência com o tempo, e sua sensibilidade de ver a beleza no processo, foram inspiradores. Não tenho como agradecer toda ajuda, toda oração, toda conversa, todo amor em modo de flor.

Aos meus primos e primas, que se fizeram meus irmãos e irmãs, que sempre trazem sol para meus dias cinzas. E quando vem a chuva, decidimos dançar. Vocês não têm ideia do quanto vocês alegram minha alma.

Em todo esse processo de aprender a plantar, tive o apoio fundamental da minha professora Cristina Brito. Muito mais que professora, ela me mostrou tantas ferramentas para cultivar o jardim, chamado vida. Com todo carinho me mostrou o caminho da pesquisa que tanto me encantou. Muito obrigada.

Agradeço também a todos os meus professores que me inspiraram através de suas aulas e conhecimentos passados adiante. Os seus ensinamentos abrem o caminho para que possamos exercer nossa profissão com amor e humanidade.

Também tive a oportunidade de conhecer tantas pessoas queridas, outras já conhecidas, mas todas amigas, nessa minha jornada de florescer. Compartilhar as aulas, pesquisas e idas e vindas nas reformulações, fez os últimos dois anos muito mais especiais. Agradeço a vocês por todos os momentos vividos.

Não poderia deixar de agradecer aos queridos participantes desta pesquisa, os grandes responsáveis para que esse processo se iniciasse e pudesse ser concluído. Visitar seus jardins e ouvir suas histórias foi inspirador.

Uma vez ouvi alguém dizer que “florescer exige passar por todas as estações” e posso confessar que a construção desta dissertação passou por várias estações: outonos coloridos, invernos frios, mas também a primavera com toda sua beleza e lembrança que a vida floresce e que o sol volta a brilhar no verão. E assim, chegamos aqui, entre sol e chuva, invernos e verões, para que esta dissertação pudesse, por fim, florescer.

*“As flores desabrocham para continuar a viver,
pois reter é perecer.”*
Khalil Gibran

RESUMO

O aumento do envelhecimento humano é um fenômeno observado em escala mundial e possibilita a vivência de vários papéis dentro da família. Atualmente os avós podem ver seus netos crescerem e terem filhos, tornando-se bisavós, e, assim, adiciona-se outra geração na rede de relações. Conseqüentemente, emergem cada vez mais famílias multigeracionais formadas por quatro ou até cinco gerações, portanto, mais verticalizadas. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa foi compreender o papel dos bisavós e as repercussões das relações estabelecidas com as diferentes gerações da família em sua vida, bem como na dos seus familiares. Especificamente buscou-se identificar as atividades desempenhadas pelos bisavós com cada geração; caracterizar as necessidades e sentimentos experimentados pelos bisavós e seus familiares no tocante às relações intergeracionais; compreender as relações intergeracionais perpassadas pela presença dos bisavós pelos membros das gerações subsequentes; identificar o legado que os bisavós deixam aos filhos, netos e bisnetos na perspectiva de cada geração; analisar o significado de ser (e ter) bisavós na família, na perspectiva de cada um dos bisavós, filhos, netos e bisnetos. Trata-se de um estudo de casos múltiplos com quatro famílias constituídas por quatro gerações e uma família com cinco gerações totalizando, assim, vinte e dois participantes, que foram acessados através de pessoas conhecidas da pesquisadora. Participaram três bisavós, dois bisavôs e uma tataravó na faixa etária de 74 a 97 anos. Quanto às demais gerações foram entrevistados cinco filhos, netos, bisnetos e um tataraneto. Como instrumento de pesquisa foi utilizada uma entrevista semidirigida, com um roteiro específico para cada geração, além de um questionário com os dados sociodemográficos dos participantes, elaborados pela pesquisadora. Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo temática. Os principais resultados apontaram o seguinte: 1) Quanto aos sentimentos experimentados ao se tornar bisavós, eles relataram alegria, satisfação e gratidão; 2) O apoio fornecido por eles, na maioria das vezes, é do tipo emocional; 3) O relacionamento familiar apareceu como significativo, sendo mantido especialmente sob forma de visitas; 4) Os conflitos existem, mas parecem ser contornados com sabedoria e muito respeito; 5) Os legados transmitidos por eles estão relacionados à fé, solidariedade, educação e ordem; 6) O significado de ser bisavó está intimamente ligado ao sentimento de transcendência, ao sentido de ter cumprido o propósito da vida e também sua continuidade nos netos e bisnetos. Observou-se nas demais gerações a valorização dos bisavós, percebidos como pessoas sábias, que podem contribuir como professores para as novas gerações. Espera-se dar visibilidade a essa geração ainda pouco estudada em nosso país.

Palavras-chave: Bisavós. Famílias multigeracionais. Relações intergeracionais.

ABSTRACT

The increase of human aging is a phenomenon observed in world scale and allows the experience of several roles within the family. Nowadays grandparents can see their grandchildren growing up and having children, become great-grandparents, and thus add another generation in the network of relationships. Consequently, more and more multigenerational families are emerging, formed by four or even five generations, and therefore more vertically. Thus, the objective of this research was to understand the role of great-grandparents, as well as the intergenerational repercussions of this role in their lives and that of their relatives. More specifically it was intended: to analyze the meaning of being great-grandparents in the family, from the perspective of each generation; identify the activities performed by their great-grandparents; identify the legacy that the great-grandparents wish to convey; characterize the needs and feelings experienced by the great-grandparents and their families; understand intergenerational relations permeated by the presence of great-grandparents among family members. It is a multiple case study with four families consisting of four generations and one family with five generations, thus totaling twenty-two participants. Three great-grandmothers, two great-grandfathers, and a great-great-grandmother. As for the other generations, five children, grandchildren, great-grandchildren and a great-great-grandmother were interviewed. As a research instrument, a semi-directed interview was used, with a specific script for each generation, as well as a questionnaire with the sociodemographic data of the participants. The data were analyzed through thematic content analysis. The main results pointed out the following: 1) As for the feelings experienced when becoming great-grandparents, they reported joy, satisfaction and gratitude; 2) The support provided by them, most of the time, is of the emotional type; 3) The family relationship appeared as quite significant, being characterized especially in the form of visits; 4) Conflicts exist, but seem to be circumvented with wisdom and much respect; 5) The legacies transmitted by them are related to faith, solidarity, education and order; 6) The meaning of being great-grandmother is intimately linked to the feeling of transcendence, the sense of having fulfilled the purpose of life and also its continuity in grandchildren and great-grandchildren. In other generations, the appreciation of the great-grandparents, perceived as wise people, has been observed and can contribute as teachers to the new generations. It is hoped to give visibility to this generation still little studied in our country.

Keywords: Great-grandparents. Multigenerational families. Intergenerational relations.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	O ENVELHECIMENTO POSSIBILITANDO A VIVÊNCIA DE VÁRIOS PAPÉIS NA FAMÍLIA – UM ENFOQUE SISTÊMICO	13
2.1	Os papéis vivenciados pelos idosos na família	18
2.2	A família multigeracional sob o enfoque da Teoria Sistêmica	22
3	O PAPEL DOS BISAVÓS NA FAMÍLIA MULTIGERACIONAL	28
3.1	As relações intergeracionais na família multigeracional	29
3.2	O papel dos bisavós	35
3.3	A transgeracionalidade na multigeracionalidade	42
4	OBJETIVOS E MÉTODO	49
4.1	Objetivos	49
4.1.1	<i>Objetivo geral</i>	49
4.1.2	<i>Objetivos específicos</i>	49
4.2	Método	49
4.2.1	<i>Natureza da pesquisa</i>	49
4.2.2	<i>Participantes</i>	50
4.2.3	<i>Instrumentos</i>	54
4.2.4	<i>Procedimentos de coleta de dados</i>	54
4.2.5	<i>Procedimentos de análise dos dados</i>	55
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	57
5.1	Análise das famílias	57
5.1.1	<i>Família A</i>	57
5.1.2	<i>Família B</i>	62
5.1.3	<i>Família C</i>	67
5.1.4	<i>Família D</i>	72
5.1.5	<i>Família E</i>	77
5.2	Inter-relacionar dos achados	81
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
	REFERÊNCIAS	88
	APÊNDICES E ANEXO	94

1 INTRODUÇÃO

Durante minha graduação em psicologia tive a oportunidade de fazer parte do Programa de Iniciação Científica durante três anos. Primeiro, como voluntária e depois como bolsista de uma pesquisa sobre avós, o que me levou a refletir bastante sobre a questão do envelhecimento e suas múltiplas faces, tanto na sociedade em geral, como na família atual, levando-se em consideração, principalmente, o contexto em que vivemos atualmente no Brasil. O aumento da longevidade trouxe como consequência a convivência mais intensa e duradoura entre várias gerações na família. Atualmente relacionamentos intergeracionais são vivenciados em famílias com quatro ou até mesmo cinco gerações. Relacionamentos antes nunca vivenciados, hoje, tornaram-se comuns, como, por exemplo, entre bisavós, avós, filhos, netos e bisnetos, inspirando o tema que me propus pesquisar.

Sabe-se que a esperança de vida tem aumentado significativamente em todo o mundo, o que, aliado a outras mudanças sociodemográficas, como a diminuição dos índices de natalidade, provocaram o envelhecimento das sociedades. Os dados apontados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) indicam o crescimento do número de idosos no Brasil em cerca de 7,4% da população total, tornando-o um jovem país de cabelos brancos. Este envelhecimento se dá também devido às melhorias das condições de vida, a melhor cobertura das necessidades sociais de saúde, o desenvolvimento das sociedades que superam as adversidades e os percalços da natureza (RABINOVICH; AZAMBUJA; MOREIRA, 2014).

Moragas (1997) explica que “[...] é inútil extrapolar o papel dos idosos no passado para o presente visto que nem quantitativamente, nem qualitativamente, eles se assemelham”. Deve-se considerar que a velhice é uma construção sociocultural, associada a valores vigentes de uma dada sociedade. Logo, pode-se refletir que as pessoas que vivem a velhice, hoje em pleno século XXI, são diferentes das que viveram no passado. Cardoso (2011) sugere que o idoso da atualidade deseja experienciar a velhice com mais disposição física. Motta (2004) acredita que os idosos atuais são diferentes e tecem outra experiência de vida, desenvolvendo outra centralidade. Muitos são trabalhadores, emancipados, pensionistas ativos, demonstrando outra face da velhice. Todos esses fenômenos influenciam diretamente a instituição familiar, que “[...] vai se transformando e se

remodelando de acordo com os contornos da sociedade na qual está inserida” (CARDOSO, 2011, p. 35).

Considerando a longevidade dentro do âmbito familiar, é possível observar um aumento da duração de determinados papéis familiares e a possibilidade de vivenciar outros. De acordo com Vicente e Sousa (2012), essas transformações demográficas possibilitaram a presença de famílias multigeracionais, ou seja, com quatro ou até cinco gerações. De acordo com Cardoso (2011), a relação intergeracional é benéfica para todos os membros da família, tornando-se uma via de mão dupla. Enquanto o carinho dos mais jovens contribui para a renovação de interesse pela vida, orgulho, satisfação e senso de utilidade dos idosos, estes transmitem suas experiências e podem ser fonte de apoio e confiança para os jovens. Oliveira, P. (1993) conclui dizendo que os idosos educam e são reeducados pelos mais jovens, uma vez que se renovam nesse convívio. Nesse sentido, é possível constatar que os indivíduos envelhecem tendo na família mais ligações verticais do que horizontais e passam mais tempo a desempenhar papéis intergeracionais do que antes. “Por exemplo, em termos verticais, uma estrutura familiar de quatro gerações tem três níveis de relações pais-filhos, dois conjuntos de ligações avós-netos e uma ligação bisavós-bisnetos” (HARPER, 2006, p. 26).

Quanto ao papel de bisavós na relação familiar, a literatura científica aponta que ele tem um *status* especial (DIAS; PINTO, 2007). Sua importância se dá mais sob o ponto de vista emocional e simbólico. As autoras destacam seu valor, realçando sentimentos positivos de longevidade, orgulho e satisfação. Na pesquisa de Silva e Dias (1999) o papel de bisavós foi visto de forma bastante positiva. Rabinovich, Azambuja e Moreira (2014) concluíram em seus estudos que, de modo geral, os bisavós transmitem um legado geracional que faz parte da memória familiar e contribui para a vida cotidiana da família. Além disso, são vistos sob uma perspectiva de longevidade, como fundadores da família, fornecendo uma maior noção de temporalidade. Reese e Murray (1996) destacaram fatores que contribuem para o papel da bisavó, sendo eles: conectividade, sabedoria, valores e histórias. Por meio desses fatores seria possível criar um sentido de transcendência ao papel da bisavó. Ao estabelecer um relacionamento com seus bisnetos, a bisavó aumenta suas possibilidades de dar sentido e transmitir valores às próximas gerações da família e assim transcender.

Diante do exposto, acredita-se ser importante investigar o papel dos bisavós dentro da família multigeracional que engloba tantas relações intergeracionais. Apesar de se tratar de uma realidade atual, ainda são escassos os estudos enfocando a quarta geração, ou seja, os bisavós. Autores (DIAS; PINTO, 2007; VICENTE; SOUSA, 2012; RABINOVICH; AZAMBUJA; MOREIRA, 2014) apontam para a necessidade da realização de estudos com vistas a uma melhor compreensão dos bisavós e sua relação com a família. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa foi compreender o papel dos bisavós e as repercussões das relações estabelecidas com as diferentes gerações da família em sua vida, bem como na dos seus familiares. Especificamente buscou-se identificar as atividades desempenhadas pelos bisavós com cada geração; caracterizar as necessidades e sentimentos experimentados pelos bisavós e seus familiares no tocante às relações intergeracionais; compreender as relações intergeracionais perpassadas pela presença dos bisavós pelos membros das gerações subsequentes; identificar o legado que os bisavós deixam aos filhos, netos e bisnetos na perspectiva de cada geração; analisar o significado de ser (e ter) bisavós na família, na perspectiva de cada um dos bisavós, filhos, netos e bisnetos. Um estudo com tal escopo, visando um olhar multigeracional para o papel dos bisavós, não foi encontrado na literatura nacional e internacional.

Dessa forma, apresenta-se esta dissertação, que ficou estruturada em seis capítulos, seguidos de referências, apêndices e anexo. Após uma breve introdução ao interesse pela tema e sua justificativa, apresenta-se o contexto teórico em que foi feita uma caracterização do envelhecimento e do fenômeno da longevidade humana. Tal fenômeno tem possibilitado a vivência de vários papéis na família, incluindo os de bisavós. Ainda nesse capítulo faz-se referência ao enfoque sistêmico utilizado no presente estudo. No capítulo seguinte analisa-se o papel dos bisavós na família multigeracional, nas suas relações inter e transgeracionais. A seguir, apresentam-se os objetivos e o método utilizados para o estudo. No quinto capítulo focaliza-se a análise e a discussão dos resultados baseados nas entrevistas realizadas com os vinte e dois participantes, inicialmente cada família e após um entrecruzar dos achados. Por fim, apresentam-se as considerações finais e a bibliografia utilizada.

2 O ENVELHECIMENTO POSSIBILITANDO A VIVÊNCIA DE VÁRIOS PAPÉIS NA FAMÍLIA - UM ENFOQUE SISTÊMICO

Ramos (2012) refere que, na contemporaneidade, as profundas alterações sociodemográficas verificadas, sobretudo, na segunda metade do século XX e início do século XXI, colocam em evidência um aumento crescente do número de pessoas idosas e o aumento da esperança de vida. Segundo Meneses (2012), a sociedade atual é substancialmente diferente da sociedade do passado. No passado havia um grande número de crianças e jovens e uma menor porcentagem de idosos, sendo o foco de atenção principal a educação dos jovens. Atualmente, o aumento do envelhecimento já é um fenômeno observado no mundo inteiro, sendo possível afirmar que o mundo está envelhecendo.

Reflexões e associações sobre o envelhecimento humano são de tal modo antigas que remontam à própria história da humanidade. Em diferentes períodos históricos das sociedades e culturas, o debate, em si mesmo, sempre foi alvo de controvérsias e reflexões. O que podemos perceber é que os conceitos elaborados sobre a velhice surgiram como produtos de determinada época. Moreira (2012) explica que as sociedades pré-modernas ou tradicionais não apresentavam um preconceito cultural em relação ao idoso:

Nessas sociedades, o ancião ocupava um lugar de destaque e respeito social, já que era o guardião da sabedoria e responsável por transmiti-la aos mais jovens. Podemos pensar em tradição, que é a 'cola' que une as ordens sociais pré-modernas, que mantém a ordem social (MOREIRA, 2012, p. 451).

Nas sociedades tradicionais observa-se que os idosos eram vistos como guardiões da tradição, bastante valorizada na época pré-moderna. A tradição é definida como "cola", uma vez que une o passado ao presente. No entanto, mesmo dando esse lugar de destaque ao ancião nas sociedades tradicionais, o interesse científico pelo envelhecimento só surgiu depois. Segundo Moreira (2012), a modernidade opera uma ruptura com a tradição, voltando-se para o futuro em busca de referências. Assim, desenvolve-se uma postura de desqualificação em relação ao idoso, que representava o passado e a tradição. Com o alvorecer da pós-modernidade, em que o futuro desejado pela modernidade não foi alcançado, observa-se o fenômeno do imediatismo, deixando de lado presente e futuro.

Inaugura-se uma nova postura. Segundo o autor, a cultura pós-moderna porta-se de forma ambivalente, pois ao mesmo tempo em que apresenta um explícito horror à velhice, também marca o momento histórico em que passa a haver um crescente interesse nas pesquisas sobre o envelhecimento. Couto et al. (2008) explicam que ainda na atualidade muitas vezes a velhice é associada apenas a um período de doenças, perdas, solidão e a um fardo. Entretanto, apesar das características dessa fase da vida, há possibilidades de crescimento. As autoras destacam que

o desafio encontra-se em manter e renovar a vida de maneira significativa e produtiva. Os idosos são desafiados a compensar possíveis perdas aprendendo novas possibilidades, reforçando e valorizando as áreas que se mantêm e as novas habilidades desenvolvidas (COUTO et al., 2008, p. 136).

Não obstante, pode-se notar que do passado para o presente houve uma alteração substancial na dimensão e na essência da velhice.

Segundo Meneses (2012), a velhice não se transformou apenas quantitativamente; transformou-se também a caracterização da pessoa idosa. Os idosos constituem atualmente um grupo numeroso e útil, formado por pessoas que embora se encontrem, geralmente, à margem dos circuitos de produção, estão dotadas de capacidade de contribuição para o progresso da sociedade. O que se observa na atualidade, segundo Schneider e Irigaray (2008), seria uma sociedade que potencializa a longevidade, ao mesmo tempo em que nega aos idosos o seu valor e sua importância social, caracterizando uma ambivalência. O *status* reduzido da pessoa idosa se daria devido à ênfase na juventude, beleza e autonomia. Assim, “ser velho assume uma conotação negativa, remetendo à perda de atributos tão valorizados pelo meio social, e simultaneamente pelo próprio idoso” (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008, p. 587). No entanto, estudos realizados em sociedades não ocidentais apresentam imagens positivas da velhice. No Japão (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006), por exemplo, envelhecer é sinônimo de *status*; já na cultura ocidental, o envelhecimento é indesejável como, por exemplo, nos Estados Unidos e aqui no Brasil, o que contribui para a afirmação de que a velhice é uma construção social e histórica.

Dias (2014) afirma que foi nas últimas décadas do século XX que se notaram avanços nos estudos no campo do envelhecimento, nas áreas compreendidas pelas ciências da saúde, biológica, humanas e sociais aplicadas. A referida autora explica

que a demora em focar o envelhecimento como alvo de pesquisa se deve a fatores como a supervalorização da infância e adolescência, além de estereótipos que cercam a velhice como uma fase marcada por doenças, deterioração mental, perdas, sobre a qual não haveria necessidade de investigação. No entanto, o aumento da população idosa, devido a vários fatores, como a diminuição da taxa de natalidade, a melhoria das condições de vida, a melhor cobertura das necessidades sociais e de saúde e a diminuição das taxas de mortalidade, fez com que pesquisas fossem necessárias, tornando-se inclusive pauta de prioridade do governo brasileiro.

De acordo com estudos realizados por Martins (2007) e Flores (2008), entre os anos 2000 e 2050 a porcentagem de pessoas com mais de 65 anos irá duplicar no mundo. Valença e Silva (2011) afirmam que o envelhecimento é um fenômeno mundial. Papalia, Olds e Feldman (2006) calculam que haverá mais de 800 milhões de pessoas consideradas idosas no mundo até 2050. Segundo estimativa das Nações Unidas, sobre o Índice de Envelhecimento, em 2050, teremos no mundo 200 pessoas idosas com mais de 60 anos para cada 100 crianças ou jovens.

O envelhecimento se apresenta de forma distinta entre os países centrais e periféricos. De acordo com Valença e Silva (2011), nos países centrais, o envelhecimento se deu de forma lenta e gradual. Isso ocorreu na Europa, a região mais envelhecida do mundo, com um índice de envelhecimento de 136,2 e se espera que será de 229,7 em 2050. Já nos países em desenvolvimento a transição foi vertiginosa. No Brasil, os dados demográficos apontam que o crescimento do número de idosos é enorme. O número de idosos no Brasil passou de 14,8 milhões, em 1999, para 21,7 milhões, em 2009 (IBGE, 2010). Veras (2009) explica que, a cada ano, 650 mil novos idosos são incorporados à população brasileira. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o país será o sexto mais numeroso em idosos até 2025. Trata-se de uma transição demográfica bastante veloz, em que o país experiencia um aumento de quase 700% no número de idosos em menos de 50 anos. Sendo assim, Veras (2009, p. 2) conclui que “o Brasil hoje é um ‘jovem país de cabelos brancos’”.

Falcão (2012) destaca, ainda, o fenômeno denominado pelos sociólogos como “feminização da velhice”, pois se observa na população idosa um número maior de mulheres do que de homens. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), para que uma pessoa seja considerada idosa, nos países em desenvolvimento, foi estabelecida a idade de 60 anos, e, para os países

desenvolvidos, a de 65 anos. O Brasil, seguindo o referencial da ONU, aprovou a Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Contudo, vale a pena ressaltar que o conceito de idade é multidimensional, não sendo, portanto, uma boa medida do desenvolvimento humano, pois, de acordo com Schneider e Irigaray (2008, p. 586), “a idade e o processo de envelhecimento possuem outras dimensões e significados que extrapolam as dimensões da idade cronológica”.

Assim, através de várias pesquisas, foi possível perceber que envelhecer, no plano individual, significa aumentar o número de anos vividos. Entretanto, as especificidades atribuídas ao envelhecer vão variar de acordo com cada momento histórico, bem como, da sociedade em que se está inserido, e que, ao mesmo tempo, é influenciada por outros aspectos. Como explicitam Valença e Silva (2011) pode-se considerar o envelhecer segundo dois alicerces: biológico e instrumental. Enquanto o biológico envolve as modificações morfológicas e físicas, o alicerce instrumental é mais amplo envolvendo aspectos de caráter social.

Vale ressaltar, portanto, que não existe um conceito único de velhice, uma vez que existe uma multiplicidade de aspectos, indissociáveis uns dos outros, que tornam difícil uma definição. Assim, o envelhecimento procede de vários fatores, que representam diversos fenômenos que funcionam conjuntamente. Beauvoir (1990), corroborando com este pensamento, afirma que a velhice não corresponde a um fato estático, e sim ao resultado e ao prolongamento de um processo. Envelhecer se relaciona à ideia de mudança, caracterizada por um declínio, e envolve também aspectos biológicos, psicológicos, existenciais e culturais. Caracteriza-se, assim, o envelhecer como processo complexo e multidimensional.

Ferrigno (2003) alerta sobre a pluralidade das formas de envelhecer, o que nos leva a pensar que seria mais correto remetermos “às velhices”, e considerá-las em seu contexto plural e também real, ante as múltiplas manifestações da questão num contexto atual e cheio de desafios. Falcão (2012) ainda esclarece:

Na sociedade atual, o significado de envelhecer e de ser idoso tem exigido uma reflexão que abarque a heterogeneidade e a complexidade desses fenômenos, envolvendo o processo dinâmico de perdas e ganhos; fatores como gênero, condições genéticas, educacionais, culturais, história de vida, nível socioeconômico, atividades profissionais, religião, etc. Portanto, há vários modelos de envelhecimento, de velhice (FALCÃO, 2012, p. 101).

As diferenças no envelhecer serão permeadas pela maneira como cada indivíduo organizou seu ciclo de vida, dependendo de vários fatores (VALENÇA; SILVA, 2011). Diante dessa fase do ciclo da vida, Ferrigno (2003) ainda explica que o idoso vai aos poucos mudando seu foco do mundo, ficando cada vez mais atento às suas experiências interiores. Devido ao acúmulo de experiências singulares, ele vai formando uma subjetividade única. Assim, a velhice se torna singular a cada ser humano, uma vez que ele vai se tornando cada vez mais ele mesmo. O autor ainda ressalta que a velhice é uma das etapas do ciclo natural da vida. Seguindo este raciocínio, ela não está separada do restante da vida que a precede, mas é sua continuação natural.

Algumas atribuições físicas e biológicas, no entanto, são indissociáveis ao envelhecimento. O avanço da idade biológica se refere às condições orgânicas, ou seja, transformações fisiológicas, anatômicas, hormonais e bioquímicas do organismo, consideradas símbolos da idade avançada. Segundo Mascaro (1997), o envelhecimento biológico é, em regra, descrito pelo aparecimento de uma série de insuficiências, perdas e limitações que tendem a aumentar ao longo do tempo. Nessa etapa da vida alguns aspectos mais visíveis ao longo do processo de envelhecimento são: diminuição do vigor físico, esquecimento, enrugamento da pele, cabelos brancos, dentre outros. Não obstante, quanto mais a idade avança, o envelhecimento aparece associado a doenças, perdas, morte, afastamento e dependência, o que gera preconceitos (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

Segundo Papalia, Olds e Feldman (2006), no início da idade adulta as perdas físicas costumam ser tão pequenas e tão graduais, que quase são imperceptíveis. Porém, com a idade, as diferenças individuais aumentam. O início da senescência, período marcado por evidentes declínios no funcionamento corporal, é muitas vezes associado ao envelhecimento.

As mudanças fisiológicas na velhice são altamente variáveis, embora algumas sejam mais visíveis, como as mudanças na pele, os cabelos ficam grisalhos e os pelos corporais mais escassos. Mudanças menos visíveis afetam os órgãos internos e sistemas corporais, o cérebro e o funcionamento sensorio-motor e sexual. A altura tende a diminuir, além das pessoas também começarem a dormir menos e a sonhar menos, embora necessitem da mesma quantidade de sono.

Também é possível notar algumas mudanças no cérebro. Papalia, Olds e Feldman (2006) explicam que depois dos 30 anos, o cérebro perde peso, a princípio,

lentamente, depois com maior rapidez. Aos 90 anos o cérebro pode ter perdido 10% de seu peso. Essa perda de peso é atribuída à perda de neurônios, no córtex cerebral, que lida com a maioria das tarefas cognitivas. Além disso, essa redução parece iniciar mais cedo ainda no córtex frontal, que é importante para a memória e para o funcionamento cognitivo de alto nível. Stuart-Hamilton (2002) enfatiza que há um “padrão notável de declínio nos processos perceptuais na velhice em que a mente tem maior dificuldade para integrar informações sensoriais diversas” (STUART- HAMILTON, 2002, p. 34). Ainda é possível observar que o funcionamento sensorial e psicomotor é alterado. Entre os idosos “mais velhos” os comprometimentos podem ser maiores acarretando dificuldades na vida social e na independência.

Com o prolongamento do ciclo da vida, os pesquisadores foram cada vez mais concentrando sua atenção sobre o que acontece com as pessoas ao longo do tempo. Segundo Ramos (2012), os avanços científicos vieram a contribuir para a longevidade e também para a qualidade de vida das populações mais velhas. Dessa forma, foram surgindo novas perspectivas teóricas, assim como possibilidades para um envelhecimento ativo com diálogo intergeracional e vivência de novos papéis dentro da família. Falcão (2012) afirma que o aumento das pesquisas sobre os avós ocorreu principalmente na década de 1980, devido a fatores como a longevidade humana, o trabalho da mulher fora do lar, a aceitação social de pais solteiros, divórcios e recasamentos, que fizeram sobressair a importância dos avós. Esses avanços favoreceram uma imagem e atitudes mais positivas em relação aos mais velhos, sua integração social, familiar e a sua autoestima.

2.1 Os papéis vivenciados pelos idosos na família

De acordo com Falcão (2012), é no contexto familiar que geralmente se constroem as relações mais significativas para as pessoas idosas com cônjuges, filhos, netos, irmãos, demais membros familiares e amigos. O conceito de família é polissêmico. A autora explica que “a literatura atual destaca a família como sendo um sistema interativo complexo, que demanda acomodações constantes, dependendo especificamente de situações estressoras externas e modificações nos padrões internos de relacionamento” (FALCÃO, 2012, p. 101). Fala-se, então, atualmente em famílias, destacando sua pluralidade.

Falcão (2012) ainda chama a atenção para o fato que, diante do cenário da atualidade, a longevidade humana e as mudanças sociais enfrentadas pela família têm propiciado a vivência do papel de avós e bisavós, além da convivência e da coresidência de três ou mais gerações. Connor (2013) explica que haverá muito mais avós no século XXI, comparado ao século XX. No último século eram poucos os que chegavam a se tornar avós, mas, na atualidade, esse avô ou avó será a única representante de idade avançada em sua família.

No que se refere à imagem dos avós, Dias, Costa e Rangel (2005) afirmam que os avós eram representados como figuras centrais da família, muitas vezes relacionados a pessoas controladoras e dominadoras, principalmente o avô. No século XXI essa imagem foi se diluindo, dando espaço a uma nova visão de “avós calorosos, saudáveis e ativos, que assumem as responsabilidades com os netos por prazer” (DIAS; COSTA; RANGEL, 2005, p. 158). Pode-se observar também que há uma maior presença dos avós na família (CONNOR, 2013), além de se acrescentarem os “avós emprestados” (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006) que são inseridos na família após recasamentos. Assim, o século XXI apresenta uma nova imagem e lugar dos avós na família (CONNOR, 2013).

Meneses (2012) aponta que na sociedade contemporânea, caracterizada pela crescente ausência dos pais, os idosos, ou os avós, são, muitas vezes, o sustentáculo da família e assumem grande relevo na educação dos netos. No passado, os avós eram muitas vezes identificados como um grupo de doentes e acamados, que aguardava e até ansiava pelo fim da sua existência. Atualmente, existe uma nova visão sobre esse papel. Segundo o referido autor, os avós, frequentemente, dão suporte afetivo e financeiro às famílias dos filhos e, muitas vezes, são os substitutos dos pais, quando estes falham no cumprimento de suas obrigações e responsabilidades e suas ausências cotidianas.

De acordo com Sousa (2006), pode-se dizer que os avós possuem um presente, um passado e um futuro, enquanto que os netos têm um presente e constroem o futuro. Dessa forma, os avós constituem uma espécie de “janela” para o passado da família e da sociedade. É importante mencionar que os atuais avós viveram tempos intensos de mudança, por exemplo, passaram por momentos da vida política que constituíram alterações radicais de estilos de vida e valores, sendo testemunhas vivas dos progressos da ciência e, em especial, da medicina e tecnologia.

Os avós se constituem como uma memória viva do passado e através deles é possível conhecer a história da história, um relato vivido e personificado dos fatos e da experiência vivida. Reviver essas vivências com os netos permite aos avós ver o mundo através de “olhos novos”: por um lado, algumas experiências são vividas e revividas de outra forma; por outro lado, as questões e observações dos netos permitem aos avós dar continuidade às experiências. Os netos são uma audiência nova para as experiências dos avós: novos em idade, com outra perspectiva sobre os acontecimentos; e novos porque os avós nunca compartilharam essas vivências com eles. Desta forma podem evitar ser repetitivos e obter mais atenção.

A atual geração de pessoas que são avós é a primeira na história que pode esperar ter tempo para ver os netos crescerem e serem adultos (SOUSA, 2006). Atualmente, a assunção do papel de avô/avó ocorre em média entre os 40 e os 60 anos, o que possibilita que avós e netos possam esperar viver em comum de duas a três décadas. Segundo Dias, Costa e Rangel (2005) verifica-se, em consequência dessa convivência, um maior envolvimento dos avós na família. Atualmente, os avós desempenham um papel considerado até mesmo maternal. De acordo com Meneses (2012), podemos considerar que os avós até são pais duas vezes:

Com efeito, são frequentemente o suporte afetivo e financeiro das famílias e ainda os substitutos dos pais, quando estes comumente falham no cumprimento das primeiríssimas obrigações e responsabilidades. Em circunstâncias menos dramáticas, dispondo de mais tempo útil, é porventura na condição de avós que muitas mulheres e muitos homens têm finalmente tempo para fazer com os netos aquilo que não tiveram oportunidade de fazer com os próprios filhos (MENESES, 2012, p. 25).

É comum que muitos avós cheguem a assumir a responsabilidade básica pelos netos em algum momento, como explicam Papalia, Olds e Feldman (2006). Por haver uma maior interação entre avós e netos pode ocorrer um contexto de dependência ou independência dos avós; daí, não se pode desejar apenas que os avós cuidem dos netos; cada vez mais se pode esperar que também os netos cuidem dos avós. Assim, emerge uma relação de cuidados recíproca: os avós cuidam (ou ajudam a cuidar) dos netos enquanto estes são pequenos e os netos poderão cuidar dos avós quando estes chegarem a uma fase da vida de maior dependência (SOUSA, 2006).

É importante destacar ainda o papel dos avós como “agentes da preservação da nossa matriz cultural” (MENESES, 2012, p. 28). Os avós são depositários de um

inestimável saber que precisa ser transmitido aos mais jovens. No contexto atual, são os avós que surgem como ponte de diálogo entre as gerações para promover o conhecimento de suas origens, assim como a recuperação de suas raízes. Por isso, o papel dos avós ganha cada vez mais importância, devido à sua capacidade de contribuição para a comunidade. Surge, aos poucos, uma transformação qualitativa no papel dos avós. Ao invés de serem vistos apenas como “velhos” improdutivos, passam a ser vistos como fonte de sabedoria, riqueza e espiritualidade (MENESES, 2012).

Sousa (2006) explica que os estádios de *ser avô/ó* são delimitados pelas fases de desenvolvimento dos netos. Podem-se identificar três estádios da carreira de avô/ó, delimitados pelas fases de desenvolvimento dos netos: criança, adolescente e jovem adulto. Quando criança, o relacionamento é mais de cuidado e de brincadeiras, em que os netos valorizam os avós pelo que recebem deles como guloseimas e presentes. À medida que chegam à adolescência, os netos valorizam os avós pelas suas próprias características e podem tomá-los como confidentes e companheiros, ou, pelo contrário, afastar-se deles, devido ao envolvimento com o grupo de amigos e outros interesses próprios da idade. Na idade adulta, porém, se os netos tiveram um bom relacionamento com os avós na infância, estes voltam a ser procurados e valorizados, pois os netos agora podem dimensionar a importância dos avós para a família e a sociedade.

A convivência pode proporcionar mais e novas experiências tanto para a geração mais velha quanto para as mais novas. Ela possibilita à geração mais velha a oportunidade de vir a adquirir novos conhecimentos, tais como: utilizar aparelho celular, realizar cursos de informática para usar o computador com seus netos, dentre outras. Os mais novos ganham novas perspectivas com os mais idosos, devido à sua maior experiência e conhecimento de tradições familiares e históricas.

Na realidade, segundo Falcão (2012), existe hoje uma diversidade de experiências relacionadas ao envelhecimento nos contextos sociais e familiares, que permitem uma visão ampla, levando em consideração as perdas e ganhos advindos com esse processo, tais como: elevação do número de avós como chefes de famílias; aumento de avós como cuidadoras dos netos, assumindo muitas vezes o papel de avós guardiãs, que são aquelas avós que criam os netos devido à ausência dos pais (por uma série de motivos como migração, imaturidade, negligência,

maltrato, abuso de substâncias, doenças e mesmo morte dos pais). Como consequência pode-se inferir que também ocorre o aumento do número de bisavós.

Os que, atualmente, vivem o papel de avós podem chegar a ver os netos se tornarem adultos, abrindo-se assim a possibilidade de vivenciar também a função de bisavós, adicionando outra geração à rede de relações. Verifica-se, atualmente, que em torno de 20% das mulheres que morrem com 80 ou mais anos são bisavós. No entanto, ainda existem questionamentos sobre qual seria o papel dos bisavós e quais tarefas eles desempenham (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006), sendo este um dos motivos que desencadeou esta pesquisa. A literatura científica aponta que o papel de bisavós tem um *status* especial, por envolver relações multigeracionais na família, e porque eles transmitem um legado geracional que faz parte da memória familiar e contribui para a vida cotidiana da família (DIAS; PINTO, 2007; RABINOVICH; AZAMBUJA; MOREIRA, 2014).

Cabe, no entanto, ressaltar que cada família pode lidar com os bisavós de forma diferenciada. As relações intergeracionais dentro da família apresentam uma inter-relação com os comportamentos, vínculos, normas e padrões familiares anteriores, ou seja, como este sistema familiar foi criado e funcionou ao longo do tempo. Além disso, terá que ser levada em consideração a capacidade do sistema familiar de se adaptar a novas exigências, sendo necessários rearranjos, uma vez que padrões anteriores podem se tornar disfuncionais. Pode-se, então, facilmente chegar à conclusão que são vários os aspectos que podem ser abordados sobre o papel dos bisavós no sistema familiar multigeracional.

2.2 A família multigeracional sob o enfoque da Teoria Sistêmica

Ao longo do processo histórico é possível observar que a família tem passado por várias transformações, correspondentes a mudanças na sociedade. Bengston (2001) explica que a família, enquanto estrutura fluida, plural, com padrões, valores e práticas diferentes, pode potencialmente sofrer algum tipo de insegurança. Valença e Silva (2011) destacam que ocorreu mudança tanto quantitativa relacionada ao número menor de membros na família, como também qualitativa, que é caracterizada por alterações nos relacionamentos familiares com um padrão intergeracional, em que crianças e idosos convivem em um mesmo ambiente com distintas visões de mundo. Por isso, as relações intergeracionais e multigeracionais

vêm ganhando importância para as famílias, em busca de uma maior coesão, bem-estar e suporte ao longo da vida. Segundo Alves, S. M. (2013), é no âmbito intergeracional da família que seus membros se estabelecem como sujeitos. É a partir da família que se pode compreender o comportamento de cada pessoa, à luz da organização e funcionamento de um sistema de relações, cuja conjuntura demarca e atribui sentido a tudo o que acontece no seu interior.

A família multigeracional pode ser definida como aquela em que convivem três, quatro ou até cinco gerações (VICENTE; SOUSA, 2012). Motta (2010) explica a família multigeracional e seus personagens a partir dos segmentos geracionais: os muitos idosos que podem atingir a condição de centenários, ou seja, os bisavós, seguida pela geração de seus filhos também idosos, prováveis cuidadores, que também apoiam seus filhos e netos. Como consequência há vários níveis de relações e inter-relações entre esses vários papéis familiares que caracterizam o sistema multigeracional. Para uma melhor compreensão desta rede de relações, propõe-se o referencial da Teoria Sistêmica que busca um olhar à integridade. Como discorre Vasconcellos (2012, p. 117), “não se pode conhecer o todo sem se conhecer também as partes, mas também não se compreendem as partes sem conhecer bem o todo”.

A visão sistêmica surge a partir de uma mudança de visão de mundo, tendo suas origens na física quântica. Com a compreensão de que o universo seria um todo unificado, composto por moléculas, átomos e partículas em inter-relação, traz uma noção não mais de entidades isoladas, mas de um todo. Assim, cada evento é influenciado pelo universo todo, inaugurando uma visão holística. O termo holístico, do grego “*holos*”, que significa totalidade, refere-se a uma compreensão da realidade em função de totalidades integradas, em que a noção de partes reduzidas dissipa-se. “Vivemos hoje num mundo globalmente interligado, no qual fenômenos biológicos, psicológicos, sociais e ambientais são todos interdependentes, intimamente interligados, sistêmicos” (CASTRO, 2002, p. 3). Fala-se, então, de uma visão holística e ecológica, enfim, sistêmica. A importância das relações e integrações se torna central, uma vez que os sistemas são totalidades interligadas, cujas propriedades não podem ser reproduzidas em unidades menores. Esse pensamento holístico leva em conta as partes e o todo (CAPRA, 1992 *apud* VASCONCELLOS, 2012). Castro (2002, p. 3) enfatiza que “todo e qualquer organismo é uma totalidade integrada e, portanto, um sistema vivo”.

Na chamada “ciência dos sistemas” pode-se distinguir duas tendências básicas que seriam a mecanicista e a organicista, que culminam em duas vertentes teóricas. A tendência organicista está associada à Teoria Geral dos Sistemas, associada à descrição de sistemas biológicos de natureza viva, desenvolvida por Ludwig Von Bertalanffy, biólogo austríaco, que enfocaremos a seguir.

A Teoria Geral dos Sistemas faz uma abordagem multidisciplinar a partir do conceito de “sistemas”, independentemente de sua natureza e de seus elementos componentes e suas inter-relações. De acordo com Valença e Silva (2011), um sistema é definido como “um conjunto constituído por elementos que possuem características próprias e estão em interação, assim como as próprias interações” (VALENÇA; SILVA, 2011, p. 42). O posicionamento de Bertalanffy (1982) partia do princípio que os métodos científicos tradicionais, baseados na simplicidade, estabilidade e objetividade já não mais serviam para compreender os acontecimentos, buscando assim ir além.

De acordo com Valença e Silva (2011), a obra de Bertalanffy promoveu um salto na história inaugurando um olhar para um novo paradigma na ciência. Vasconcellos (2002) afirma que se trata de uma nova forma de pensar o mundo. Este novo pensamento implica três dimensões – complexidade, instabilidade e intersubjetividade. Novais et al. (2011) explicam que a complexidade amplia o foco da observação, uma vez que se enfatiza uma teia de interligações que se envolvem no fenômeno a ser estudado. A instabilidade, por sua vez, aponta para o dinamismo das relações num determinado sistema com mudanças e evoluções. Por fim, a intersubjetividade traz a noção de incluir-se no sistema, em que o pesquisador/profissional “reconhece sua própria participação na constituição da ‘realidade’ por ele vivida, na perspectiva da (co)construção das soluções” (NOVAIS et al., 2011, p. 27). Essas três dimensões se inter-relacionam e se completam. Os autores acima referidos ainda destacam que essas mesmas dimensões podem ser encontradas no sistema da família, compreendida aqui como um complexo sistema de relações em que seus membros compartilham um mesmo contexto social e vivenciam juntos diversas experiências. A inter-relação entre seus membros e afetação caracterizam a dimensão da complexidade. A instabilidade pode ser apontada na sua transformação constante, tanto por fatores internos do ciclo de vida familiar, bem como do contexto social, econômico, político e cultural. À medida que

os membros familiares se percebem como parte do sistema isso mostra a dimensão da intersubjetividade.

A família multigeracional é compreendida como um organismo, sendo assim também um sistema constituído por partes – as diversas gerações membros dessa família. O comportamento de cada um desses membros irá influenciar e ser influenciado pelos demais. Compreender a família multigeracional como um sistema significa vê-la como um todo, compreendendo os indivíduos dentro dos contextos interacionais nos quais funcionam, inseridos em um contexto comunitário que é um suprassistema, ou seja, a sociedade. De maneira especial, Valença e Silva (2011) expressam essa noção de forma poética, de que quando se segura uma flor na mão se descobre que ela está conectada ao universo.

A família também é tida como um sistema social constituído a partir da comunicação (SCHLIPPER; SCHWEITZER, 2012). Os membros da família se utilizam da comunicação para atestar seus laços e solidariedade, a necessidade de interação entre seus membros, distinguindo a família de um simples aglomerado de partes independentes umas das outras. Novais et al. (2011) ainda destacam que ao se conhecer uma família, conhecemos suas inter-relações. Pode-se afirmar que os comportamentos dos membros familiares irão depender uns dos outros; sendo assim, as particularidades dos membros não bastam para explicar o comportamento de todos os outros membros, fazendo-se necessária uma análise como conjunto.

É impossível descrever o sistema familiar considerando apenas características específicas de cada parte; é preciso concebê-la no todo, uma vez que a totalidade da família é muito mais que a simples adição de cada membro de forma linear, mas sim, circular recursiva, A afeta B, que afeta C, que afeta, de volta a A, e assim sucessivamente, ou seja, nenhum de seus membros fica indiferente na interpelação com o meio e com as circunstâncias que envolvem este meio, um princípio designado de recursividade (VALENÇA; SILVA, 2011, p. 43).

Ao tomar a família multigeracional em foco, observa-se facilmente essa inter-relação entre os membros, marcada não apenas por heranças genéticas como também pelo convívio. A solidariedade entre as gerações irá depender do nível de interações intergeracionais, considerada uma qualidade substancial da família (SCHLIPPER; SCHWEITZER, 2012).

Além disso, a família é considerada um sistema aberto que se comunica com outros sistemas, fazendo importação ou exportação de qualquer material que pode

ser matéria, energia ou informação com o meio. Assim Novais et al. (2011, p. 28) explicam que “o sistema aberto por ser definido como aquele que sofre interação com o ambiente, retrata de maneira coerente a dinâmica familiar”. Costa e Dias (2008) afirmam que o sistema aberto é orientado para a vida e o crescimento num fluxo dinâmico e recursivo, como a família. As autoras continuam destacando que os sistemas humanos são considerados abertos, uma vez que as trocas com o meio são essenciais para a sobrevivência do sistema. Levando em conta a família multigeracional, tira-se de foco o núcleo familiar – pais e filhos – ampliando-o à família extensa com avós e bisavós, que trazem também novas informações a esse sistema aberto, possibilitando novos movimentos a todos os membros envolvidos.

Partindo de que a família multigeracional é compreendida como um sistema aberto sempre em um processo dinâmico, Bertalanffy (1982) diz que ela opera segundo certas propriedades. Costa e Dias (2008) complementam que essas propriedades, “ao invés de se excluírem mutuamente, são dinâmicas, se inter-relacionam, ajudam a definir-se e acontecem ao mesmo tempo” (BERTALANFFY, 1982, p. 36). Torna-se então necessário compreender essas propriedades para sua articulação com a dinâmica da família (COSTA; DIAS, 2008; NOVAIS et al., 2011):

Globalidade ou totalidade – O sistema é caracterizado como um todo em que as partes se relacionam de tal maneira que a mudança de uma delas altera as outras partes, conotando uma inter-relação mútua.

Interdependência ou não somatividade – O sistema vai além da soma de suas partes, tornando-se estas complementares. Portanto, é impossível descrever o sistema considerando apenas as propriedades de suas partes, deixando de lado as suas relações.

Hierarquia – O sistema possui níveis de hierarquia, possibilitando classificações dependendo das relações em questão. Trata-se de uma organização que conecta as ideias de inter-relação e sistema com vistas a uma estabilidade.

Autorregulação ou retroalimentação – O mecanismo de retroalimentação, implica que à medida que o sistema vai funcionando, vai também sendo informado dos resultados ou efeitos produzidos por seu funcionamento com o objetivo de realizar suas metas e seus propósitos. Distinguem-se dois tipos de retroalimentação: negativa e positiva. A retroalimentação negativa visa exatamente o que já foi explicitado sobre a conservação da homeostase, isto é, a manutenção de um estado constante e equilíbrio do sistema. Já a retroalimentação positiva aumenta um desvio

no sistema proporcionando uma mudança ou ruptura, ou ainda mudanças qualitativas em seu funcionamento. Nesse caso, Vasconcellos (2012) fala de um mecanismo morfogenético, uma vez que produz novas formas de funcionamento. É interessante observar que apenas se classifica a retroalimentação como positiva ou negativa, dependendo de seus efeitos em relação ao funcionamento do sistema.

Intercâmbio com o meio ambiente – As trocas feitas com o meio ambiente são essenciais para a sobrevivência do sistema, mantendo sua integridade e funcionamento. O sistema sempre está afetando e sendo afetado pelo meio ambiente, caracterizando um movimento circular ou de circularidade. Assim, os elementos do sistema são influenciados de forma bilateral, isto é, pelo próprio sistema e pelo meio com o qual interage.

Equilíbrio ou homeostase – O sistema funciona para manter-se ou equilibrar-se. Trata-se de um mecanismo de automanutenção do sistema, em que qualquer mudança que ponha em risco o equilíbrio possa ser resistida.

Mudança e Adaptabilidade – O sistema possui a habilidade de mudar conforme as necessidades apresentadas no ambiente, destacando uma autocriatividade. Essa mudança tanto pode ser de primeira ordem, em busca da manutenção do *status quo*, denominada de morfostase. No caso de mudanças substanciais, com implicação de novas regras e um salto qualitativo no funcionamento do sistema, fala-se de uma mudança de segunda ordem, a morfogênese.

Equifinalidade – Uma característica dos sistemas abertos é que se pode alcançar o resultado final, independente do estado inicial ou da maneira utilizada para alcançá-lo. Tal propriedade destaca a interação dinâmica entre múltiplos fatores para alcance de determinada finalidade.

Partindo dessas informações, será discutido no próximo capítulo o papel dos bisavós dentro dessa família multigeracional.

3 O PAPEL DOS BISAVÓS NA FAMÍLIA MULTIGERACIONAL

A família atual foi afetada por várias mudanças sociais, tais como: a emancipação da mulher, sua ascensão no mercado de trabalho, a liberdade sexual e ainda as mudanças sociodemográficas. Além disso, destacam-se fatores como o aumento da longevidade humana, a diminuição da taxa de natalidade, com consequente aumento da expectativa de vida.

Segundo Vicente e Sousa (2012), essas transformações demográficas possibilitaram a ocorrência de famílias multigeracionais, ou seja, com quatro ou até cinco gerações, principalmente com o fato de as mulheres se tornarem longevas (HARPER, 2006). Sousa (2006, p.183) destaca: “Esperamos que os avós vejam os netos crescerem e até ter filhos; por isso a relação bisavós-bisnetos começa a emergir como potencialmente importante”.

A estrutura familiar de quatro gerações foi caracterizada por Connor (2013) como verticalizada ou ainda comparável à estrutura de um feijoeiro (*beanpole structure*), em que há poucas pessoas em cada geração. A autora sugere que essa estrutura familiar é bastante comum. Harper (2006) explica que se trata de uma expansão intergeracional, e, ao mesmo tempo, uma contração geracional, uma vez que há uma diminuição de familiares de uma mesma geração. Essa estrutura familiar acaba tendo curta duração, uma vez que as gerações mais velhas tendem a falecer. Por ser uma relação muito rica, deve, portanto, ser aproveitada e também estudada, buscando uma melhor compreensão dessa estrutura familiar que emerge com a inserção da geração de bisavós.

Os laços intergeracionais envolvidos nesse papel de bisavós têm sido pouco estudados, principalmente, pela sua raridade no passado, mas, com certeza, esse estudo virá a aumentar nos próximos anos. Convém ainda destacar que essa aproximação geracional possibilita troca mútua no contexto familiar do cenário contemporâneo (ALVES, S. M., 2013). Nesse sentido, o estudo sobre a figura dos bisavós e sua importância intergeracional constitui algo a ser construído para a psicologia da família, por se tratar de uma realidade social em crescimento, no entanto, ainda alvo de pouca investigação.

3.1 As relações intergeracionais na família multigeracional

A problemática das relações intergeracionais tem ganhado relevância crescente, colocando desafios à comunicação e também à solidariedade entre as gerações do século XXI (RAMOS, 2012). Bengston (2001) explica que a família pós-moderna, enquanto estrutura fluida, plural, com padrões, valores e práticas diferentes, pode potencialmente sofrer algum tipo de insegurança. Por isso, as relações intergeracionais e multigeracionais vêm ganhando importância para as famílias, em busca de uma maior coesão, bem-estar e suporte ao longo da vida.

Para compreendê-las, faz-se necessário primeiramente entender o sentido das gerações em si. O conceito de geração é definido pelo espaço decorrido do nascimento de pessoas no período de uma vintena de anos. Sendo assim, a geração traz consigo um sentido histórico e engloba medidas de mudanças nos contextos econômicos, sociais, culturais e tecnológicos nos quais a família se insere. Cada geração vivencia uma sociedade marcada por tempo específico, com repercussões importantes para o desenvolvimento pessoal que também será importante para se compreender as questões ligadas às relações intergeracionais (BUCHER-MALUSCHKE, 2008). Além disso, a ideia de geração traz consigo o conceito de parentesco. Os sistemas de parentesco são concebidos como estruturas formais da sociedade. Para Leite (2004), esses sistemas são constituídos a partir dos arranjos e combinações de três relações básicas: as de descendência (entre pais/filhos e/ou entre mães/filhos), de consanguinidade (entre irmãos) e de afinidade (firmada com o casamento). As funções do núcleo familiar, concebidas com base em sua organização, em termos de parentesco, são relevantes tanto para a família quanto para a sociedade em que está inserida, haja vista ser com ela (a família) o principal grupo que media a relação entre o indivíduo e a sociedade.

Segundo Alves, S. M. (2013) é no âmbito intergeracional da família que seus membros se estabelecem como sujeitos. É a partir da família que se pode compreender o comportamento de cada pessoa, à luz da organização e funcionamento de um sistema de relações, cuja conjuntura demarca e atribui sentido a tudo o que acontece no seu interior.

Sousa (2006) explicita que, na atualidade, as famílias estão se tornando mais verticais, diferentemente de como era no passado, ou seja, horizontais. Essa verticalidade tem sido evidenciada devido à diminuição da taxa de natalidade. Na atualidade cada vez mais as mulheres escolhem ter poucos filhos ou até mesmo não

os ter. Este fato, que acontece paralelamente ao aumento da longevidade, termina por tornar possível a coexistência de várias gerações. Cada geração possui poucos membros, sendo as mais novas aquelas com menos componentes. Como os casais têm filhos mais tarde, a diferença de idade entre as gerações é maior; no entanto, espera-se que famílias de quatro gerações se tornem cada vez mais comuns, apesar de maiores diferenças de idade (ALVES, S. M., 2013).

Corroborando com a referida autora, Harper (2006) afirma que há um aumento do número de gerações que convivem com membros de famílias de três ou de quatro gerações, com principalmente as mulheres tendo uma média de vida maior. Nesse sentido, Harper (2006) afirma que os indivíduos envelhecem tendo na família mais ligações verticais do que horizontais e passam mais tempo a desempenhar papéis intergeracionais do que antes: “Por exemplo, em termos verticais, uma estrutura familiar de quatro gerações tem três níveis de relações pais-filhos, dois conjuntos de ligações avós-netos e uma ligação bisavós-bisnetos” (MOTTA, 2004, p. 26). Sendo ao mesmo tempo figura e fundo desse novo cenário, aparece a família multigeracional. Vicente e Sousa (2010) ressaltam que a família multigeracional deve ser distinta da nuclear, caracterizando seus cinco subsistemas: a) indivíduo (unidade básica de todos os sistemas sociais), b) núcleo familiar (indivíduos em coabitação que partilham ou não laços familiares), c) composição familiar (associação, aliança ou coligação de dois ou mais núcleos familiares), d) geração (associação horizontal de indivíduos que partilham a mesma posição geracional), e) linhagem (associação vertical de indivíduos de diferentes gerações, pautada pela consanguinidade e partilha do patrimônio genético, envolvendo pessoas que partilham laços de ascendência ou descendência).

As referidas autoras ainda destacam as características do sistema familiar multigeracional, sendo elas:

- a) um percurso histórico longo e complexo envolvendo várias composições familiares, linhagens e gerações;
- b) um número elevado de subsistemas devido ao maior número de membros;
- c) a coexistência de indivíduos e famílias nucleares em praticamente todas as fases do desenvolvimento individual e familiar.

Além disso, explicitaram três funções da família multigeracional:

- a) a importância dos legados e heranças;
- b) a complexidade das redes sociais familiares, isto é, a ligação entre diversos

subsistemas;

- c) o papel central do apoio familiar, inserido no quadro mais vasto do apoio ou suporte social (VICENTE; SOUSA, 2010).

Nesta pesquisa o termo “família multigeracional” designa famílias com representantes vivos de quatro gerações, sendo um conjunto de pessoas ligadas por laços de sangue ou de amizade, vivendo ou não em coabitação, em diferentes distâncias geográficas e emocionais. Engloba um espectro etário variado, implicando, assim, a convivência de pessoas em um mesmo sistema social familiar com vivências sócio-históricas distintas.

Motta (2010) afirma que a presença simultânea dessas várias gerações se apresenta de modo mais duradouro do que em qualquer época da história. Dentro delas destacam-se as assim chamadas gerações: “centenária”, constituída pelos bisavós que são os idosos mais idosos; e a “geração pivô” que são os avós, também idosos, responsáveis pelos seus pais (bisavós) e, ao mesmo tempo, pelos seus filhos e netos. Cabe ressaltar que esses idosos vêm de contextos históricos diferentes, como destaca a autora:

Porque tão diferentes quanto são, quantitativamente, as idades de 60, 80 ou 100 e mais anos, podem, evidentemente, ser as condições corporais, sociais e os modos de vida de cada grupo dessas pessoas. Além de terem nascido em momentos sociais diversos e, conseqüentemente, formado seus *habitus* de classe e, conforme o gênero e a geração, em condições ou tempos sociais diferentes têm variados tempos de experiência de vida, e de uso e desgaste corporal e afetivo/emocional, ao confluírem para a atualidade (MOTTA, 2010, p. 437).

Nesse sentido, observa-se um entrecruzar de vários tempos dentro da família multigeracional, uma vez que convivem idosos, jovens, adolescentes e crianças. De acordo com Sousa (2006), esse encontro intergeracional pode ser conceituado como uma base no entrecruzar de três eixos temporais: tempo social (história da sociedade e da comunidade), tempo familiar (passagem pelas várias fases do ciclo de vida familiar) e tempo individual (aspectos do desenvolvimento individual). O tempo social alerta para o fato de que pessoas que nasceram e viveram em períodos distintos diferem em múltiplos aspectos (CARTER; MCGOLDRICK, 1995), tais como: mudanças nos papéis de gênero; aumento dos níveis de educação; melhor acesso a bens e serviços; diversificação nas atitudes em relação à família; e novas configurações familiares. O tempo individual reflete o desenvolvimento de

cada pessoa, a sua idade e características próprias em termos afetivos, cognitivos e sociais. O tempo familiar cruza com os outros e tem uma existência própria.

No entanto, esses diferentes tempos sociais entre avós/bisavós e netos acarretam, igualmente, desvantagens, sendo a mais notória centrada no fato de os netos poderem assumir que os avós/bisavós vivem no passado e são retrógrados. Verifica-se, ainda, que avós e netos podem ter preferência por diferentes atividades, por exemplo, os avós podem querer ler, enquanto os netos desejam jogar computador. Os avós, geralmente, vivem a meia-idade, e os bisavós a velhice. Os netos são crianças, adolescentes ou jovens adultos. Dessa forma, os avós vivem um período de algumas limitações físicas e de maturidade, e, ao mesmo tempo, já foram crianças, adolescentes e jovens. Os netos vivem um período de elevada competência física e construção da maturidade, sabendo que um dia serão idosos. Ramos conclui especificando que esse espaço de convívio abre múltiplas possibilidades (RAMOS, 2012, p. 43).

Os dados de pesquisas realizadas nos Estados Unidos e no Reino Unido, fornecidos pelos estudos de ligações intergeracionais da Associação de Reformados dos Estados Unidos (AARP), revelaram o seguinte: que mais da metade dos entrevistados eram membros de famílias de quatro gerações; que três quartos dos adultos virão a ser avós, e há um estudo que preconiza que um quinto de todas as mulheres que ultrapassarem os 80 anos viverão algum tempo em uma família de cinco gerações, na qualidade de trisavós; e ainda que quase um terço dos avós passarão pela experiência de serem bisavós, em famílias de quatro gerações. O quadro, no Reino Unido, assemelha-se às estimativas indicando que uma de cada três pessoas se tornará avó, papel que desempenharão, em média, durante 25 anos, com algumas previsões a sugerirem que possivelmente três quartos da população ascenderão à condição de avô/avó (HARPER, 2006).

Refletindo sobre a diminuição do número de filhos nas famílias, esse fato tem como consequência a diminuição do número de netos, o que leva os avós a valorizar mais os seus netos e ainda permite que estes possam dar mais atenção a eles. Aliás, é curioso verificar que antes existiam menos avós para mais netos, agora há mais avós para menos netos. Voltando à verticalização das famílias, é importante referir que essa circunstância acarreta, igualmente, o aumento da importância das relações intergeracionais, uma vez que há uma diminuição de membros na família nuclear, mas um aumento no número de gerações convivendo.

Alves, S. M. (2013) pontua que o aumento da longevidade ocasiona uma coexistência maior no decorrer do tempo entre as gerações, beneficiando bisnetos, netos, filhos, pais, avós e bisavós. Convém destacar que os laços geracionais podem chegar a quatro ou até mesmo cinco gerações. A aproximação geracional possibilita troca mútua, no contexto familiar do cenário contemporâneo e suas nuances. Essa interação proporciona a criação de um ambiente de desenvolvimento de afetos e de criatividade entre todas as gerações envolvidas. Para Ramos (2012), a intergeracionalidade promove a educação, o respeito e a solidariedade entre as gerações.

A referida autora acrescenta que as atividades intergeracionais proporcionam um espaço em que as diferentes gerações, desde que respeitando as diferenças e conhecimentos, criam um espaço comum de troca mútua de saberes e afetos, de solidariedade e de diálogo entre os mais velhos e os mais jovens, a partir dos conhecimentos e experiências de cada um.

Nesse cruzamento de vivências está presente a velhice, enquanto vivência atual ou próxima aos avós e distante para os netos. Este encontro pode constituir uma oportunidade para desenvolver atitudes positivas em relação à velhice e ao envelhecimento. Pode-se refletir que quando os avós, assim como os bisavós, sentem-se valorizados e queridos pelos netos, vão atribuir um significado mais positivo à velhice; ao mesmo tempo, se os netos gostam dos avós vão sentir menos a ameaça da velhice como uma fase apenas de perda de competências. Rodrigues (2013) complementa explicando que as relações com os netos e bisnetos ajudam a superar as perdas, as fragilidades, as limitações e as angústias do envelhecimento. Bekker et al. (1966 *apud* DOKA; MERTZ, 1988) enfatizam que o convívio com os bisavós favorece melhores atitudes diante da idade. Sendo assim, os mais novos ganham com a experiência dos mais idosos para o seu desenvolvimento afetivo e criativo.

Vários fatores terão implicações nesses relacionamentos, nas famílias e em suas gerações. Sousa (2006) explica que o aumento das mulheres/mães que trabalham fora tem vindo a exigir uma modificação na implicação do papel dos avós na educação dos netos. Por exemplo: é cada vez mais frequente que os avós assumam tarefas como levar os netos à creche ou à escola, ou ainda a cursos extracurriculares, dentre outros. Contudo, segundo a referida autora, pode-se prever que esta situação sofra algumas alterações, uma vez que também os avós estão

cada vez mais inseridos no mercado de trabalho e que desempenharão essa atividade até mais tarde, o que os impede de se tornarem mais presentes junto aos netos.

Apesar disso, é possível afirmar que se as relações são envoltas em carinho, compreensão e aprendizagem mútua permitem que os netos desenvolvam atitudes mais positivas em relação ao envelhecimento. Não se pode esquecer que conflitos também ocorrem na convivência familiar; no entanto, como explica Moragas (2004), em um cenário com três ou mais gerações conflitos são considerados comuns, fazendo parte na vivência e comunicação familiar. A relação com os netos e bisnetos oferece a possibilidade de que os avós quebrem as regras de comportamento adequadas à idade, se é que há regras. Pires (2015) explica que se trata de uma relação preciosa que se torna capaz de preencher lacunas. Enquanto na atualidade as crianças e seus pais se tornam cada vez mais atarefados, o contato com os avós e bisavós irá representar desprendimento, tranquilidade e envolvimento com o lúdico e criativo. Rodrigues (2013) ressalta a diversidade de estimulações que ocorre na interação das gerações mais velhas com as mais novas de ordem verbal, física, visual e cinestésica.

Observa-se que os papéis intergeracionais são interconectados a um grau de interdependência. Nesse sentido o acesso às gerações sempre é mediado por outra geração (DREW; SILVERSTEIN, 2004). Assim, o acesso aos avós é mediado pelos pais e o acesso aos bisavós, por avós e netos. Doka e Mertz (1988) destacaram que é importante reconhecer que o relacionamento com os bisavós é mediado duplamente, ou seja, por duas gerações. O estudo de Drew e Silverstein (2004) sobre as relações intergeracionais envolvidas no papel dos bisavós destaca que estes, simultaneamente, ocupam três papéis intergeracionais, ou seja, bisavós, avós e pais. A identificação com o papel desempenhado será maior de acordo com a proximidade entre as gerações. Nesse sentido a identificação com o papel de pais é maior, uma vez que foi desempenhado por mais tempo.

O papel de avós também é importante e já ocorre um engajamento com o maior número de familiares, como explicita Motta (2010), denominando essa geração de “geração pivô”, por ter maiores níveis de responsabilidade. O papel de bisavós se relaciona intimamente com o desenrolar dos outros dois papéis, de avós e pais. Essa relação intergeracional desempenhada por bisavós proporciona um impacto bastante positivo no bem-estar dos idosos, de acordo com os autores. Os

bisavós abrem a possibilidade de uma perspectiva de geratividade e longevidade. Nesse sentido, são vistos como anteriores e fundadores da família, fornecendo uma noção de temporalidade, de início e fim da vida.

Por se tratar de uma família com a convivência de várias gerações, os conflitos são inevitáveis; no entanto, não carregam em si um peso negativo, pois são considerados um processo de ajuda mútua, uma vez que as gerações mais idosas não são apenas cuidadas, mas também auxiliam nos cuidados, estabelecendo-se uma relação de reciprocidade, como afirmam Silva et al. (2015). Os mesmos autores explicam que os conflitos podem ser administrados de forma saudável, à medida que as várias gerações amadurecem emocionalmente e podem compreender-se mutuamente. Em questão está a forma como o conflito é manejado e solucionado, que pode ser problemático dependendo de como é abordado. A compreensão entre as gerações mostra-se como fator fundamental para a solução dos conflitos, inerentes à comunicação familiar. Devido às diferentes esferas de sociabilidade de cada geração, podem ocorrer tensões entre os valores vivenciados, que poderão ser relacionados através dos conflitos para uma harmonização da comunicação que busca as afinidades e comunhão de estilos de vida (BARROS, 2013).

3.2 O papel dos bisavós

No seio da família multigeracional podemos encontrar os bisavós como membros que mais exercem relações intergeracionais por estarem em uma posição de maior idade na família. A revista *Pais e Filhos*, em sua edição de novembro de 2013, traz um depoimento sobre o que é ser bisavó, explicando que se trata de ser mãe três vezes, sendo ainda mais doce que ser avó. Trata-se de um papel muito forte, afinal é uma pessoa que já viveu quatro gerações e que demarca o início de uma árvore genealógica. Assim, os bisavós assistem ao crescimento de três gerações de crianças: filhos, netos e bisnetos (RODRIGUES, 2013).

O papel de bisavós muitas vezes é simplesmente assemelhado ao de avós; no entanto, não se pode apenas colocá-lo como tal uma vez que se trata de outro posicionamento dentro da família. Alguns questionamentos ficam em aberto quando se reflete como seria esse papel, já que a família já possui avós. Além disso, outro fator que não se pode deixar de mencionar são as novas formas de famílias que têm emergido nas últimas décadas, trazendo à tona novas relações familiares. É o que

acontece com os divórcios e recasamentos que criam novos elementos para a família, tais como, os padrastos e madrastas e, cada vez mais, “avodrastos e bisavodrastos”. A vivência desses papéis na família, pela sua novidade, pode colocar a quem os exerce, assim como a quem com eles convive, diversas dúvidas e questões.

O interesse científico por essa geração mais idosa se deu nos anos 80 por meio de uma pesquisa, realizada nos Estados Unidos por Wentowski (1985). A autora buscou compreender o papel e a percepção de bisavós. Para tanto foram entrevistadas 19 bisavós com idade média de 82 anos, acerca de questões sobre suas percepções sobre o papel de bisavós, o significado e sua autopercepção. Elas assinalaram que as visitas eram a forma que tinham para conhecer e acompanhar seus netos. A partir dessa pesquisa Wentowski (1985) explica que três aspectos no papel de bisavós são particularmente importantes. Primeiro, o sentido pessoal e familiar de renovação alcançado ao se tornarem bisavós, uma vez que esse papel reafirma a continuação da família. A satisfação de ver sua família se estender à quarta geração gerava um forte apoio psicológico no enfrentamento da idade avançada. Segundo, os bisnetos trazem diversão para suas vidas, já que há novas tarefas a fazer, novos lugares a visitar e novas pessoas envolvidas. Wentowski (1985) elencou como terceiro aspecto o marco de longevidade. A referida autora destacou ainda que quando compararam seu comportamento em seu antigo papel de avó, as participantes sentiram que quando se tornaram bisavós, em função da idade avançada e falta de proximidade geográfica, restringia-se sua capacidade de realizar o seu papel de bisavó, da mesma forma que tinha desempenhado o de avó. Elas também se sentiram mais afastadas da quarta geração e assinalaram que as visitas eram a forma que tinham de conhecer e acompanhar os bisnetos, dando-lhes a oportunidade de brincar e trocar afeto com eles.

Doka e Mertz (1988) explicam que a conexão entre bisavós e bisnetos implica num sentimento de continuidade biológica, assim como do sucesso familiar, o que leva os bisavós a se sentirem confortáveis ao fazerem uma revisão de sua vida. Em sua pesquisa, realizada nos Estados Unidos, participaram 35 mulheres e 5 homens, com idade média de 80 anos. Os participantes foram entrevistados sobre o significado e a importância do papel de bisavós. A maioria definiu esse papel como significativo emocionalmente e gratificante, proporcionando uma sensação de renovação pessoal e familiar, diversão para as suas vidas e uma marca de

longevidade. Dois estilos de vivenciar esse papel ficaram evidentes: os mais velhos mantinham relacionamentos mais distantes e os mais jovens mantinham relacionamentos mais próximos. Os autores encontraram que os bisavós mais jovens e provenientes de famílias mais unidas tenderam a adotar um relacionamento mais próximo dos bisnetos, apresentando maior frequência de visitas, passeios e maior participação em eventos de lazer. No entanto, a maioria adotou um relacionamento mais distante, por razões diversas como: estado de saúde debilitado, distância geográfica, dificuldade de locomoção ou mesmo conflitos intergeracionais. Também foi constatado que muitos desses bisavós estavam respondendo bem às mudanças ocasionadas pela coabitação, divórcio, novo casamento entre as gerações mais jovens na família e no relacionamento com os bisnetos.

Após aproximadamente uma década, Reese e Murray (1996), tomando a teoria de Erik Erikson como base, analisaram o significado de ser bisavó com vistas a encontrar transcendência e um significado para viver. Participaram oito bisavós da comunidade afro-americana e oito caucasianas, dos Estados Unidos, cuja idade variou entre 75 e 89 anos. Assim, a revisão de vida se torna bastante importante, uma vez que torna possível integrar sua história e os sentimentos vividos em todas as etapas do ciclo vital da família. Recordar tem sido muito importante para alguns idosos. Os bisavós chegaram a um estágio de vida em que se preocuparão com o sentido da vida e a integridade. Erikson (1986 *apud* REESE; MURRAY, 1996) explica que ser bisavô/ó faz dele/a um ancestral e, portanto, parte de uma rede familiar que irá se estender no futuro por meio de pensamentos, lembranças e comemorações.

Os resultados do estudo de Reese e Murray (1996) indicam que, ao encontrar oportunidades de influenciar bisnetos, o/a bisavô/ó aumenta as possibilidades de significado e transcendência. Os bisavós procuram maneiras de influenciar a sua descendência, uma vez que ver parte deles vivendo em seus bisnetos proporcionaria a sensação de ter cumprido o propósito da vida. Os autores destacaram alguns fatores que contribuem para isso como: união, religião, sabedoria, valores e histórias. O domínio da união envolve os sentidos compartilhados com os bisnetos, presente em objetos, ideias, traços genéticos e interesses similares. A religião compreende instruir os bisnetos acerca da importância da fé. A sabedoria vem da experiência de vida, obtida pelos bisavós

através da sobrevivência no dia a dia. Os valores são repassados em forma de conselhos e pelo fato de serem bons exemplos a seguir. As histórias, por fim, tinham a ver com a revisão de vida, abrindo a possibilidade de passar informações de geração para geração. Dessa forma, é possível comparar o passado com o presente e manter temas familiares vivos. Por meio desses fatores seria possível criar um sentido de transcendência ao papel dos bisavós. Ao estabelecer um relacionamento com seus bisnetos, os bisavós aumentam suas possibilidades de dar sentido e transmitir valores às próximas gerações da família e assim transcender. A família foi considerada o fator comum que influenciou a transcendência.

Barer (2001) realizou uma pesquisa com 96 mulheres negras, com média de idade de 85 anos, com objetivo de detectar os fatores que favorecem e os que dificultam o relacionamento com os netos, bisnetos e até tataranetos. Entre os dificultadores encontram-se: a segregação dos idosos, dificuldades econômicas, dispersão geográfica dos familiares, dificuldades de memória e de mobilidade. Apesar disso, a proximidade, a frequência de contato, o apoio mútuo e a história passada de cuidado parental aproximaram as idosas dos seus descendentes. Elas demonstraram preferência por algum neto (geralmente o mais velho), mas se mostraram distantes em relação a outros, embora tenham denotado orgulho do grande número de descendentes.

Para o referido autor, a posição dos bisavós na família tende a ter menos visibilidade por causa da presença dos avós e porque os bisavós fazem parte da geração bem mais velha. Eles não têm muito tempo ou condição física para oferecer apoio aos bisnetos, além de que a relação bisavós e bisnetos é mediada por duas gerações: a dos avós e a dos pais das crianças. Isso pode tornar mais complicada a frequência de contato. Enquanto a geração dos avós tem sido denominada “geração sanduíche”, por se encontrar imprensada entre os próprios pais idosos e os filhos se lançando no mundo, o autor denominou a geração dos bisavós de “geração sobremesa”.

A literatura brasileira acerca do papel de bisavós aponta um *status* especial na relação multigeracional (DIAS; PINTO, 2007). Sua importância se dá sob o ponto de vista emocional e simbólico. As referidas autoras realizaram sua pesquisa na cidade do Recife, com o intuito de investigar o papel dos bisavós e seu relacionamento com seus bisnetos. Para tanto foram investigados 21 bisavós, com idade média de 77 anos. Concluíram que o papel de bisavós se destaca devido ao

seu valor, realçando sentimentos positivos, relacionados à longevidade, orgulho e satisfação. Rabinovich, Azambuja e Moreira (2014) ressaltaram que, de modo geral, os bisavós transmitem um legado geracional que faz parte da memória familiar e contribui para a vida cotidiana da família. Além disso, são vistos sob uma perspectiva de longevidade, como os fundadores da família, fornecendo uma maior noção de temporalidade.

Ser bisavós pode dar aos idosos um novo senso de vida, de acordo com Ward e Belanger (2010). Os autores explicam que é como uma parte de si que irá sobreviver. Assim, os bisavós trazem uma forma de renovação pessoal e familiar, uma fonte de diversão e uma marca de longevidade. Segundo Papalia, Olds e Feldman (2006):

Avós e bisavós são importantes para suas famílias. Eles são fonte de sabedoria, parceiros de jogos, ligações com o passado e símbolos da continuidade da vida familiar. Estão envolvidos na derradeira função gerativa: expressar o desejo humano de transcender a mortalidade investindo em si próprios e nas vidas das gerações futuras (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006, p. 734).

Sendo assim, o papel desempenhado pelos bisavós na família constitui-se de tarefas como: contar histórias e anedotas, dar presentes, cuidar dos netos e bisnetos, passear com eles, realizar atividades de lazer, orientar e rezar por eles, entre outras. Pode-se dizer que os bisavós oferecem apoio emocional e financeiro com o objetivo de ir além de sua própria geração e é através desses comportamentos que ocorre a transmissão de valores familiares (DOKA; MERTZ, 1988). Dias e Pinto (2007) ainda destacam que os bisavós prestam ajuda do tipo expressivo ou emocional, englobando comportamentos de dar afeto, atenção, conselhos, telefonar e apoiar. Em seu estudo os bisavós se referiam a atividades como orações, conversas e conselhos como formas de ajudar a família. Essas atividades são os meios de conexão com as outras gerações, servindo como veículo de expressão da afetividade. Pires (2015, p. 108) reflete que essas conexões “serão recursos valiosos no futuro, capazes de abrir uma brecha naqueles momentos em que parece não haver mais saída”.

Even-Zohar e Garby (2016), em estudo realizado com 103 bisavós em Israel, destacam que os bisavós se veem como figuras significativas e importantes para unir a família e mantê-la unida. De acordo com as autoras, a motivação de unir a

família é fundamental, aumentando o investimento pessoal no papel a ser desempenhado pelos bisavós. O contato com os bisnetos se torna um mediador para uma melhor qualidade de vida dos bisavós, levando em consideração a dimensão de aproximação emocional entre as gerações. A proximidade geográfica se mostrou como facilitador desse contato direto entre a geração mais idosa e a mais nova. Os resultados desse estudo apontam para a necessidade prática de encorajar a relação entre as gerações bisavós-bisnetos.

No entanto, o que pode dificultar o desempenho dessas atividades de contato intergeracional são limitações físicas, distâncias geográficas, dificuldades econômicas ou ainda dificuldades de relacionamento (WENTOWSKY, 1985; DOKA; MERTZ, 1988; DIAS; PINTO, 2007). Portanto, há de se levar em conta que no relacionamento intergeracional pode haver falhas de comunicação ou ainda choques de gerações que poderão levar a um afastamento das gerações.

O estudo de Miron et al. (2017), realizado nos Estados Unidos, com bisnetos jovens-adultos, demonstrou que há uma preocupação da parte deles com esse contato, principalmente em caso de doença dos bisavós. Os participantes buscavam interação como forma de solidariedade intergeracional, como fazer companhia, dar afeto e carinho. No entanto, não se pode generalizar este estudo, uma vez que vários fatores estão ligados ao relacionamento intergeracional, como mencionado anteriormente. Não obstante, pode-se afirmar como fator positivo a preocupação de jovens adultos com as gerações dos avós e bisavós, buscando uma maior interação intergeracional.

Segundo Rodrigues (2013), o sentido da passagem intergeracional se encontra, sobretudo, em acontecimentos vividos, mais do que em palavras ou regras. Roberto e Skoglund (1996) chegaram à conclusão em sua pesquisa que os bisavós ocupavam o papel de “professores”, uma vez que influenciavam várias áreas das vidas de seus bisnetos como ideais familiares, crenças educacionais, crenças religiosas e valores sexuais. Dias e Pinto (2007) ressaltaram a sabedoria com a qual os bisavós relatavam ter enfrentado suas dificuldades e adaptação à atualidade. Além disso, Camarano (1999) aponta que há a possibilidade também de assumir papéis não esperados, tornando-se importantes agentes de mudanças sociais.

Moragas (1997) afirma que as bisavós atuais se assemelham às avós do passado, assim como as avós de hoje se assemelham aos pais de ontem. Já,

Rabinovich, Azambuja e Moreira (2014) expõem dois tipos de bisavós, através de sua pesquisa realizada no estado da Bahia: os “mais do que avós” e os “no lugar de avós”. Os “mais do que avós” seriam os mais idosos, que necessitam de mais ajuda, mas que contam mais histórias. Aqueles “no lugar dos avós” são mais jovens e ainda proveem cuidados aos bisnetos. É importante destacar que, devido à idade, possivelmente as bisavós disponibilizam um cuidado mais expressivo e emocional, uma vez que possuem limitações físicas que dificultam o contato com os bisnetos (DIAS; PINTO, 2007).

Retomando o ponto de vista de Rabinovich, Azambuja e Moreira (2014), torna-se evidente, em sua pesquisa com 50 bisnetos na Bahia, que há uma rica contribuição para a vida cotidiana da família. Os bisavós aproximam a criança da noção de finitude, uma vez que aparecem ainda mais velhos que seus avós. As crianças podem experienciar uma mudança de posição de netos para bisnetos. Mietkiewicz e Jolliot (2004) destacaram, ao analisar os desenhos de 90 crianças, que elas não confundiam seus avós e bisavós, ou seja, os subsistemas geracionais, ressaltando a proximidade relacional entre as gerações.

Dias e Silva (1999) e Dias e Pinto (2007) ressaltaram que há diversas variáveis que poderão interferir no relacionamento estabelecido entre os bisavós e bisnetos como: sexo, idade, classe social, condições de moradia e de saúde, características pessoais e familiares, ordem de nascimento dos bisnetos e idades dos mesmos.

Além disso, uma característica importante destacada por Rabinovich, Azambuja e Moreira é que através do papel de bisavós se transforma aquele que cuida naquele que é cuidado. Assim como ocorre com os demais familiares, os filhos, netos e bisnetos passam para a posição de cuidadores. Em certo sentido, observa-se uma relação invertida, uma vez que os bisavós necessitam de ajuda, podendo esse relacionamento se manifestar de forma lúdica e positiva, se assim for mediada.

Retomando a pesquisa de Dias e Pinto (2007), pode-se destacar a alegria dos bisavós com a chegada dos bisnetos, apresentada no estudo. Segundo as autoras, ela é motivo de orgulho, plenitude e sentimento de continuidade. Elas concluíram que o significado e os sentimentos experimentados pelos bisavós foram positivos. No entanto, destacaram ainda que a frequência de contato com os bisnetos depende da mediação das gerações intermediárias. O relacionamento com os familiares, para

a maioria, também foi considerado satisfatório.

Doka e Mertz (1988) distinguem os estilos de bisavós entre os próximos e os à distância. No estilo à distância ocorre um contato com os bisnetos de forma mais ritual e limitado a datas comemorativas em família. Já o estilo próximo se evidencia por estarem geograficamente mais próximos e assim também mais acessíveis. Cabe ressaltar que características como saúde, idade, *status* econômico e mobilidade são variáveis críticas que influenciam no estilo de ser bisavós.

É possível denotar certa ambiguidade no papel dos bisavós, como afirmam Drew e Silverstein (2004), devido à distância biológica entre os membros da família. Os autores explicam que quão mais extenso for o papel intergeracional, mais difícil a sua definição. Assim, muitas vezes o papel dos bisavós é assemelhado ao dos avós, sem diferenças significativas (DIAS; PINTO, 2007). Apesar da ambiguidade, o papel de bisavós foi identificado como significativo e preenchido de emoção (DOKA; MERTZ, 1988; WENTOWSKY, 1985). Além disso, cabe ressaltar seu grande valor intergeracional, atrelado à linhagem familiar que mantém a cultura familiar (DREW; SILVERSTEIN, 2004).

Nesse sentido, o relacionamento intergeracional é exatamente um lugar de encontro de gerações, propiciado pelo relacionamento dos bisavós com as outras gerações. De acordo com Cardoso (2011) a relação intergeracional é benéfica para todos os membros da família, tornando-se uma via de mão dupla. Enquanto o carinho dos mais jovens contribui para a renovação de interesse pela vida, orgulho, satisfação e senso de utilidade dos idosos, estes transmitem suas experiências e podem ser fonte de apoio e confiança. A autora ainda explica que as gerações têm aptidão para se proteger, educar, estimular, suportar-se mutuamente, assim como interagir quando em necessidade. Nessa troca entre mais jovens e mais idosos desenvolvem-se competências específicas em ambos. Oliveira, P. (1993) conclui dizendo que os idosos educam e são reeducados pelos mais jovens, uma vez que se renovam nesse convívio intergeracional.

3.3 A transgeracionalidade na multigeracionalidade

Através do convívio entre as gerações abre-se a possibilidade de transmissão de saberes entre as gerações. Gomes e Zanetti (2009) descrevem essa transmissão como transgeracionalidade, isto é, um legado que é herdado e constitui uma riqueza

de costumes e tradições que são expedidos através das relações de afeto. Pode-se dizer que são histórias de doenças, perdas, lutos, ganhos, dívidas, lucros, lutas, vitórias e sucessos, que, por sua vez são registradas no corpo e na alma do ser humano que foi deixado pelos seus ancestrais transmitidas em forma de herança.

Segundo Dumazedier (s/d *apud* RAMOS, 2012) destacam-se três modalidades de transmissão, as quais são importantes para o desenvolvimento das relações e da solidariedade intergeracional. A primeira seria a transmissão dos saberes das velhas gerações às novas gerações, que continuam a ter uma função de transmissão de conhecimentos em meio familiar. A segunda modalidade envolve a transmissão de saberes das novas gerações para as mais velhas, através de práticas não apenas de autoformação, podendo ser apoiada por instituições. A terceira e última modalidade é a coexistência pacífica ou conflituosa entre os saberes, visando a uma coeducação das gerações. O objetivo é o de abrir espaço para o diálogo entre as gerações e negociar as fronteiras entre os saberes e as competências de ontem e de hoje.

Rey (1999 *apud* RODRIGUES, 2013) ainda ressalta que ocorre uma transmissão de memória familiar que se organiza em torno de dois eixos: um vertical que é o da transmissão de saberes, valores e dos códigos entre as gerações e um eixo horizontal que liga o sistema da família ao sistema sociocultural. Desse modo se dá o contato com as tradições do passado que poderão ser úteis para uma melhor compreensão da realidade atual. Rodrigues (2013) explica que se trata de um “elo de transmissão cultural”, uma vez que representa a história familiar, sendo assim uma ligação entre o passado e o futuro. O autor ainda destaca que as gerações mais velhas transmitem legados às mais novas que são de três tipos: legados de ordem, referentes à responsabilidade, organização, costumes e educação; legados de solidariedade que dizem respeito a valores e sentimentos; e, legados de fé e espiritualidade.

Galiza e Gonsalves (2015) destacam que a transgeracionalidade irá compreender uma expressão de valores, padrões de comportamentos e expressões psíquicas, relativas a um grupo familiar em determinado período de tempo. No entanto, esses valores também podem sofrer alterações com o tempo e com a transformação social. As famílias são reconhecidas como evolutivas e em transformação, num processo simultâneo de mudança, desenvolvimento e continuidade. O ciclo de vida familiar descreve o modo como as famílias evoluem e

se transformam, providenciando marcos para dividir o relógio familiar em segmentos. Nesta encruzilhada de tempos, devem considerar-se três ou quatro gerações com diferentes tempos de vida social, familiar e individual: bisavós, avós, pais, netos/bisnetos.

Nesse entrecruzar de tempos convivendo, Galiza e Gonçalves (2015) explicam que:

A transgeracionalidade não só promove a concretude da identidade individual advinda da identidade familiar, como também, proporciona o início das compreensões de vários comportamentos presentes nas famílias, suas singularidades, idiossincrasias e subjetividades, os quais ditam as normas e regras da família e da própria postura da pessoa perante a vida (GALIZA; GONÇALVES, 2015, p. 83).

Trata-se, portanto, de uma herança adquirida através do passado para compreensão de sentidos e valores familiares. As autoras chegam a falar de um “passaporte eterno” com qual pode-se viajar ao passado e retornar ao presente, em busca de uma maior aproximação e entendimento da história familiar e das práticas atuais.

Como lemos em Vicente e Sousa (2010), a guarda da memória familiar é uma das funções da família multigeracional. As autoras afirmam que essa herança emerge em termos da identidade familiar e individual, isto é:

Este tópico envolve relações entre subsistemas da família multigeracional, neste caso entre subsistemas geracionais. Apesar de se repercutirem no funcionamento da família nuclear, estas dinâmicas ocorrem sobretudo num nível de complexidade sistêmica distinto: o sistema familiar multigeracional. (VICENTE; SOUSA, 2010, p. 161).

O passar de saberes de geração a geração é visto como a guarda de memórias em formato de herança familiar. Aos atores familiares que desempenham esta função atribuiu-se a designação de “guardião das memórias familiares”. Levando em conta a questão do legado geracional, pode-se falar também em termos de herança familiar. A herança é interpretada por vários ângulos, dependendo da esfera a ser analisada. Em termos do direito, a herança é definida como os bens materiais que são passados adiante dentro da família, subordinado a leis da justiça nacional. Já segundo a biologia, a herança é vista sob o ponto de vista genético, sendo o DNA formado pela mistura das heranças genéticas familiares paternas e maternas. O enfoque psicológico também leva em conta a herança familiar, uma vez

que o sujeito é analisado como produto de muitas heranças que ocorrem no interior da família e também fora dela nas esferas social, econômica e cultural, durante o seu desenvolvimento. A linha da herança familiar diante de membros de famílias se dá em cadeias sincrônicas e diacrônicas, são parte de transmissões as mais variadas possíveis, podendo surgir fenômenos de repetição de eventos os mais variados (BUCHER-MALUSCHKE, 2008). Nesse sentido trata-se de uma transmissão de um conteúdo psíquico, podendo este ser consciente ou não, de uma geração à próxima, como explica Bucher-Maluschke:

Ora como transmissão transgeracional, intergeracional, multigeracional, cogeracional, ora como produção intersubjetiva que incide sobre o intrapsíquico e na subjetividade do sujeito, ou ainda podendo fomentar delegações, missões, lealdade invisíveis, segredos, mitos e ritos nas interações entre os membros da família através das gerações (BUCHER-MALUSCHKE, 2008, p. 77).

A autora ainda continua lembrando que esse conteúdo que é passado adiante de forma transgeracional ou intergeracional pode ser transformado, mas faz parte da memória familiar. Esta garante a transmissão dos ascendentes aos descendentes de valores culturais e familiares, sob influência dos mitos e ritos da família em questão.

Bessa, Costa e Mark (2016) ressaltam que a herança acontece no interior da família, mas sofre inferências das esferas social, econômica e cultural em que está inserida. Esses fatores irão contribuir de forma significativa para a constituição da herança familiar e sua repercussão no desenvolvimento da identidade daquele sistema.

Nesse contexto vale salientar que a teoria sistêmica se ocupou de estudar questões transgeracionais e aspectos como a memória familiar, deixando de lado a ideia de memória como depósito, mas levando em conta a memória como processo dinâmico na família. Acerca desse tema, os teóricos húngaros, de base sistêmica e terapeuta familiar, Boszormenyi-Nagy e Spark se debruçam sobre a dimensão transgeracional e intergeracional. Em seu livro clássico *Lealdades invisíveis* (1973), os autores afirmam que cada família traz consigo um legado transgeracional que é composto tanto por elementos positivos como negativos. Esse legado ou mandato se move entre as gerações psiquicamente, sendo na maioria das vezes inconsciente e invisível.

Para melhor compreensão da transgeracionalidade Bozormeny-Nagy e Spark

(1973) trazem um aprofundamento de conceitos inerentes ao fenômeno:

Conceito de Lealdade – Os autores explicam que poderão ocorrer sentimentos de solidariedade, compromisso e corresponsabilização entre as gerações. O objetivo desses sentimentos seria a unificação do sistema familiar, além de atender às necessidades singulares dos membros do sistema para a permanência das características familiares emocionais e intelectuais. Caso não ocorra o padrão de lealdade, podem surgir as dívidas simbólicas, muitas vezes inconscientes.

Conceito de Parentificação – Tal conceito traz a noção de papéis, responsabilidades e funções, que podem ser atribuídas de forma equivocada ou prematura. Trata-se de uma atribuição parental a outros membros do sistema, sendo provavelmente invertida aos filhos, por exemplo. As relações verticais acabam perdendo sua estrutura, o que poderá provocar interferência nas relações intergeracionais.

Conceito de Justiça Familiar – A essência deste conceito é o desafio de manter o equilíbrio entre os seus membros com a manutenção do mandato transgeracional. Em outras palavras, trata-se de fazer jus ao que foi herdado.

Boszormenyi-Nagy e Spark (1973) trazem a ideia que toda família possui “um grande livro” que simbolicamente seria a contabilidade familiar dos méritos acumulados através das gerações, sendo este o legado da herança dos méritos.

Na mesma direção teórica observa-se Stierlin, terapeuta familiar alemão. O autor irá se debruçar sobre as distinções das relações dos sistemas horizontais e verticais. Os sistemas denominados verticais se estendem por várias gerações, ou seja, bisavós, avós, netos, bisnetos. Segundo Stierlin (1998), os sistemas verticais possuem uma dinâmica mais fecunda, pois, irão influenciar as estruturas sistêmicas horizontais. Sendo assim, as motivações e atitudes presentes se mostram como expressões do sistema familiar vertical, isto é, vivências de várias gerações ascendentes.

Nesse sentido, podemos inferir que a família se organiza a partir de um legado geracional. Magalhães e Ferès-Carneiro (2015) explicam que a partir desse legado coletivo, a família o transforma, visando sua própria herança geracional. “Nessa cadeia subjetivante, cada indivíduo acrescenta sua marca, ao mesmo tempo que recebe suas inscrições” (MAGALHÃES; FERÈS-CARNEIRO, 2015, p. 29). Assim, observa-se uma relação dialética, ou seja, de mão dupla, entre o que é

transmitido e o que transformado, ou, ainda, aprendido.

Em um estudo realizado por Ferrie, Massey e Rothbaum (2016), nos Estados Unidos, sobre mobilidade multigeracional, foram encontradas evidências das transmissões intergeracionais passadas pelas gerações dos avós e bisavós, inclusive em questões financeiras da família. Os autores denominaram tal fenômeno de “efeito bisavós” devido à sua importância na linhagem familiar.

Rabinovich, Azambuja e Moreira (2014) explicam que os legados geracionais transmitidos pelos bisavós fazem parte da memória familiar e contribuem não apenas para os idosos, mas para a família como um todo, refletindo-se na vida cotidiana. De maneira mais objetiva esse repassar de saberes, pode ser ao contar histórias do passado, abrindo a possibilidade de escrever e rescrever contextos. As autoras Galiza e Gonsalves (2015, p. 68) explicam que ao mesmo tempo em que “revisitamos nossa história estamos nos convidando a olhar com outros olhos a história que foi vivenciada por outros antes de nós”. Essa transmissão poderá ocorrer como sensações psíquicas, corporais, comportamentais, emocionais e afetivas; são heranças vivas que englobam acontecimentos significativos na vida familiar.

Observa-se, portanto, que a convivência entre as gerações é importante como projeto social, educacional e de desenvolvimento, tanto a nível individual, como também familiar e coletivo. A família está num lugar em que pode promover as relações intergeracionais entre os seus membros, educando e socializando com vistas a um crescimento psicoafetivo saudável para todos os envolvidos. Ramos (2012) argumenta:

Sendo a família o primeiro exemplo de relação intergeracional, a primeira instituição socializadora e educativa e a principal responsável pela transmissão da cultura e dos valores às gerações é, sobretudo, na família que estes valores poderão ser verdadeiramente ensinados, cultivados e aprofundados e onde envelhecer com esperança pode ser alimentado (RAMOS, 2012, p. 53).

Dessa maneira é possível incluir as gerações mais idosas, a dos bisavós, promovendo o diálogo e o convívio entre as gerações que são benéficas para todos (BENGSTON, 2001; DREW; SILVERSTEIN, 2004; RAMOS, 2012). Cardoso (2011) acrescenta que esse convívio estimula a troca e a transmissão da cultura e dos valores de família, configurando os papéis parentais na vida familiar e na sociedade.

No contexto relacional entre essas gerações, valores, crenças e atitudes podem ser revistos, repensados e ainda ressignificados em várias dimensões. Apesar da diferença de idades, a geração dos bisavós tem muito a contribuir, desde que se permita estreitar os laços e criar uma maior proximidade intergeracional e, assim, contribuir para uma sociedade de todas as idades com integração, cooperação e interlocução.

Para que haja aproximação entre as gerações de bisnetos e bisavós é necessária a mediação das outras gerações, ou seja, os filhos e os netos. Além disso, há outros fatores que poderão interferir no relacionamento intergeracional, tais como: sexo, idade, nível socioeconômico, estado de saúde, distância geográfica, características pessoais e estrutura familiar. As relações intergeracionais irão possibilitar a transmissão de legados geracionais e culturais que são parte da memória familiar, contribuindo para a família como um todo.

Cabe ressaltar que ainda há muito a ser explorado sobre o tema em questão. Como destaca Motta (2010) essas gerações aguardam pesquisas sistemáticas. Além disso, observam-se pesquisas no contexto das relações entre gerações que, no entanto, possuem um limitado poder compreensivo da dinâmica do sistema familiar multigeracional por focarem mais na influência das relações diádicas, de acordo com Vicente e Sousa (2010). Ainda há escassez de literatura sobre o tema, deixando algumas lacunas que precisam ainda ser pesquisadas, o que justifica a presente pesquisa.

4 OBJETIVOS E MÉTODO

4.1 Objetivos

4.1.1 Objetivo geral

Compreender o papel dos bisavós na família e as repercussões das relações estabelecidas com as diferentes gerações desta.

4.1.2 Objetivos específicos

- Identificar as atividades desempenhadas pelos bisavós com cada geração.
- Caracterizar as necessidades e sentimentos experimentados pelos bisavós e seus familiares no tocante às relações intergeracionais.
- Compreender as relações intergeracionais perpassadas pela presença dos bisavós pelos membros das gerações subsequentes.
- Identificar o legado que os bisavós deixam aos filhos, netos e bisnetos na perspectiva de cada geração.
- Analisar o significado de ser (e ter) bisavós na família, na perspectiva de cada um dos bisavós, filhos, netos e bisnetos.

4.2 Método

4.2.1 Natureza da pesquisa

Em função dos objetivos propostos, optou-se por uma pesquisa de natureza qualitativa por nos possibilitar uma maior compreensão dos fenômenos e das relações, priorizando o objeto de investigação a partir do que é colocado pelos participantes e do significado que possuem para os mesmos. As metodologias qualitativas, de modo geral, privilegiam a análise de microprocessos sociais, individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados em sua amplitude, profundidade e multiplicidade no momento da análise (MINAYO, 2004). Esse tipo de abordagem permite uma interação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, como vínculo indissociável (SILVA; MENEZES, 2005).

Nesta pesquisa foi utilizado como estratégia de pesquisa o estudo de casos múltiplos, tendo como propósito, segundo Patton (2002), reunir informações detalhadas e sistemáticas sobre um determinado fenômeno. Freitas e Jabbour (2011) enfatizam que se trata de um procedimento metodológico com foco no entendimento contextual, centrando-se na compreensão da dinâmica do contexto real e envolvendo-se em um estudo profundo de poucos objetos para seu amplo e detalhado conhecimento. Acrescentam ainda que os casos múltiplos permitem mais consistência e possibilidade de generalizações.

4.2.2 Participantes

Quanto ao critério de escolha dos participantes, foi utilizada uma amostragem proposital. Por esse critério, segundo Turato (2003), o pesquisador escolhe deliberadamente os participantes que comporão o estudo, de acordo com os objetivos do trabalho, desde que possam fornecer as informações referentes ao mesmo. Eles foram procurados entre pessoas do conhecimento da pesquisadora, bem como indicados pelos próprios participantes.

Os participantes desta pesquisa foram cinco famílias com quatro gerações, sendo cada família um estudo de caso, totalizando 22 participantes. Os bisavós participantes são de ambos os sexos com idade a partir de 60 anos. De acordo com a Lei brasileira 10.741, seguindo o referencial da Organização das Nações Unidas (ONU), para que uma pessoa seja considerada idosa, nos países em desenvolvimento, foi estabelecida a idade de 60 anos. Acredita-se que delimitar a idade cronológica foi vantajoso para compreender melhor questões ligadas ao envelhecimento que estão relacionadas ao papel de bisavós.

Não foram considerados o estado civil, a escolaridade, nem o nível socioeconômico para a escolha dos participantes. No entanto, eles deveriam gozar de um estado de saúde que lhes permitisse participar da pesquisa, isto é, estar em uso adequado das suas faculdades mentais para garantir a validade das respostas ao instrumento a ser utilizado, o que foi verificado através da conversa com a pesquisadora.

Quanto às gerações, foi entrevistado um de cada geração, tendo como critério sua disponibilidade para participação na pesquisa, sendo: um(a) filho(a), um(a) neto(a) e um(a) bisneto(a). Optou-se por delimitar também uma idade mínima de

sete anos para a participação da geração mais nova, ou seja, dos bisnetos, para a compreensão do instrumento a ser utilizado.

Os participantes colaboradores desta pesquisa foram uma tataravó e cinco bisavós (três bisavós e dois bisavôs), com idade entre 74 e 97 anos; cinco filhos (três filhas e dois filhos), na faixa etária entre 51 e 63 anos; cinco netos (três netas e dois netos) de 24 a 42 anos de idade e cinco bisnetos (uma bisneta e quatro bisnetos), sendo quatro entre 7 e 10 anos, e um com 24 anos de idade; e um tataraneto de 7 anos de idade. Apesar da disparidade entre as idades dos bisnetos optou-se por manter o participante com mais idade devido ao maior tempo de convivência com os bisavós. Vale salientar que o bisneto de 24 anos foi criado e ainda mora com a bisavó.

Os participantes serão identificados com nomes fictícios iniciados com a mesma letra, compondo assim as famílias A, B, C, D e E. Desse modo seus nomes foram preservados e suas identidades mantidas em sigilo. A seguir, serão apresentados, em cinco quadros, os dados sociodemográficos de cada família.

Quadro 1 - Dados sociodemográficos referentes à Família A

Geração	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Profissão	Religião
Bisavó Anita	75 anos	Casada	Superior completo	Advogada aposentada	Evangélica
Filho Arnaldo	52 anos	Casado	Superior completo	Comerciante	Evangélico
Neta Alice	24 anos	Casada	Ensino Médio completo	Comerciante	Evangélica
Bisneta Amanda	7 anos	Solteira	2º Ano do Ensino Fundamental	Estudante	Evangélica

Fonte: Dados da pesquisadora, 2017.

A família A é composta pelo casal de bisavós, que tiveram apenas um filho. Este por sua vez tem dois filhos, sendo um neto e uma neta. As três bisnetas são duas filhas do neto e uma filha da neta. De acordo com a estrutura da moradia dessa bisavó, essa família aparenta pertencer à classe média. Observa-se como importante a questão da repetição da religião evangélica em todas as gerações.

Quadro 2 – Dados sociodemográficos referentes à Família B

Geração	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Profissão	Religião
Bisavô Bartolomeu	95 anos	Viúvo	Superior completo	Magistrado aposentado	Católico
Filha Betty	63 anos	Divorciada	Superior completo	Advogada	Evangélica
Neto Beto	36 anos	Solteiro	Ensino Superior completo	Advogado	Católico
Bisneto Betinho	10 anos	Solteiro	5º Ano do Ensino Fundamental	Estudante	Católico

Fonte: Dados da pesquisadora, 2017.

A família B é composta pelo bisavô, dois filhos e uma filha. Essa filha foi entrevistada, assim como um dos seus três filhos, três netos e um bisneto. Pode-se afirmar que aparentemente pertenceriam à classe média alta. A profissão ligado ao ramo de Direito se mostra repetida nas três primeiras gerações.

Quadro 3 – Dados sociodemográficos referentes à Família C

Geração	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Profissão	Religião
Bisavó Carmem	74 anos	Viúva	Ensino Fundamental incompleto	Manicure Aposentada	Católica
Filha Célia	52 anos	Divorciada	Ensino Médio incompleto	Serviços gerais	Católica
Neto Caio	31 anos	Casado	Ensino Médio completo	Marceneiro	Católico
Bisneto Carlos	7 anos	Solteiro	2º Ano do Ensino Fundamental	Estudante	Católico

Fonte: Dados da pesquisadora, 2017.

A família C é composta pela bisavó, cinco filhas, um filho, cinco netas, seis netos e três bisnetos e uma bisneta. Aparentam pertencer à classe média baixa. Observa-se novamente a repetição da religião em toda a família.

Quadro 4 – Dados sociodemográficos referentes à Família D

Geração	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Profissão	Religião
Tataravó Daniele	97 anos	Viúva	Ensino Fundamental incompleto	Do lar	Evangélica
Filha Denise	63 anos	Casada	Ensino Fundamental incompleto	Do lar	Não tem
Neta Daisy	42 anos	Separada	Ensino Fundamental incompleto	Do lar	Não tem
Bisneto Danilo	24 anos	Solteiro	Ensino Médio incompleto	Estudante	Não tem
Tataraneto Daniel	7 anos	Solteiro	Ensino Fundamental em andamento	Estudante	Evangélico

Fonte: Dados da pesquisadora, 2017.

A família D é composta pela bisavó, seis filhos e quatro filhas, treze netos e dez netas, vinte bisnetos e quinze bisnetas, dez tataranetos e sete tataranetas. Aparentam pertencer à classe média baixa. É interessante notar que a religião evangélica da tataravó irá apenas se repetir no tataraneto novamente.

Quadro 5 – Dados sociodemográficos referentes à Família E

Geração	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Profissão	Religião
Bisavô Ernesto	84 anos	Casado	Ensino Médio completo	Auxiliar administrativo aposentado	Católico
Bisavó Ester	74 anos	Casada	Ensino Médio completo	Do lar	Católica
Filho	51	Casado	Ensino Médio	Vendedor	Evangélico

Everaldo	anos		completo		
Neta Esmeralda	28 anos	Casada	Ensino Médio completo	Do lar	Evangélica
Bisneto Eduardo	7 anos	Solteiro	1º Ano do Ensino Fundamental	Estudante	Evangélico

Fonte: Dados da pesquisadora, 2017.

A família E é composta pela bisavó e bisavô, um filho e duas filhas, quatro netas, dois netos, três bisnetas e um bisneto. Aparentam pertencer à classe média.

4.2.3 Instrumentos

Como instrumento de pesquisa foi utilizada a entrevista semiestruturada com quatro roteiros (vide APÊNDICE A). Esse instrumento permite que a entrevista seja orientada por tópicos, que são introduzidos pelo pesquisador, permitindo que a entrevista flua como uma conversa em profundidade. Esse instrumento, como técnica de coleta de dados, ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece perspectivas possíveis para facilitar a espontaneidade do participante, o que favorece a investigação.

A entrevista foi composta de questões que atendem aos objetivos propostos, elaboradas pela própria pesquisadora, contemplando também os dados sociodemográficos dos participantes. Minayo (2004, p. 99) esclarece que a entrevista orienta “uma conversa com finalidade, servindo como facilitadora de abertura, ampliação e aprofundamento da comunicação”, obtendo-se assim informações e opiniões pertinentes ao estudo. O roteiro permite uma conversação informal que possibilita ao participante um relato espontâneo de sua experiência, e orienta os temas a serem abordados, não sendo necessário seguir uma ordem rígida, podendo ser acrescido por conteúdos relevantes na elaboração discursiva dos entrevistados.

Devido às diferentes idades e posicionamentos familiares, houve um roteiro específico para cada geração entrevistada, totalizando quatro roteiros diferentes. Cabe ressaltar que houve o cuidado para manter o tópico da relação com bisavós em relevância para que não ocorressem desvios ao tema proposto. Além disso, as

questões foram adaptadas para a geração dos bisnetos devido à sua pouca idade, em geral, com o objetivo de facilitar sua compreensão e participação.

4.2.4 Procedimentos de coleta de dados

Após a obtenção da aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, sob o CAAEE nº 60725816.4.000 5206 (ANEXO A), iniciou-se a coleta de dados. Os participantes são residentes da Região Metropolitana de Recife, e foram contatados via comunicação telefônica para um primeiro encontro, no qual foram informados dos objetivos da pesquisa e da gravação das entrevistas, garantindo-se o anonimato e o sigilo das informações. Obtendo a aprovação, assinaram o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (TCLE, vide APÊNDICES B, C e D).

Foram então marcados encontros em suas residências para a coleta dos dados através de uma entrevista individual, realizada de forma semidirigida com um roteiro específico para cada geração. O contato foi estabelecido, em todas as cinco famílias, através dos filhos, que se propunham a organizar encontros com as demais gerações. No caso de duas famílias foi organizado um almoço com toda a família com vistas a participar da pesquisa. Os objetivos da pesquisa foram explicados para todas as gerações para sua análise e confirmação de participação da pesquisa. Para os participantes menores de idade, os responsáveis assinaram o TCLE (APÊNDICE D). Os participantes foram atendidos em sua residência ou outro local de sua preferência (residência de algum dos familiares), sendo entrevistados individualmente em um local particular. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas de forma literal, tentando-se manter o máximo de fidelidade sobre o que foi dito.

4.2.5 Procedimentos de análise dos dados

Os dados coletados foram analisados de acordo com a Técnica de Análise Temática de Conteúdo. Segundo Minayo (2004, p. 209), ela consiste “em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado”.

A análise temática se desenvolve segundo as fases da pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e sua interpretação.

Explicando melhor cada etapa percorrida, a *pré-análise* se concentra “na escolha dos documentos a serem analisados; na retomada dos objetivos iniciais da pesquisa, reformulando-as frente ao material coletado e na elaboração de indicadores que orientem a interpretação final” (MINAYO, 2004, p. 209). A segunda etapa é a *exploração do material*, que “consiste essencialmente na operação de codificação, através da transformação dos dados brutos, visando alcançar o núcleo de compreensão do texto” (MINAYO, 2004, p. 210). “A partir daí o pesquisador realiza as *interpretações* previstas no seu quadro teórico” (MINAYO, 2004, p. 210). Dessa forma, são abordados os temas predominantes na fala dos participantes e analisados com base na literatura consultada. Todos os resultados obtidos, decorrentes das entrevistas com as quatro gerações, foram relacionados para uma melhor compreensão do fenômeno estudado.

No capítulo a seguir os resultados serão apresentados e discutidos à luz da literatura consultada e da Teoria Sistêmica, buscando compreender o papel dos bisavós na família.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O principal propósito deste capítulo é apresentar e discutir os resultados encontrados na pesquisa. A análise e a discussão dos resultados foram construídas a partir das entrevistas realizadas com os vinte e dois participantes da pesquisa, sendo uma tataravó, cinco bisavós, cinco filhos, cinco netos, cinco bisnetos e um tataraneto. Cabe ressaltar que as respostas das gerações mais novas foram analisadas sempre com relação aos bisavós, uma vez que estes compõem o tema central desta pesquisa. Os nomes utilizados são fictícios, a partir de letras do alfabeto, salientando-se que os nomes com as mesmas iniciais fazem parte de uma mesma família entrevistada.

Em cada família, pode-se destacar alguma peculiaridade. Na família A como figura central foi entrevistada a bisavó; na família B como figura central foi entrevistado o bisavô, que é viúvo; na família C foi entrevistada a bisavó, que está em situação de coresidência com uma filha e dois netos desta; na família D, uma tataravó que cria o tataraneto; e, finalmente, a família E, onde o casal (bisavó e bisavô), foi entrevistado.

Foram levantados cinco eixos temáticos que foram analisados a partir das entrevistas: sentimentos experimentados ao se tornarem bisavós e ao ter bisavós; atividades desempenhadas pelos bisavós em sua família; características do relacionamento intergeracional na família; legado dos bisavós; significado de ser (ou ter) bisavó/ô. Nesta sessão iremos apresentar e discutir os resultados encontrados de acordo com cada eixo temático por cada família pesquisada.

5.1 Análise das famílias

5.1.1 Família A

A propriedade da globalidade ou totalidade postula que a interação que ocorre entre os elementos do sistema os torna mutuamente interdependentes. Dessa forma, cada parte estará de tal forma relacionada com as demais que uma mudança em uma delas acarretará mudanças na totalidade do sistema (VASCONCELLOS, 2012). As falas dos membros da família A demonstraram, de modo geral, um

sentimento de alegria com relação à chegada da bisneta, especialmente por parte da bisavó. Os sentimentos expressos pelos familiares e pela própria bisavó foram de: realização, felicidade, agradecimento, festa, sentimento de protagonismo. A fala a seguir demonstra os sentimentos expressos:

Ao saber que iria ser bisavó, senti-me super-realizada e agradecida ao meu Deus. Ele me concedeu vida para festejar mais uma dádiva. Na vinda dessa geração futura, onde eu sou protagonista. O sentimento mesmo foi de festa! (Bisavó Anita).

Corroborando com Harper (2006), ser bisavó é um marco de longevidade, quando vemos na fala da bisavó comemorando e dizendo: “Ele me concedeu vida”. Segundo Doka e Mertz (1988) tornar-se bisavó é um momento emocionalmente gratificante, proporcionando sentimentos de renovação pessoal e familiar, uma marca de longevidade, o que foi possível apreender no relato dessa primeira geração. Esse sentimento de gratificação é reforçado pelas demais gerações. Além disso, o filho declara se sentir completamente feliz, em relação a sua mãe ter a possibilidade de ser bisavó. “*Achei que os sentimentos da minha mãe seriam bem parecidos com os meus. Um sonho realizado. Uma nova geração, que ela protagonizou! Deu início; isso não tem preço! Felicidade completa!*” (Filho Arnaldo).

O filho reafirma o protagonismo da primeira geração, utilizando-se inclusive da mesma palavra “protagonista” para descrever a importância que a bisavó tem na família por ter dado início, corroborando com Dias e Pinto (2007) que falam do *status* especial dos bisavós. Ao mesmo tempo notamos a presença da propriedade da hierarquia (DIAS; AGUIAR; HORA, 2009) pela qual a bisavó pode ser percebida numa posição superior aos demais membros do sistema, em que pese sua idade avançada.

Com relação à neta observamos sentimentos um pouco diferenciados, tais como: insegurança, ciúme e confusão. Isso se deve ao fato de que ela teve receio de sentir seu lugar usurpado pela filha, junto aos avós. Vê-se isto no seu depoimento:

Não estava esperando ficar grávida, mas aconteceu... e aí senti uma certa ansiedade pelo fato de achar que iria ser colocada em segundo lugar por meus avós. Sempre tive uma proximidade muito grande com eles e acho que com a vinda da minha filha fiquei insegura... (Neta Alice).

Neste ponto percebe-se a propriedade da interdependência ou não somatividade, pois é impossível descrever um sistema considerando apenas suas partes, desconsiderando as relações que elas estabelecem entre si. Como a neta mantinha uma relação de muita afetividade com a avó, ela se sentiu ameaçada pelo nascimento de sua própria filha.

Para ser sincera surgiram sentimentos de insegurança. Fiquei confusa com toda a situação. E um pouco de ciúme também senti. Fiquei pensando que minha vó só iria querer saber da minha filha. Ficar em segundo plano. E eu estava precisando tanto dela... Mas também fiquei feliz que minha filha ia conhecer minha vó (Neta Alice).

Constatamos, ao longo das entrevistas, que o nascimento da bisneta parece ter um efeito positivo ao contribuir para o equilíbrio na família, mesmo que inicialmente tenha causado um desequilíbrio, mas acabou por unir as gerações em torno do novo membro. Este fato corrobora com Even-Zohar e Garby (2016) que veem bisavós e bisnetos como figuras significativas para unir a família e mantê-la coesa.

Para os bisnetos a situação se apresenta com naturalidade, uma vez que já nasceram e convivem com essa primeira geração, ou seja, os bisavós estão presentes em sua vida desde cedo e são amados por eles. Pires (2015) assinala que, do ponto de vista dos bisnetos, o contato com os bisavós representa momentos de desprendimento, tranquilidade, entre outros.

Quanto às atividades desempenhadas na família A, a bisavó referiu que está pronta para dar apoio à sua família. Corroborando com Drew e Silverstein (2004) que esclarecem que as bisavós ocupam três papéis intergeracionais simultaneamente, ou seja, bisavós, avós e mães, notamos como essa bisavó se coloca de maneiras distintas com relação à sua neta e à sua bisneta:

Eu procuro ajudar em tudo que estiver ao meu alcance. Ser uma pessoa de apoio. Seja pra cuidar da minha bisneta ou conversar com minha neta, estou sempre a postos. E o que eu não puder fazer, coloco nas mãos de Deus, né? O impossível Deus provê (Bisavó Anita).

O filho Arnaldo valoriza as atividades realizadas com a sua mãe como vemos na seguinte fala:

Eu mantenho um vínculo muito próximo. Faço visitas quase que constantes. Almoçamos, oramos, confidenciamos, conversamos muitos assuntos diversos do passado, do presente e futuro também. Tive muita sorte com meus pais, apesar de ter perdido o meu muito jovem, com dezesseis anos na época, minha mãe foi uma guerreira naqueles dias difíceis, exercendo papel de pai também, eu só tenho a agradecer (Filho Arnaldo).

Observamos que, de acordo com Drew e Silverstein (2004), há a possibilidade de existir uma ligação maior, entre as gerações mais próximas, no caso mãe e filho. A neta Alice demonstra satisfação nas atividades feitas em família:

Sempre fazemos esses programas de família. É bem legal. Fazemos muitas coisas, passeamos, saímos para almoçar. Tenho uma boa relação com meus avós. Eles sempre procuraram me orientar da melhor forma possível para que pusesse fazer boas escolhas. É um apoio mesmo, sei que posso contar com eles. O que é bom... porque não fui deixada assim de lado, né?” [ri]” (Neta Alice).

Corroborando com Wentowski (1985), vemos que as atividades realizadas com a bisavó potencializam a convivência entre ela e os demais membros da família extensa. A neta acrescenta ainda que, com o nascimento de sua filha, ela se aproximou ainda mais de sua avó. Alice diz: *“Passei a ir com eles aos lugares onde passeávamos quando eu era criança... assim, eu vou com minha vó e minha filha... Gosto quando fazemos isso” (Neta Alice).*

Nas atividades realizadas com a bisneta observamos a importância da tecnologia como uma forma de construir memórias, quando a bisavó tira fotos da bisneta, o que a faz se sentir amada e valorizada, como vemos na seguinte fala: *“A Bisa... Eu gosto quando ela tira foto minha” (Bisneta Amanda).*

O relacionamento intergeracional na família A parece acontecer de forma natural, apesar de que, de forma implícita, percebe-se a existência de conflitos, como ocorre em qualquer família. A grande diferença de idade, de valores e experiências das diferentes gerações pode funcionar como um gatilho para os conflitos familiares; no entanto, a bisavó parece usar de sabedoria para lidar de modo honesto com situações porventura existentes, como vemos nas seguintes falas:

É uma relação boa com todos. A gente tem uma relação respeitosa, agradável. Verdadeira, essa é a palavra. É uma relação verdadeira (Bisavó Anita).

*Nem tudo são flores, existe sim o conflito de gerações e outros. Esses devem ser encarados com sabedoria e discernimento. Conversa, atitude e sobretudo ação. São ingredientes de ensino para uma convivência sempre melhor. Essa coisa de “faça o que eu mando e não faça o que eu faço” não serve, nem funciona. O exemplo de vida é o mais eficaz (Filho Arnaldo).
Viver em uma família de quatro gerações é um privilégio. Um presente de Deus mesmo! Às vezes temos conflitos, mas eu lido de forma natural. Por que cada um está vivendo um momento. Um momento diferente, que deve ser respeitado e compreendido (Neta Alice.).*

Observa-se nas falas a percepção do conflito como algo natural, parte da vida familiar, como explicitou Moragas (2004). A partir dessa visão busca-se solucioná-los com respeito e compreensão, com vistas à aprendizagem (SILVA et al., 2015).

Ainda sobre a diferença etária, corroborando com Wentowsky (1985), Doka e Mertz (1988) e Dias e Pinto (2007) nas falas da família percebemos uma consciência das diferenças geradas pelas diferentes idades e tempos sociais. Para Carter e McGoldrick (1995), o tempo social alerta para o fato de que cada membro da família nasceu e vive em períodos distintos, portanto, difere em múltiplos aspectos. Assim, para se relacionarem, é necessário se respeitar mutuamente e procurar compreender-se em suas singularidades.

Quanto aos legados que os bisavós desejam transmitir para a sua família, corroborando com Gomes e Zanetti (2009), é no convívio entre as gerações que se abre a possibilidade da transmissão de saberes. Como na família A existe uma convivência intensa, notamos que a bisavó está transmitindo valores que perpassam as gerações, que estão alcançando a sua bisneta, com vemos nas seguintes falas:

Quería que eles se mantenham perto da palavra de Deus. Assim, ser fiel à palavra de Deus enquanto viver. Ter um modo de vida pautado nos ensinamentos da Bíblia, que é a razão de existirmos. Não existe perfeição no ser humano, porém buscamos aprender para agradecer ao nosso Criador. Se eles manterem isso, ficarei muito feliz (Anita).

Olha, se eu fosse falar em uma única palavra, esta seria “educação”, pois sem ela, ficaria bem difícil ou impossível uma estrutura familiar. O legado dos meus pais que tenho é a educação que tive. Vivi no lar em que o respeito ao próximo era pauta do dia a dia (Filho Armando).

Acho que o exemplo de respeito e conduta também. Essa educação com o qual eles educaram seus filhos. E o amor. O amor é tudo! Vejo que eles passam esse amor adiante. O amor que meus avós sentem por nós e também pela minha filha. Gostaria muito que minha filha aprendesse isso. Gostaria muito. É, assim, a capacidade de amar de verdade, amor ao próximo (Neta Alice).

Quando a gente tava passeando, a gente encontrou um carroceiro uma vez e ajudamos ele. Foi tão legal! (Bisneta Amanda).

Pode-se concluir, a partir das referidas falas, que a bisavó está transmitindo os três tipos de legados nomeados por Rodrigues (2013): legados de fé, como amor a Deus; legados de ordem, como educação, e legados de solidariedade, como amor ao próximo.

Quanto ao significado de ser bisavó, corroborando com Rabinovich, Azambuja e Moreira (2014), nesta família, segundo os depoimentos, tem uma relação direta com legados que podem ser transmitidos a eles.

É uma alegria, mas também é uma responsabilidade. Acredito que o importante na vida é ter a consciência de dever cumprido. Como pessoa, cidadã e cristã, eu procuro com esforço fazer isso. Assim poderei deixar um legado decente a minha posteridade (Bisavó Anita).

É interessante notar que tanto o filho como a neta concordam que o significado atribuído à bisavó está relacionando aos legados que são transmitidos à família, ou seja, oportunidade de compartilhar experiências que aprendeu com as novas gerações, como se vê nos seguintes trechos:

É muito gratificante presenciar a família crescendo. Uma dádiva de Deus! Viver esse momento é algo singular, único, poucos têm esse privilégio. Para mim seria algo extraordinário esse momento vivenciar algo assim, seria uma experiência que eu não tenho ideia. Eu queria muito viver um momento como esse, seria mais oportunidades de partilhar suas experiências, aprender muito e compartilhar tudo que se aprendeu para uma nova geração (Filho Arnaldo).

Para mim significa estar deixando nosso legado. Gostaria muito de exercer esse papel um dia (Neta Alice).

5.1.2 Família B

A propriedade da globalidade da Teoria Sistêmica (VASCONCELLOS, 2012) se confirma também no modelo de funcionamento desta família. A chegada do bisneto, mesmo que não esperado, trouxe sentimentos de alegria. A fala do bisavô expressa esse sentimento: *“Na verdade eu me sinto muito satisfeito, tenho a oportunidade de ver uma criança, meu bisneto, nascer, crescer, isso é muito bom”* (Bisavô Bartolomeu).

Na fala citada comprovamos o que foi dito por Doka e Metz (1988), que a experiência de ser bisavô é gratificante. As outras gerações também confirmaram esses sentimentos expressos por ele. A filha declarou a sua surpresa ao se tornar

avó, mas mesmo nessas circunstâncias, ou seja, diante da gravidez da então namorada de seu filho, achou que o fato trouxe sentimentos positivos:

Eu fiquei muito feliz, eu não estava esperando ser avó, aconteceu! Foi uma oportunidade maravilhosa para ele (o pai). Foi como um presente divino para o meu pai. Senti que trouxe uma renovação. Acho que trouxe nova vida para ele. Ele reviveu! (Filha Betty).

Nota-se a expressão usada pela filha “ele reviveu”. Segundo Couto et al. (2008) o desafio da velhice encontra-se em renovar a vida de maneira significativa. Para esse bisavô o nascimento do bisneto o fez reviver, dando sentido à sua vida e possivelmente acarretando o sentido de transcendência (REESE; MURRAY,1996). Wentowski (1985) afirma que a satisfação em ver a família se estender à quarta geração gera um apoio psicológico à idade avançada, e Rodrigues (2013) explica que a relação com os netos e os bisnetos ajuda a superar as perdas, as fragilidades e as limitações e angústias do envelhecimento.

Para o neto, que não esperava ser pai, o nascimento do filho trouxe sentimentos de confusão, uma vez que se tornar pai não é uma tarefa fácil como se vê no seguinte trecho:

Eu me senti muito confuso, pois não esperava me tornar pai... foi uma surpresa para mim, mas me senti feliz ao mesmo tempo. Mas, quando pensei no meu avô, foi um sentimento de gratidão assim... Muito agradecido mesmo! Eu sabia que ele iria ficar bem feliz, mas também sabia que ele ia ficar surpreso com a notícia. Foi bem assim mesmo, um susto feliz (Neto Beto).

Mais uma vez confirmamos que tanto a filha, quanto o neto, ao pensarem nos sentimentos que o nascimento do bisneto traria, tinham certeza que isso faria o bisavô feliz. Esses sentimentos de confusão e surpresa exemplificam bem as propriedades dos sistemas denominadas mudança e adaptabilidade, consistindo no fato de que todos os sistemas têm que passar por mudanças e se adaptar a elas, como ocorreu nessa família, como também foi possível observar na família A.

Já o bisneto parece lidar com naturalidade com a convivência com o bisavô, sem parecer ter a consciência de que ele foi a mola propulsora para o bisavô ter esse privilégio. Ele diz: “*É muito legal ter bisavô, ele é bem velhinho, mas é muito legal comigo*” (Bisneto Betinho).

Bengston (2001) defende o posicionamento de que a família moderna vive momentos de instabilidade e insegurança, porém são justamente as relações

intergeracionais e multigeracionais que darão suporte ao longo da vida. Ramos (2012) se refere ao termo “solidariedade das gerações” para assinalar esse suporte intergeracional.

Quanto às atividades intergeracionais desempenhadas na família B observamos, como Ramos (2012) explica, que proporcionam um espaço de troca mútua de saberes e afetos. Nessa família o bisavô referiu que já não pode fazer tantas coisas como gostaria, mas demonstrou sua satisfação no convívio com a família, como vemos na seguinte fala:

Pouca coisa, pois a idade já não me permite fazer o que gostaria, já tenho 95 anos, mas gostaria de poder viajar junto com todos eles... Mas o que posso eu fazer. Converso, conto minhas histórias de quando viajei... Acho que eles gostam. E no domingo é sempre festa. Almoçamos juntos e todos vêm a minha casa. Conversamos e rimos juntos, quando não podem vir, sinto falta (Bisavô Bartolomeu).

Essa fala destaca a importância das visitas. Para Wentowski (1985) são exatamente as visitas que fornecem oportunidade para os bisavós conhecerem e acompanharem os bisnetos. Notamos como para esse bisavô as visitas aos domingos são importantes, sendo vistas inclusive como “festa” em função da presença de todos, sendo a família a principal rede social desse idoso.

De acordo com Drew e Silverstein (2004) e Doka e Mertz (1988), o relacionamento dos bisavós e avós com as outras gerações é sempre mediado, e no caso dos bisnetos é mediado por duas gerações, a dos filhos e netos, fato este que se confirma na fala da filha, do neto e bisneto:

Todo domingo tentamos fazer alguma coisa, ele diz que é “festa” (ri). Então almoçamos sempre aos domingos com meu pai. Esse almoço com todos da família é muito importante para ele. Tenho um irmão falecido e o outro mora com ele. Quando junta todo mundo sinto que ele fica mais feliz de ver assim todo mundo reunido (Filha Betty).

Sempre venho almoçar aos domingos... já virou ritual de família. Também participamos de festinhas de aniversários, fazemos alguns passeios juntos, e muitas conversas. Haja conversa com meu vô (Neto Beto).

Para Doka e Mertz (1988), o relacionamento do bisneto Betinho com o bisavô poderia ser classificado como um relacionamento próximo, como vemos na seguinte fala: “Tomamos sorvete... almoçamos aos domingos... e, às vezes, vamos a uma festinha... coisa de família” (Bisneto Betinho).

É interessante notar como o bisneto nomeia esses encontros “como coisa de família”, definindo essas atividades como tradicionalmente familiares, já apontando, quem sabe, para um legado que está sendo transmitido como o da união familiar. O relacionamento intergeracional na família B aparece como significativo para todas as gerações que foram entrevistadas. Na fala do bisavô, vê-se como ele é ligado à sua família reconhecendo que são os valores emocionais, os vínculos familiares que valem a pena. *“Somos uma família bem unida. É isso que dá sentido na vida. Nessa idade que cheguei a gente vê que são essas coisas que contam: família, amor é isso que vale a pena”* (Bisavô Bartolomeu).

Nas falas das outras gerações percebemos que esses sentimentos perpassam para eles, que demonstraram querer aproveitar essa oportunidade de convivência com o bisavô. A filha, que está no meio das gerações, chamada na literatura de “geração pivô” (MOTTA, 2010) ou “geração sanduiche” (BARER, 2001), aponta o relacionamento como difícil, pois cabe a ela mediar o relacionamento entre as diferentes gerações. Ela fica entre o pai, o filho e neto, como vemos no seguinte trecho: *“Nos conflitos, eu procuro ter cautela e peço as bênçãos de Deus para resolver da melhor forma. No entanto, confesso que é difícil. Mas acho que estou conseguindo lidar bem”* (Filha Bety).

O neto relata a importância de seu relacionamento com o avô e ainda explica como deseja a convivência de seu filho com a avó e com o bisavô.

Só tenho meu avô e ele é minha referência de vida, meu modelo. Na verdade eu fiquei mais caseiro, e assim dou oportunidade pra meu filho ficar com a avó e com seu bisavô, eu acho essa convivência muito importante pra ele. Assim ele poderá aprender muito (Neto Beto).

Para Gomes e Zanetti (2006), é no convívio que os saberes são transmitidos, sendo justamente essa oportunidade que o neto quer dar ao seu filho. Quanto aos legados, que, segundo os autores, são histórias que são transmitidas e ficam registradas na alma e no corpo, nesta família fica evidente o legado transmitido pelo bisavô como legados de ordem, que se constituem em responsabilidade e educação (RODRIGUES, 2013). Acrescentamos que, de acordo com Silva e Dias (1999), os avós, em sua maioria, desejam deixar como legado para a família a continuação do nome. Este fato se confirmou neste caso: *“Eu acho que o mais importante na vida não são bens materiais, mas que eles tivessem um bom nome. Que eles nunca se*

envergonhem da família deles... porque a família é tudo que temos, no fim” (Bisavô Bartolomeu).

O nome da família tem significado simbólico de honra, de honestidade, de caráter, que é o que o bisavô está transmitindo para outras gerações, o que se confirma nos seguintes trechos:

Meu pai sempre disse, um nome honrado. E aprendemos isso. Ter um nome de respeito é importante na sociedade atual, onde nada tem valor. Um nome honrado significa ter valores como honestidade e fé (Filha Betty).

O legado que ele deixa pra todos nós são ensinamentos para sermos pessoas honradas. Aprendi isso com ele e quero muito que meu filho também tenha esse valor de família e honra pelo nome (Neto Beto).

Quanto ao significado de ser bisavô, corroborando com Rabinovich, Azambuja e Moreira (2014), vemos quanto o ser bisavô está ligado diretamente aos legados que podem ser transmitidos à família, como uma forma de herança, de continuidade de vida (WENTOWSKI, 1985).

Para mim ser bisavô é um mundo de reminiscências. Traz um mundo de lembranças, quando eu fui pai, depois meus filhos cresceram e eu fui avô e hoje meus filhos são avós e eu bisavô. Não pensei que viveria esses momentos. E também quem sabe, né? Deixar algumas memórias nesses meninos (Bisavô Bartolomeu).

A frase “deixar algumas memórias” remete a Reese e Muray (1996) que afirmam que o significado de ser bisavô está conectado a fazer parte de uma rede familiar que se estende no futuro por meio de pensamentos, lembranças e memórias, como citado por esse bisavô. Acrescenta-se que os referidos autores ainda afirmam que os bisavós buscam formas de influenciar as outras gerações, e este fato lhes proporciona o sentido de ter cumprido o propósito da vida, como se vê nas falas da filha e do neto.

Para mim significa que a família deu frutos, cresceu, e que é preciso guiá-los com nossa experiência para um bom caminho. Quem sabe chego lá um dia... (Filha Bety).

Acho que é ver sua geração crescer, participar, ensinar, ajudar com sua experiência de vida, ser referência, como meu avô é (Neto Beto).

5.1.3 Família C

Quanto à chegada do bisneto na família C, mais uma vez confirmamos o sentimento de alegria, que perpassa por toda a família, reforçando a propriedade da globalidade da Teoria Sistêmica (VASCONCELLOS, 2012). É interessante notar que novamente nesta família a chegada do bisneto não foi planejada; no entanto, a bisavó relata um sentimento de alegria, por ter a oportunidade de viver para ver os netos e os bisnetos, corroborando com Doka e Mertz (1988) que enfatizam o fato de se tornar bisavó como uma marca de longevidade, independentemente da situação.

Eu tinha uma vida difícil e tinha medo de morrer antes que esses filhos que ficaram vivos estivessem grandes, cuidando de suas próprias vidas. Essa era a minha maior preocupação. Hoje já sou bisavó, jamais poderia imaginar! É uma alegria ver meus netos e bisnetos (Bisavó Carmen).

Já a filha, que está na “geração pivô” (MOTTA, 2010), demonstrou alegria e preocupação. Assim como o neto, que ia se tornar pai.

Senti alegria. Na realidade foi uma surpresa pra mim, eu não esperava mesmo, mas fiquei alegre também! Minha mãe ia ganhar seu primeiro bisneto, ela que não esperava nem que fosse ver os netos, e eu ia ganhar meu primeiro neto. Depois da surpresa, fiquei emocionada e feliz (Filha Carla).

Minha mãe depois falou comigo e disse que estava muito feliz, mas ao mesmo tempo preocupada, pois eu não era casado e estava namorando há pouco tempo (Neto Caio).

De acordo com Aragão e Castilho (2002), não nascemos pais, tornamo-nos pais. Logo, a terceira geração entrevistada, a dos netos vive momentos não só de alegria, como também de senso de responsabilidade. Os referidos autores afirmam que surge uma série de questionamentos, como, por exemplo: como será este filho? O que é esperado dele como pai? O que o filho representará em sua vida, quais as mudanças necessárias, entre outros questionamentos. No entanto, em geral eles demonstram alegria pelo fato de darem um neto/bisneto aos pais/avós, como vemos nas seguintes falas do neto Caio.

Fiquei muito feliz e doidinho ao mesmo tempo. Na hora só pensei que eu ia ser pai, ia ter meu primeiro filho! Depois é que pensei que ia dar à minha mãe o primeiro neto e a meus avós o primeiro bisneto. Eu vivi com meus

avós e sabia do grande coração deles. Hoje sou pai e vejo quanto é importante para o filho se sentir amado, querido pela família (Neto Caio).

Quanto às atividades desempenhadas na família, no caso da bisavó Carmen, notamos que ela se envolve em atividades lúdicas com os bisnetos, e isso a alegra muito, além de que, como destaca Rodrigues (2013), são atividades muito benéficas para as gerações mais velhas, pois trazem uma infinidade de estimulações de ordem física, verbal, visual e cinestésica. A bisavó relata que é a primeira vez que tem essa oportunidade, uma vez que não teve tempo de fazer isso com os filhos e netos.

Hoje com meus bisnetos faço mais coisas porque tenho mais tempo, brinco, converso, assisto os programas que eles na televisão, gosto de ouvi-los cantar e dançar também. Tudo isso sem pressa, porque agora tenho muito tempo pra fazer isso. Fico tão alegre com eles! (Bisavó Carmem).

Na realidade, a bisavó Carmen ajudou na criação dos netos. Como afirmam Cardoso e Brito (2014) as avós, nessas situações, muitas vezes acabam assumindo as responsabilidades dos pais e tomam para si todos os cuidados com as crianças e só agora, com os bisnetos, podem desfrutar desse relacionamento como bisavó, sem tanta responsabilidade.

A filha exerce atividades de cuidado com a mãe, e está presente no dia a dia, corroborando com Jesus et al. (2013) que explicam que, na maioria das vezes, são as filhas que assumem o cuidado com os pais. Percebemos também o respeito pela sabedoria e experiência de vida alcançada por sua mãe, o que corrobora com a afirmação de Papalia, Olds e Feldman (2006) que as avós e/ou bisavós são fonte de sabedoria, como se vê na seguinte fala:

Faço tudo com minha mãe, vou com ela ao médico, ando na praça cinco e meia da manhã, vou ao posto de saúde pra ela tomar as vacinas, lembro as horas dos remédios, faço pagamentos pra ela, falo dos meus problemas, as coisas do dia a dia, faço tudo pra ela. Aceito os conselhos dela... porque quando ela diz uma coisa sempre está certa, queria ter o senso dela (Filha Carla).

O neto está mais presente nos finais de semana, e tem a preocupação de trazer os filhos para visitarem a avó e a bisavó.

Nos finais de semanas, quando posso, venho em casa ver minha avó e minha mãe e trago meus filhos. Atualmente estou na luta procurando emprego. Toda vizinhança conhece minha avó. Ela costuma sentar em uma cadeira na calçada todo finalzinho da tarde, todos que passam falam com ela! (Neto Caio).

Mais uma vez se confirma o contato mediado pelas outras gerações como citado por Doka e Mertz (1988) e Drew e Silverstein (2004). Wentowski (1985) afirma que o contato dos bisavós com os bisnetos se dá pelas visitas e na família C elas ocorrem mais nos finais de semana. Corroborando com Pires (2015), o contato com a avó e a bisavó se dá de forma tranquila e lúdica. O bisneto, confirmando o que foi dito pela bisavó, gosta de brincar, mesmo que seja só com participação indireta na brincadeira de sua avó e de sua bisavó.

Eu gosto quando venho pra casa da minha avó e minha bisavó. Elas moram numa casa e a gente sai pra rua, pra brincar na calçada, eu gosto de brincar de apostar corrida, elas ficam olhando eu correr e ficam falando: 'Corre, corre, corre!' (Bisneto Carlos).

O relacionamento intergeracional na família C também aparece como importante. De acordo com Rabelo e Neri (2014), o relacionamento dos idosos com seus filhos adultos, netos e bisnetos envolve grande complexidade emocional. Nesta família percebemos que a bisavó tenta ajudar, dando apoio emocional e, se necessário, até apoio financeiro, corroborando com Doka e Mertz (1988):

Tento ajudar, mas não decido a situação, aconselho, mas deixo ele decidir. Se o problema for financeiro eu ajudo no que puder. Meu marido me deixou a pensão dele e com jeito dá pra viver direitinho. Assim também com os outros meus filhos, são todos adultos, tento ajudar no que posso, tento não me meter, não posso trazer o problema pra mim (Bisavó Carmen).

Observa-se nessa fala também o posicionamento de “não se meter”, com o intuito de se manter fora dos problemas. Refletindo, vê-se que a bisavó tenta seguir o que afirma Billé (2002), quando explica que a eles é designado um papel muito sutil: ser capaz de fazer pelos netos e bisnetos sem, no entanto, usurpar a função dos pais; estar disponível, porém não atrapalhar; responder às demandas por conselhos, mas sem julgar. A filha Carla destaca um comportamento semelhante de não “se meter demais”:

Conflitos na família sempre tem, apesar da gente tentar que não tenha, mas fazer o quê? Se for com meus irmãos, e pedirem minha ajuda, eu estou sempre disposta a ajudar. Se for com meus filhos, aconselho, converso, ajudo, mas não tento resolver tudo, deixo cada um assumir suas responsabilidades. A gente tem que ter cuidado, pra na vontade de ajudar, de resolver, acabar se metendo demais. Então vou com calma (Filha Carla).

Pode-se destacar a necessidade de flexibilidade diante dos conflitos, inerentes à convivência, como explica Silva et al. (2015). Os autores indicam como ferramentas importantes para o relacionamento harmonioso a flexibilidade diante das dificuldades, o respeito mútuo e o constante diálogo.

Já o neto faz exatamente uma distinção entre as gerações: com sua mãe ele conversa tudo e com sua avó ele procura diminuir os problemas, demonstrando consideração por ela, corroborando com Drew e Silverstein que afirmam que existe uma maior ligação entre as gerações mais próximas (2004). Isso é exemplificado na seguinte fala:

Sou na minha, não me meto na vida de ninguém. Se precisar da minha ajuda me procura. Quanto à minha avó procuro não aperrear ela com meus problemas, quando falo pra ela tento diminuir a coisa, mas falo tudo pra minha mãe (Neto Caio).

Nessa fala, abre-se o questionamento acerca de como essa avó poderia se sentir com esse “ser poupada”. Silva et al. (2015) relatam que poderá ocorrer a insatisfação dos idosos em relação a esse tipo de conduta tomada pelas gerações mais novas, pois acreditam ser devido à divergência de opiniões devido aos diferentes contextos culturais vivenciados, colocando-os em uma situação de se sentirem “ultrapassados”. No entanto, é talvez exatamente em não os poupar que valores culturais podem ser transformados e ressignificados.

O bisneto parece conviver bem em sua família multigeracional. Ele diz: “*Eu gosto de todos, é bom ter muita gente pra falar e brincar*” (Bisneto Carlos).

Quanto aos legados transmitidos pela bisavó Carmen, de acordo com Rodrigues (2013) são legados de solidariedade, que dizem respeito a valores e sentimentos:

Gostaria também que eles conservassem a união entre a família, acho tão bonito ver todos reunidos na minha casa. Eu sempre fiz de tudo pela união da família, uma família desunida é tão triste... (Bisavó Carmen).

A união na família, a preocupação em manter todos unidos, a preocupação em conversar para resolver as brigas, e essa conversa tem que ser em voz baixa, não precisa os vizinhos ouvir (tenho irmãos que falam alto demais). Isso é o que é marcante na minha mãe (Filha Carla).

Pra minha avó a coisa mais importante da vida dela é a união da família, viver em paz, acho que isso ela tá deixando pra gente. Meu filho diz: 'A bisa nunca se esquece de mim... quero ir pra casa dela, só ela me deixa brincar na calçada e não fica brigando'. Ele gosta de canjica, perto da minha casa tem uma pessoa que vende canjica o ano inteiro, então minha avó sempre manda o dinheiro pra ele comprar canjica, ela nunca esquece (Neto Caio).

Minha bisa fala baixo, não grita, fala bem baixinho e gosta de ouvir música, eu também gosto disso. Minha bisa nunca se esquece de me dá o dinheiro pra eu comprar canjica, ela nunca esquece. Eu gosto demais de canjica. (Bisneto Carlos).

Para Rodrigues (2013), o sentido da passagem intergeracional se encontra sobretudo em acontecimentos vividos, mais do que em palavras ou regras como, por exemplo, o falar baixinho, dar dinheiro pra canjica. Isso corrobora as afirmações de Roberto e Skoglung (1996) que chamaram os bisavós de “professores”, por influenciarem os seus bisnetos em várias áreas.

Quanto ao significado de ser ou ter bisavó nessa família, apareceu como uma bênção de Deus, além de que, por sua experiência de vida, é considerada uma pessoa sábia.

Ser bisavó significa que Deus me achou merecedora dessa alegria, é ser abençoada por Deus. Pra mim significa ser recompensada (Bisavó Carmen).

Significa que é uma pessoa abençoada por Deus, nesses dias difíceis que a gente tá vivendo... Eu ser bisavó? Não sei, mas se Deus achar que mereço tudo bem! Vou ser uma bisavó muito moderna, ligada no tempo dos meus bisnetos (Filha Carla).

Acho que é uma pessoa especial porque está conseguindo ver muitas gerações de sua família, uma pessoa que já viveu tantas experiências na vida, já cometeu erros e acertou também, sabe muitas coisas porque já passou por muitos problemas. Minha avó mesmo não imaginava nem ver os netos, e agora já tem bisnetos. Ser bisavó não sei, mas se der... quero ter saúde (Neto Caio).

Nessas falas podemos perceber o *status* especial da bisavó (DIAS; PINTO, 2007), principalmente por ter uma experiência de vida, por ter passado pelos problemas e tê-los enfrentado.

5.1.4 Família D

O nascimento do bisneto nesta família, que já é composta por cinco gerações, é visto como uma bênção, corroborando com Doka e Mertz (1988). Interessante notar que na geração mais idosa, a dos bisavós, os sentimentos de gratidão estão comumente ligados à esfera religiosa como sentimentos de gratidão a Deus, como se vê na seguinte fala:

Fiquei muito feliz, porque minha família estava crescendo, Deus estava me abençoando me dando a oportunidade de ver meus bisnetos. Na realidade, já tenho trinotos, filhos dos meus bisnetos, não sei como se diz... Deus me deu muitos filhos, muito mais do que eu havia imaginado, meus filhos, netos, bisnetos e trinotos são bênçãos em minha vida. Hoje, aos 97 anos, nasci em 08 de fevereiro de 1920, fico feliz em ver a família numerosa que Deus me deu (Tataravó Daniele).

Nas outras gerações percebemos a confirmação do sentimento de alegria (DOKA; MERTZ, 1988) que é acrescentado pela visão da bisavó como apoio e como professora da vida, por excelência, capaz de transmitir os saberes das velhas gerações às novas gerações (RAMOS, 2012).

Sentimentos de alegria, de paz e muito amor. Minha mãe é uma pessoa muito tranquila, não se aperreia facilmente, amorosa, os bisnetos iriam ter uma bisavó maravilhosa. Uma pessoa de fácil convivência, uma mulher de fé. A fé que ela tem guia os dela, eles têm muito que aprender com ela. Quando meu primeiro neto nasceu, meu pai ainda era vivo, ele era uma pessoa de poucas palavras, mas também era carinhoso, tinha uma crença, era evangélico, assim como minha mãe (Filha Denise).

Sentimento de alegria, eu sabia, que minha avó ia ficar feliz e ia ser uma bisavó tranquila... uma bisa com quem os bisnetos podiam contar e com quem tinham muito a aprender (Neta Dayse).

Para o tataraneto, a tataravó, apesar da distância das gerações, ou seja, uma diferença muito grande de idade, ela é vista como mãe. Isso corrobora o que dizem Rabinovich, Azambuja e Moreira (2014) que distinguiram dois tipos de bisavós: “as mais que avós”, e aquelas no “lugar dos avós”, sendo estas as que ainda proveem cuidado aos bisnetos. A partir do seguinte trecho podemos dizer que essa tataravó está no lugar de avó, ou até mesmo de mãe:

Eu moro na casa da minha triavó (não sabe o termo correto), chamo pra ela de mãe, é uma bênção ter uma triavó. Eu tenho avó e bisavó também, é muita gente no mesmo lugar. Mas moro com minha triavó, às vezes, minha

outra mãe chama pra ir pra casa dela, mas não vou não, fico com a minha mãe daqui (Tataraneto Daniel).

Quanto às atividades realizadas em família com a participação da tataravó, corroborando com Doka e Mertz (1988), consistem em dar apoio emocional, através de conversas e muita oração, pois a saúde já não permite a realização de muitas atividades, como se vê na seguinte fala:

Bem, já ajudei muito meus netos, bisnetos e trinnetos. Muitos foram criados aqui na minha casa, junto com meu marido. Particpei da vida deles, ajudei nas dificuldades, estive presente nas horas de alegria. Atualmente tenho tempo, muito tempo pra conversar. Tenho problema de circulação nas pernas que não deixa mais andar como eu queria, mas agradeço a Deus, posso dizer que tenho saúde. Meus filhos, a maioria mora perto de mim, então sempre tenho a companhia de algum, são 10 filhos, 23 netos, 35 bisnetos e 17 trinnetos! É muita gente!!! Mas conheço cada um, sei o nome de cada uma, não faço confusão não. Sou evangélica, e sempre tem um que pede que ore por ele, qualquer dificuldade eles me pedem pra orar. Então só vivo orando [ri] (Tataravó Daniele).

Para essa tataravó os problemas de saúde em sua idade avançada são citados por sua filha como impedimento para realização de atividades, corroborando com Barer (2001) que cita a falta de condições físicas para oferecer maior apoio às outras gerações. Sob essas condições o contato é feito pelos filhos nas visitas (DOKA; MERTZ, 1988). A filha, por sua vez, procura ficar presente, confirmando o cuidado dado pelas filhas aos pais idosos, como afirmam Jesus et al. (2013). Ela se responsabiliza pela administração da casa, conversa, assiste televisão e leva a mãe à igreja, quando possível, como vemos na seguinte fala:

Minha mãe atualmente não pode andar muito; ela tem problema de circulação nas pernas, então ela fica muito em casa. A gente mora no alto, tem uma escadaria enorme pra subir ou descer, então são os filhos que vêm visitar ela. Aqui a gente mora tudo perto um do outro, então conversamos muito, assistimos televisão, ajudo nas coisas de casa, às vezes levo ela a uma igreja aqui perto. Já fui evangélica, mas, atualmente, não sou não (Filha Denise).

O bisneto, nessa família, já um jovem com vinte quatro anos, confirma o que foi dito pelas outras gerações quando afirmam que a tataravó presta ajuda dando apoio emocional, sob forma de conselhos para os descendentes (DIAS; PINTO, 2007), como vemos na seguinte fala:

É um privilégio ter uma pessoa com tantas experiências, que passou por tantas dificuldades e alegrias também bem perto da gente. Quando a gente precisa de um conselho, sabe que vai ouvir de alguém que sabe o está dizendo (Bisneto Danilo).

Podemos perceber que o bisneto tem uma convivência muito próxima com a bisavó, uma vez que mora com ela. Apesar da diferença grande de gerações, eles se relacionam bem, como vemos na seguinte fala:

Conversamos muito! Meus pais se separaram, eu ainda era criança. Logo minha mãe se casou de novo, então mesmo pequeno resolvi morar com uma tia, que já era casada, tinha filhos e morava com minha bisavó (Bisneto Danilo).

O tataraneto de sete anos deu um depoimento interessante, confirmando que entre as tarefas dos bisavós, ou mesmo das tataravós inclui contar histórias, principalmente histórias de vida. *“Eu gosto de conversar com ela e ouvir as histórias que gosta de contar. Não é história de livro não, é história que ela passou na vida, eu gosto demais de ouvir. A gente fica muito tempo junto e ela contando”* (Tataraneto Daniel). Ainda com relação ao tataraneto, pode-se perceber que a tataravó exerce ainda funções educativas: *“Quando ela reclama comigo, ela reclama porque sou muito bagunceiro, e deixo meus brinquedos todos espalhados pelo chão, às vezes, fico pulando, correndo dentro de casa, aí ela reclama e eu não gosto”* (Tataraneto Daniel).

Quanto aos relacionamentos nessa família, encontramos uma família numerosa, mas bastante unida, até em termos geográficos. Wentowski (1985) afirma que a distância geográfica dificulta os bisavós de exercerem o seu papel. Nessa família vemos que todos se encontram próximos geograficamente, o que, sem dúvida, facilita o contato. A tataravó afirma inclusive que nunca sentiu solidão, como explica na seguinte fala:

Tenho uma boa relação com toda a minha família. Alguns filhos compraram suas casas perto da nossa, ou alguns construíram um cantinho pra eles aqui mesmo no terreno da nossa casa que é muito grande. Tenho uma filha que se separou e veio com os filhos morar comigo, solidão é coisa que não conheço (Tataravó Daniele).

Para Sousa (2006) esse encontro intergeracional pode ser conceituado como um intercruzar de três eixos: tempo social, tempo familiar e tempo individual. É

natural que os conflitos de gerações ocorram. A tataravó já sabe que seria impossível viver sem eles, mas utiliza sua sabedoria (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006) para ajudar nessa situação: *“Conflito sempre vai existir em família, são muitas cabeças, muitos pensamentos, então temos que ter sabedoria pra não piorar a situação. Acredito na conversa, no diálogo como uma forma de resolver conflitos”* (Tataravó Daniele).

É interessante notar que a tataravó vê os conflitos como algo natural. Como explica Alves, S. A. (2010), os conflitos são um fenômeno próprio das relações humanas e ocorrem devido a posições divergentes em relação a algo em comum. Mas, podem ser aproveitados para solucionar situações difíceis em família. Para a filha a melhor solução é procurar não se envolver nos problemas, além de procurar poupar a mãe, como vemos na seguinte fala: *“Deixando cada um resolver suas questões. Se precisar de ajuda, então estou à disposição. A gente poupa minha mãe de aborrecimentos, ela não tem mais idade pra isso. Agora ela tem de aproveitar a vida, já lutou muito”* (Filha Denise).

A neta acredita que a forma correta de lidar com os conflitos é com paciência e cuidado como vemos na seguinte fala: *“A gente tem que lidar, né? Com muita paciência, e tendo muito cuidado”* (Neta Dayse).

Já com o bisneto, devido ao fato de a distância geracional ser maior ainda, tanto em termos de idade, quanto em termos de tempo social, e também por morar com elas, os conflitos parecem ser maiores, muitas vezes em função do cuidado, corroborando com Miron et al. (2017), que afirmam que os bisnetos jovens demonstram certa preocupação com a saúde dos bisavós, como vemos na seguinte fala: *“Quando digo uma coisa e ela não acata minha opinião. Às vezes em família, resolvemos algo pra proteger ela, tipo ela não fazer certas coisas de casa, então ela não acata. Fica muito difícil”* (Bisneto Danilo).

Observa-se novamente que o poupar dos idosos não parece ser acatado com facilidade, como explicaram Silva et al. (2015), pois esse comportamento pode gerar insatisfação por parte dos idosos.

Para o tataraneto, o relacionamento na família multigeracional é bom, mas, de forma implícita, há um aumento na possibilidade de conflitos quando ele diz: *“fica difícil com muita gente”*. Observa-se ainda o orgulho de ter tantas avós, como se vê no seguinte trecho: *“É bom, mas, às vezes, fica difícil. É muita gente, minha vó cuida da minha triavó. Eu tenho muitos primos, primas, tios, tias, é tanto que nem sei. Mas*

é legal, na minha escola não tem ninguém como eu, que tem tantos avós” (Tataraneto Daniel).

Cada família irá ter suas próprias formas de lidar com os conflitos que emergem em meio à convivência, como afirmam Lisboa et al. (2007). Os autores afirmam que esses conflitos podem gerar transformações, mesmo com a utilização de subterfúgios para driblar os conflitos, a família consegue transmitir o seu legado de valores e costumes através de acontecimentos inusitados.

Quanto aos legados transmitidos pela tataravó, vemos que, de acordo com Rodrigues (2013), são principalmente legados de fé e espiritualidade:

Quero que a família conserve o amor a Jesus, isso sim, é pra sempre, é isso. Eu gostaria de deixar pra minha família, experiência de uma vida bem vivida, com paciência, com amor próximo, com sabedoria e dedicação (Tataravó Daniele).

Não sei dizer se isso é legado, mas minha mãe sempre foi uma pessoa de fé, sempre passou isso pra gente... a necessidade e alegria de crer em Deus. Se dependesse dela toda família era evangélica, mas não depende (Filha Denise).

Minha avó é uma pessoa de fé, ela fala dessa fé pra todos da família, ela é evangélica. Quando podia andar, ia à igreja todos os domingos, não faltava nenhum. A igreja que ela frequentava era longe; tinha que pegar dois ônibus e ainda andava muito, mas ela descia as escadarias e ia feliz, tranquila. Agora ela tem dificuldade de andar, mas a fé dela continua a mesma. Acho que é isso que ela deixa, esse exemplo de fé (Neta Dayse).

Que marcou não, mas admiro a fé dela (Bisneto Danilo).

As histórias, ela conta história da vida dela, como ela foi ser crente, minha mãe (tataravó) é da Assembleia de Deus. Eu assisto muito programa dessa igreja na televisão com ela, por isso que eu digo que minha mãe é uma bênção (Tataraneto Daniel).

É importante ressaltar que todas as gerações, da filha ao tataraneto, concordam que o legado que a tataravó está transmitindo é a sua fé. O significado de ser bisavó, ou mesmo, de ser tataravó neste caso, corrobora com Reese e Murray (1996) que afirmam que se tornar bisavó aumenta as possibilidades do significado e transcendência, na medida em que eles procuram influenciar as outras gerações. Isso lhes confere a sensação de ter cumprido o propósito da vida, como vemos no seguinte depoimento:

É o recomeço de uma história onde se ensina se educa e acima de tudo se ama. Significa que Deus lhe achou merecedora dessa dádiva, a gente se sente especial, na palavra de Deus, a Bíblia, diz que quando honramos

nossos pais, Deus dá muitos anos de vida, Ele prolonga os dias aqui na terra. Então compreendo que se chegue até aqui, cheguei a ser bisavó ou até trisavó, foi porque honrei meus pais e Deus cumpriu sua palavra na minha vida (Tataravó Daniele).

As outras gerações confirmam que a tataravó é uma pessoa de muita experiência, como vemos na seguinte fala: “*Significa ser uma pessoa com muita experiência de vida. Sim, eu gostaria de ser bisavó*” (Filha Denise).

5.1.5 Família E

Nesta família tivemos oportunidade de entrevistar o bisavô e a bisavó, além das outras gerações: filho, neta e bisneta. O sentimento diante do nascimento dos bisnetos foi de alegria, corroborando com Doka e Mertz (1988). No entanto, podemos diferenciar a motivação para os sentimentos expressos pelo bisavô e pela bisavó. O bisavô vê o nascimento dos bisnetos como uma recompensa, por ele ter sido um bom filho, e também a possibilidade de ver a continuidade da família, a continuidade dele mesmo, como atesta a seguinte fala:

Fiquei satisfeito, muito feliz, me senti recebendo um presente de Deus. Recebi assim, como presente, uma recompensa de Deus. Compreendi que fui um bom filho, sou um bom marido, um bom pai, um bom avô e agora vou ser um bom bisavó. Filhos, netos e bisnetos vão dar continuidade à família. Quando vejo meus netos e bisnetos, vejo a continuação de mim, da minha família (Bisavô Ernesto).

A bisavó, por sua vez, também demonstra sentimento de alegria, mas se percebe aliviada por ver os filhos adultos, isto é, que eles já podem ser independentes. Também o sentimento de alegria aponta para a revivescência, como um voltar no tempo e ver a família continuar nos bisnetos.

Fiquei muito feliz, estou vendo minha família crescer. Ver meus netos e bisnetos é uma felicidade! Quando a gente vê os filhos nascerem a gente fica na expectativa que eles cresçam, quando vê tudo adulto, fica mais aliviada por eles já saberem se cuidar. Se você faltar eles estão prontos pra seguir os seus próprios caminhos. Quando vêm os netos e bisnetos parece que a gente vê o tempo voltar e vê em cada neto e bisneto um pouquinho dos seus filhos (Bisavô Ester).

As outras gerações confirmam o sentimento de alegria, inclusive o filho confirma o sentimento de recompensa citado pelo pai.

Me senti feliz, realizado, me senti recompensado por Deus, Ele está me dando a oportunidade de ver minha família ter continuidade. Meus pais poderem ver os bisnetos, uma alegria sem tamanho. É algo realizador, uma das grandes alegrias na vida da minha família (Filho Everaldo).

A neta referiu somente felicidade por dar continuidade à sua família: *“Fiquei muito feliz em poder dar continuidade à família; era o primeiro neto pra minha família e o primeiro bisneto dos meus avôs. Fiquei muito, muito feliz mesmo”* (Neta Esmeralda).

Quanto às atividades realizadas em família, o bisavô Ernesto confirma as tarefas citadas por Doka e Mertz (1988), como vemos no seguinte trecho: *“Com meus filhos, netos e bisnetos, eu converso, brinco, faço brincados, tenho muita habilidade para artes manuais”*.

Essa fala corrobora com Ward e Belanger (2010), que explicam que tornar-se bisavô/bisavó dá aos idosos um novo senso de vida, e que a partir dessa função eles experimentam uma renovação pessoal, sendo os bisnetos uma fonte de diversão. O bisavô ainda acrescentou: *“Sim, voltei um pouco à infância, brinco, danço canto com meus netos e bisnetos. Tenho mais paciência, mais calma, não tento ser o pai deles, sou o bisavô”* (Bisavô Ernesto).

No caso da bisavó, também trouxe essa mesma perspectiva, quando declarou gostar de brincar com os bisnetos, pois agora tem tempo, fato que confirma achados de Ward e Belanger (2010). Ela também gosta de cozinhar os pratos favoritos dos seus netos e bisneto como uma demonstração de carinho (DOKA; MERTZ, 1988), como se vê na seguinte fala:

Sim, voltei a brincar, agora tenho tempo pra fazer isso e faço com muita alegria. Gosto de fazer os pratos preferidos dos meus netos e bisneto. A minha neta, que mora em Florianópolis, ela adora comer caranguejo. Então, quando sei que ela vem, vou comprar caranguejo e preparar pra ela, e assim com os outros também, acho que como demonstração de carinho, de amor, eles recebem o amor da gente (Bisavó Ester).

O filho confirma que o contato com os pais idosos se dá através de visitas, passeios, inclusive tendo uma convivência diária com os pais. Nesta família nota-se que foi o filho que assumiu o cuidado com eles:

Passeamos muito, conversamos muito... tenho convivência diária com eles, moro longe, mas todos os dias venho almoçar com eles. Nos finais de semana estou sempre com a minha família na casa deles; vamos muito a uma casa da praia que meus têm em Itamaracá. Resolvo tudo pra eles, sou

um filho presente. É bom demais ter família, ter pais pra amar (Filho Everaldo).

O contato com os bisnetos é mediado pelos netos, através de visitas no final de semana (DOKA; MERTZ,1988): *“Moramos longe dos meus avôs, mas sempre vamos a casa deles todo final de semana, e sempre aproveitamos as oportunidades que temos para reunir toda família, a casa dos meus avôs é o centro das reuniões”* (Neta Esmeralda).

O bisneto confirma as atividades realizadas com seus bisavós quando diz: *“Gosto de brincar, assistir meus filmes com eles, sair de carro com eles, muitas coisas assim. Eu só não gosto quando eles brigam comigo (Bisneto Eduardo).*

Quanto ao relacionamento na família, em geral, eles demonstraram que existe uma boa relação. Inclusive notamos que existe concordância na posição do bisavô e da bisavó, como se vê nas seguintes falas:

Excelente, minha relação com todos da minha família é excelente. Mas, quando tem conflitos, sou cauteloso, observo bem as coisas, não tento resolver como se fosse a pessoa principal; espero as posições ficarem bem claras (Bisavô Ernesto).

Sou prudente, nada de tomar a frente pra resolver tudo, espero ver quem são os responsáveis e só então faço alguma coisa. Mas acho a conversa, o diálogo, a melhor forma de resolver conflitos (Bisavô Ester).

Os outros participantes da pesquisa da família, filho e neta, concordam que a melhor maneira de resolver conflitos é orando e pedindo sabedoria a Deus. Observa-se, como Lisboa et al. (2007) afirmam, que cada família vai achar seu jeito de lidar com o conflito, sendo nesse caso a busca por diálogo e sabedoria da religião.

Ter quatro gerações na família é gratificante e realizador. Ver meus pais brincando com netos e bisnetos é muito gratificante. Quanto aos conflitos só orando e pedindo sabedoria a Deus. Essa é a maneira melhor de resolver um conflito (Filho Everaldo).

Conflito sempre tem... então lido sempre tendo respeito a eles e colocando nas mãos de Deus (Neta Esmeralda).

O bisneto se sente bem em sua família multigeracional, como se vê na seguinte fala: *“A gente conversa, brinca, anda, corre, inventa brincadeira. É muito bom, tenho muita gente pra brincar, pra falar”* (Bisneto Eduardo).

Quanto aos legados nesta família nota-se que o bisavô deseja deixar para a família a casa onde moram, sendo esse aspecto muito importante para ele. A casa é uma herança de sua mãe, uma memória familiar, e tem um valor afetivo, como ele mesmo explica em sua fala:

Eu gostaria que meus filhos nunca se desfizessem da nossa casa, pra mim não tem dinheiro que possa comprá-la, essa casa foi da minha mãe. Ela morou o tempo todo aqui, nessa casa onde hoje eu moro. Daí que pedi aos meus filhos que não vendam essa casa, sempre tenha alguém da família morando nela. É uma casa simples, mas tem grande valor afetivo (Bisavô Ernesto).

O bisavô ainda acrescentou que o segundo ponto mais importante para ele é a união da família. De acordo com Rodrigues (2013), os legados de solidariedade são os que dizem respeito a valores e sentimentos e neste aspecto tem a concordância de sua esposa:

E que também conservassem a união em família. É muito triste ter uma família desunida, a união na família traz felicidade a todos, mas não é uma coisa fácil, mas vale a pena lutar por isso (Bisavô Ernesto).

Meu marido acha que devem manter a casa, mas não tenho o pensamento do meu marido quanto à casa que moramos. Na minha opinião se precisar a gente vende, sou mais racional, ele sempre foi mais emotivo. Eu gostaria que minha família conservasse a união, conservasse resolver os conflitos no diálogo, buscassem sempre a boa convivência (Bisavó Ester).

Na visão do filho, da neta, e inclusive do bisneto o legado que esses bisavós estão transmitindo é legado de ordem e solidariedade (RODRIGUES, 2013), como se vê nas seguintes falas:

A herança que meus pais estão nos passando são ensinamentos de respeito, amor e educação (Filho Everaldo).

Um grande ensino de respeito e educação. A vontade de dar continuidade aos ensinamentos que recebo de amor, carinho, respeito, educação (Neta Esmeralda).

Corroborando com Rodrigues (2013) que afirma que o mais importante na relação intergeracional são os acontecimentos vividos, mais do que palavras ou regras, vemos o carinho com que esse bisneto é tratado, assim como foi significativo pra ele a casinha de madeira feita pelo bisavô, como se vê na seguinte fala: “O amor, eles são muito carinhosos comigo, a gente se sente feliz por isso. E ainda tem

uma coisa que eu sei que nunca vou esquecer! Meu bisavô fez pra mim uma casinha de madeira pra eu brincar” (Bisneto Eduardo).

Quanto ao significado de ser bisavó nessa família aparece com uma dádiva de Deus, uma nova oportunidade de vida, de fazer, talvez, o que gostaria de ter feito com os filhos ou netos, mas não teve oportunidade.

Significa que Deus está lhe dando a oportunidade de ver seus filhos pequenos de novo, está dando a chance de você fazer com seus bisnetos o que não teve tempo de fazer com seus filhos, ou talvez até com seus netos (Bisavô Ernesto).

Significa que fui presenteada por Deus (Bisavó Ester).

Para o filho e neta, ser bisavó significa ser abençoada, dar continuidade à família: *“Significa ser uma pessoa abençoada por Deus, significa que você é a pessoa que Deus escolheu pra dar continuidade à sua família. Sim, quero ser bisavô!” (Filho Everaldo).*

A neta inclusive se refere à sabedoria por tudo que eles já viveram, corroborando com Reese e Murray (1996) que afirmam que a sabedoria dos bisavós vem da experiência de vida, obtida através da experiência do dia a dia. Através desse compartilhamento da sabedoria, sob forma de conselhos, é que os bisavós podem criar um sentimento de transcendência, como vemos na seguinte fala:

Significa ser uma pessoa abençoada por Deus, que tem muita sabedoria por tudo que já viu e viveu. Significa ser uma pessoa que precisa ser protegida e amada. Sim, gostaria de ser bisa, mas com muita saúde. Espero um dia ter esse privilégio, de ser bisavó e abraçar meus bisnetos (Neta Esmeralda).

5.2 Inter-relacionar dos achados

De acordo com a Teoria Sistêmica, a família multigeracional é compreendida como um sistema aberto sempre em processo dinâmico. Esse sistema opera segundo certas propriedades. Nesta pesquisa pode-se confirmar as propriedades da Teoria Sistêmica também na família caracterizada como multigeracional.

A *globalidade ou totalidade*, que diz que uma mudança em uma das partes altera as outras partes, ficou evidente quando houve o nascimento do bisneto, e toda a família demonstrou sentimentos de alegria, especialmente os bisavós. A *Interdependência ou não somatividade* foi outra propriedade da teoria sistêmica que

se destacou; não se pode analisar o papel dos bisavós, sem analisar as suas relações, que são justamente seus filhos, netos e bisnetos. Pode-se perceber em algumas famílias como o caso da família B, onde o neto diz que o avô sempre foi sua referência, ou na família A, onde o filho se refere à bisavó como protagonista, em que a propriedade da *Hierarquia* se destaca.

A propriedade do *Intercâmbio com o meio ambiente*, ou seja, as trocas feitas com o meio ambiente são essenciais ao sistema. Notamos, em alguns casos, que os bisavós, mesmo quando os netos ainda não eram casados e tiveram filhos, que os bisnetos foram aceitos sem restrição, o que aponta para uma aceitação dos tempos modernos por parte dos bisavós. *Autorregulação ou retroalimentação* aparece como positiva uma vez que o aumento da família produz novas formas de funcionamento de todos os membros da família.

E finalmente a propriedade do *Equilíbrio ou homeostase* fica explícita no fato de que tanto os bisavós quanto os bisnetos parecem contribuir para o equilíbrio e união na família multigeracional. Mudança e adaptabilidade nessas famílias foram percebidas para se ajustarem às diferenças e necessidades de cada geração. *Equifinalidade* pode também ser percebida pelos vários movimentos das diferentes gerações, para aproximar a família e manter a união.

Relacionando os dados obtidos com os objetivos específicos desta pesquisa, em relação aos sentimentos experimentados ao se tornarem bisavós, foram citados vários sentimentos positivos como alegria, gratidão, satisfação por todos os bisavós entrevistados e também pelas outras gerações. Os netos, ou seja, a geração que se tornou pais ou mães, é que demonstraram certa preocupação ou confusão de sentimentos que pode ser justificada devido à nova função que iam assumir no sistema familiar. Outra questão que se justifica é com relação ao modo como seriam vistos pelos mais velhos diante desse novo papel, precisando do olhar do outro para obter reconhecimento e satisfação pela família, e mais amplamente pela sociedade, que os nomearão como mãe ou pai.

Entre as atividades exercidas pelos bisavós na família multigeracional, pode-se dizer que, na maioria das famílias, eles são um ponto de apoio emocional e de afetividade. Esse apoio se dá sob forma de conversas e conselhos com filhos e netos. Com os bisnetos aparecem muitas brincadeiras, inclusive algumas brincadeiras do tempo dos bisavós e avós, como brincar na rua, ou ainda fazer uma casinha de madeira para o bisneto. Muitos ainda contam muitas histórias, fazem

passeios, tiram fotos, e cozinham as comidas prediletas dos netos e bisnetos. Temos ainda uma bisavó que, quando necessário, dá apoio financeiro aos netos e bisnetos (família C) e a tataravó, cujo bisneto e tataraneto moram com ela (família D). De certa forma é possível denotar que os aspectos socioeconômicos podem influenciar o tipo de apoio que é dado pelos bisavós às suas famílias.

O relacionamento intergeracional é proporcionado principalmente pelas visitas feitas por filhos, netos e bisnetos aos bisavós. Os conflitos entre as gerações nas famílias participantes aparecem com parte natural do relacionamento. Os bisavós, por sua parte, procuram aconselhar e orar. Em muitos casos os familiares buscam poupar os bisavós dos problemas, levando em conta sua saúde e idade. Em outros momentos, os familiares parecem contar com a sabedoria dos bisavós, para ajudar na solução dos seus conflitos. Observa-se uma relação de reciprocidade no cuidado mútuo entre as gerações.

A geração dos filhos é que, na maioria das famílias, media o contato entre as demais gerações da família. Em três famílias participantes são as filhas que assumem os cuidados pelos bisavós, enquanto em duas famílias são os filhos que assumem esse cuidado. Nesse caso pode-se inferir que possa estar ocorrendo uma mudança no cuidado dos idosos da família, onde havia uma prevalência do gênero feminino, observaram-se filhos assumindo esta função.

Quanto aos legados que os bisavós desejam transmitir às suas famílias, pode-se dizer, ao comparar as diferentes respostas de cada geração, que eles estão sendo bem-sucedidos, inclusive alcançando seus bisnetos, ou até mesmo tataraneto. São legados de fé, solidariedade, educação e ordem. Notou-se em especial que esses legados são transmitidos aos bisnetos, principalmente através de atos e não de palavras.

Finalmente quanto ao significado de ser bisavó, pode-se dizer que todos os participantes atribuem ao fato de ser bisavó o sentimento de transcendência, memórias, bênção, gratidão, presente, oportunidade de recomeço e de revivescência. Uma bisavó conclui a sua entrevista com a seguinte fala: *“Bem, a velhice não é o fim, é o novo de uma nova fase em nossas vidas. Quando olho meus filhos criados, meus netos e bisnetos me sinto feliz, realizada, não há lugar para tristeza”* (Bisavó Ester).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da presente pesquisa buscou-se uma compreensão acerca do papel dos bisavós na família multigeracional. Para tanto, foi inicialmente investigado na pesquisa teórica o fenômeno da longevidade humana que está propiciando a vivência de vários papéis na família, incluindo o de bisavós.

Observa-se que o aumento da expectativa de vida, ocasionado por várias mudanças sociais e demográficas, trouxe consigo um novo cenário do envelhecimento. Como construção social, o envelhecimento é visto de acordo com os imperativos da sociedade em que o indivíduo se insere. Sendo assim, é possível denotar que a sociedade contemporânea potencializa a longevidade, ao mesmo tempo em que ainda não reconhece o valor e a importância social dos idosos. Aos poucos, porém, os estudos e as pesquisas acerca do tema estão ganhando mais espaço com o intuito de compreender quem é esse idoso na atualidade.

Atualmente, os avós podem chegar a ver os netos se tornarem adultos e, assim, abre-se a possibilidade de vivenciar também o papel de bisavós, adicionando outra geração à rede de relações. Por consequência, observa-se a existência, cada vez maior, de famílias multigeracionais, formadas por quatro ou cinco gerações, portanto, mais verticalizadas. As pesquisas sobre os bisavós apontaram sua centralidade na família multigeracional, uma vez que representam uma memória viva do passado, permitindo o acesso à história familiar e social. Convém ainda destacar que essa aproximação geracional possibilita rica troca no contexto familiar contemporâneo.

Nesta pesquisa ficaram evidentes os sentimentos positivos dos idosos ao se tornarem bisavós. Em geral eles viram esse acontecimento como uma bênção, uma recompensa de Deus, o que os levou à transcendência. O termo transcendência remete a um sentimento de continuidade através da repassagem de legados aos bisnetos, além de se sentirem importantes em sua vida. Trata-se de uma reafirmação da continuação familiar, que acaba por renovar o interesse pela vida e ser um marco positivo da longevidade atingida.

Pode-se confirmar através desta pesquisa, corroborando com a literatura consultada, que o papel de bisavós está envolvido por múltiplas relações intergeracionais, uma vez que eles desempenham três papéis intergeracionais ao mesmo tempo: pais, avós e bisavós. Dentro de uma mesma família há gerações

distintas convivendo em um mesmo tempo, o que em todos os casos apresentados tem ocasionado possibilidades de aprendizagem, apoio mútuo, respeito e solidariedade intergeracional.

Enquanto na atualidade existe uma ideia geral que a família está em crise, podemos perceber nesta pesquisa que as famílias, apesar de todas as mudanças vividas, parecem permanecer unidas em sua verticalidade de quatro ou cinco gerações. Nesse sentido poderia se afirmar que as famílias estão em transformação, pois a crise pode constituir possibilidade para transformações e ressignificações, sendo estas tidas como naturais na vida familiar.

É importante destacar a disponibilidade dos bisavós para dar apoio emocional às outras gerações, mesmo em meio às várias mudanças sociais, provavelmente consideradas por eles como “modernas”. Esse apoio emocional e expressivo se traduz em conselhos, orientação, orações e afeto, que se expressa sob diferentes maneiras, dependendo da geração em questão, como, por exemplo, muita conversa com os netos e, com os bisnetos, muita brincadeira. Essa diferenciação entre as gerações demonstra uma sabedoria da parte desses idosos para lidar com cada membro familiar de uma forma específica para sua idade e contexto social vivenciado. O exercício dessas atividades é o meio de conexão com as outras gerações.

É importante frisar que também existem bisavós que ajudam financeiramente filhos, netos e bisnetos, e até mesmo cuidam das novas gerações, como, por exemplo, a tataravó Danielle, que cria o seu tataraneto Danilo. O relacionamento com os bisnetos, na perspectiva dos bisavós, aumenta suas possibilidades de dar sentido à própria vida e transmitir sua experiência e valores às próximas gerações da família.

Para que haja aproximação entre as gerações de bisnetos e bisavós é necessária a mediação das outras gerações, ou seja, os filhos e os netos. Na maioria das vezes os filhos, a geração denominada por Mota (2010) de “geração pivô”, são os que administram essa mediação entre netos e bisnetos. As visitas, em geral, ocorrem no final de semana, sendo um encontro familiar caracterizado como de almoços de domingo, que se constituem na principal forma de contato dos bisavós com os bisnetos e com a família em geral, dadas as atribuições e atividades de todos os membros da família. Esses encontros geralmente se dão na casa dos próprios bisavós, que apreciam essa convivência.

Essa convivência pode ativar conflitos de gerações ou tensões, especialmente em função das diferentes gerações, que se traduzem em diferença significativa de idade e de tempo social. Contudo, nesta pesquisa notou-se que as diferentes gerações parecem conseguir administrar essas questões e veem os conflitos como parte da vida familiar. A maioria dos bisavós prefere conversar, orar, mas procura não assumir responsabilidades sobre aquilo que não lhes pertence. Na verdade, é apenas em um contexto relacional entre gerações que valores, crenças e atitudes podem ser revistos, repensados e ainda ressignificados, possibilitando um diálogo entre as gerações para que se construa uma sociedade que valorize e respeite todas as idades.

É justamente nesses momentos de convivência e também nos conflitos, que as relações intergeracionais são constituídas e possibilitam a transmissão de legados geracionais e culturais que são parte da memória familiar, contribuindo para a família como um todo. Notamos com facilidade os legados que estão sendo transmitidos pelos bisavós à sua família. Enquanto as bisavós transmitem legados de fé e espiritualidade, amor ao próximo e união familiar, o bisavô deu ênfase ao nome da família e à casa como herança familiar.

Os bisnetos, apesar de em sua maioria ainda serem crianças, valorizam os seus bisavós e se lembram de momentos específicos em que esses legados foram evidenciados. Cabe ressaltar que os legados aparentam ser transmitidos nos atos e não apenas no discurso. Quanto ao significado de serem bisavós, eles se sentem presenteados por exercerem esse papel, e são reconhecidos em sua família como pessoas sábias.

É com muita satisfação que podemos dizer que as famílias participantes elogiaram a pesquisa, por ser a primeira vez que foram desafiados a refletir sobre o papel dos bisavós e a relação intergeracional na sua família. Foi expresso o desejo de que muitas outras famílias participassem, mas em função do tempo, nos limitamos a essas cinco famílias.

No entanto, cabe assinalar que este tema não foi esgotado e que as famílias multigeracionais estão em expansão. Ainda há muito a ser explorado sobre ele, uma vez que aparenta ser bastante novo no meio acadêmico, como por exemplo, analisar mais a fundo a relação bisavós-bisnetos, a questão multigeracional nas famílias reconstituídas, o olhar da sociedade sobre a imagem dos bisavós, ou ainda o cuidado dos filhos com as gerações mais idosas. A escassez de literatura, no Brasil,

reflete essa necessidade. Além disso, ressalta-se a urgência de um olhar mais atento da sociedade para essa população idosa, para que sejam criadas novas políticas públicas que incluam essa geração, assim como apoio psicológico e terapias familiares.

REFERÊNCIAS

- ALVES, S. A. A. **A mediação, o idoso e os conflitos no ambiente familiar**. 2010. Monografia da Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2010.
- ALVES, S. M. M. **Cuidar ou ser responsável?** Uma análise sobre a intergeracionalidade na relação avós e netos. 2013. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Ceará, 2013.
- ARAGÃO, R. O.; CASTILHO, J. Os ingredientes da parentalidade. In: MORO, M. R. **Enfants d'ici Venus d'ailleurs**. Paris: La Découverte, 2002. p. 117-132.
- BARER, B. M. The “grands and greats” of very old black grandmothers. **Journal of Aging Studies**, v. 15, p. 1-11, 2001.
- BARROS, M. L. B. Transmissão de valores na família e conflitos intergeracionais: experiências femininas. **Cadernos Adenauer**, ano XIV, n. 3, p. 125-143, 2013.
- BEAUVOIR, S. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BENGSTON, V. L. Beyond the nuclear family: The increasing importance of multigenerational bonds. **Journal of Marriage and Family**, v. 63, n. 1, p. 229-240, 2001.
- BERTALANFFY, L. **Perspectivas en la Teoria General de Sistemas**. Madrid: Alianza, 1982.
- BESSA, C. O.; COSTA, C. A.; MARK, S. T. **O segredo e sua força transgeracional em uma família**. 2016. Disponível em : <<http://www.psicologia.pt>>. Acesso em: mar. 2017.
- BILLÉ, M. A quoi servent les grands-parents? Desgrands-parents pour intro-duire au “sacré”. **Dialogue Recherches clinique et sociologiques sur le couple et la famille**, 4^o trim., p. 3-10, 2002
- BOSZORMENYI-NAGY, I.; SPARK, G. **Invisible loyalties: reciprocity and intergenerational family therapy**. New York: Harper & Row, 1973.
- BRASIL. **Estatuto do Idoso**. Lei 10.741, regulamentada em 1 de outubro de 2003. Brasília, 2003.
- BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F. Do transgeracional na perspectiva sistêmica à transmissão psíquica entre as gerações na perspectiva da psicanálise. In: PENSO, M. A.; COSTA, L. F. **A Transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção**. São Paulo: Summus Editorial, 2008. p. 76-96.
- Camarano, A.A. **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

CARDOSO, A. R. **Avós do século XXI: mutações e rearranjos na família contemporânea.** Curitiba: Juruá Editora, 2011.

CARDOSO, A. R.; BRITO, L. M. T. Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse? **Revista Psico-USF**, v. 19, n. 3, p. 433-441, 2014.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia familiar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CASTRO, M. C. A. **Da Cibernética a Teoria Familiar Sistêmica.** 2002. Monografia (Terapia Sistêmica) - Florianópolis, 2002.

CONNOR, K. A. **Continuing to care: older americans and their families in the 21st century.** New York: Palmer Press, 2013.

COSTA, J. M.; DIAS, C. M. S. B. **A arte de recomeçar: uma compreensão da dinâmica das famílias recasadas.** 2008. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2008.

COUTO, M. C. P. P. et al. Terapia Familiar Sistêmica e idosos: contribuições e desafios. **Psicologia Clínica**, v. 20, n. 1, p. 135-152, 2008.

DIAS, C. M. S. B. Velhice: vulnerabilidade e possibilidades. In: MOREIRA, L. V. C. **Psicologia, família e direito: interfaces e conexões.** Curitiba: Juruá Editora, 2014. p. 259-271.

DIAS, C. M. S. B.; AGUIAR, A. G. S.; HORA, F. F. A. Netos criados por avós: motivos e repercussões. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Ed.). **Casal e Família: permanências e rupturas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. p. 41-58.

DIAS, C. M. B. D.; COSTA, J. M.; RANGEL, V. A. Avós que criam seus netos: circunstâncias e consequências. In: FERES-CARNEIRO, T. **Família e Casal: efeitos da contemporaneidade.** Rio de Janeiro: Editora PUC, 2005. p. 158-176.

DIAS, C. M. S. B.; PINTO, V. C. A percepção dos bisavôs sobre seu papel. **Revista de Enfermagem UFPE On Line**, v. 1, n. 2, p. 198-203, 2007.

DIAS, C. M. S. B.; SILVA, D. Os avós: uma revisão da literatura nas últimas três décadas. In: FÉRES-CARNEIRO, T. **Casal e família: entre a tradição e a transformação.** Rio de Janeiro: Nau, 1999. p. 118-145.

DOKA, K. J.; MERTZ, M. E. The meaning and significance of greatgrandparenthood. **The Gerontologist**, v. 28, n. 2, p. 192-197, 1988.

DREW, L. M.; SILVERSTEIN, M. Intergenerational role investments of great-grandparents: consequences dos psychological well-being. **Aging and Society**, v. 24, n. 1, p. 95-111, 2004.

EVEN-ZOHAR, A.; GARBY, A. Great-Grandparents' Role Perception and Its Contribution to Their Quality of Life. **Journal of Intergenerational Relationships**, v. 14, n. 3, p. 197-219, 2016.

FALCÃO, D. V. S. A pessoa Idosa no contexto da família. In: BAPTISTA, M. N.; TEODORO, M. L. M. **Psicologia da família: teoria, avaliação e intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 100-111.

FERRIGNO, J. C. **Co-educação entre gerações**. Petrópolis: Vozes, 2003.

FERRIE, J.; MASSEY, C.; ROTHBAUM, J. Do Grandparents and Great-Grandparents Matter? **National Bureau of Economic Research**. Massachusetts, 2016. Massachusetts, 2016. doi: 10.3386/w22635,2016.

FLORES, G. C. **Eu cuido dela e ela me cuida: um estudo qualitativo sobre o cuidado intergeracional com o idoso**. 2008. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Maria, 2008.

FREITAS, W. R. S.; JABBOUR, C. J. C. Utilizando Estudo de Caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. **Estudo & Debate**, v. 18, n. 2, p. 07-22, 2011.

GALIZA, C. J. R. B.; GONÇALES, E. P. **Educação transgeracional sistêmica: uma prática educativa popular de cuidado integral em saúde**. 2015. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/8478/2/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

GOMES, I. C.; ZANETTI, S. A. S. Transmissão psíquica transgeracional e construção da subjetividade: relato de uma psicoterapia psicanalítica vincular. **Revista de Psicologia USP**, v. 20, n. 1, p. 93-108, 2009.

HARPER, S. Papéis dos avós nas famílias multigeracionais dos nossos dias. **Revista Povos e Culturas**. Os avós como educadores, v. 10, Lisboa (Portugal): Universidade Católica Portuguesa, p. 25-38, 2006.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico**. 2010. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 10 ago. 2015.

JESUS, M. P. et al. Cuidar da mãe idosa no contexto domiciliar: perspectiva das filhas. **Texto Contexto Enfermagem**, v. 22, n. 4, p. 1081-8, 2013.

LEITE, I. L. **Gênero, família e representação social da velhice**. Londrina: Eduel, 2004.

LISBOA, V. et al. Transmissão intergeracional da cultura: um estudo sobre uma família mineira. **Psicologia em Estudo**, v. 12, n. 1, p. 51-59, 2007.

MAGALHÃES, A. S.; FÉRES-CARNEIRO, T. Conquistando a herança: sobre o papel da transmissão psíquica no processo de subjetivação. In: FERES-CARNEIRO, T. **Família e Casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio,

2015. p. 24-32.

MARTINS, A. Envelhecimento, sociedade e cidadania. **Revista Transdisciplinar de Gerontologia**, v. 1, n. 1, p. 77-78, 2007.

MASCARO, S. A. **O que é velhice**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

MENESES, A. F. Os avós na sociedade contemporânea. In: RAMOS, M.; MARUJO, M.; BAPTISTA, A. **A voz dos avós: migração, memória e patrimônio cultural**. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2012. p. 23-32.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2004.

MIRON, A. M. et al. Young adults' concerns and coping strategies related to their interactions with their grandparents and great-grandparents with dementia. **Sage Journals**, London, 2017. doi: 10.1177/1471301217700965.

Mietkiewicz, M.-C. & Jolliot, C. Grands-parents, arrière et beaux grands- parents: les représentations de jeunes enfants. **Neuropsychiatrie de l'enfance et de l'adolescence**, v.52, n.1, p. 330-336, 2004.

MORAGAS, R. As relações intergeracionais nas sociedades contemporâneas. **Revista A Terceira Idade**, v. 15, n. 29, p. 7-27, 2004.

MORAGAS, R. M. **Gerontologia social: envelhecimento e qualidade de vida**. São Paulo: Paulinas, 1997.

MOREIRA, J. O. Mudanças na percepção sobre o processo de envelhecimento: reflexões preliminares. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 28, n. 4, p. 451-456, 2012.

MOTTA, A. B. A família multigeracional e seus personagens. **Revista Educação Social**, v. 31, n. 111, p. 435-458, 2010.

_____. Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: PEIXOTO, C. E. **Família e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004. p. 109-144.

NOVAIS, N. N. et al. Fatores relacionais intrafamiliares na qualidade de vida e saúde de cuidadores de idosos mais idosos – um enfoque sistêmico. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, v. 14, n. 3, p. 23-37, 2011.

OLIVEIRA, G. A. S. **Netos adultos: percepção de vivências e do relacionamento com os avós**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da UNICAP, 2015.

OLIVEIRA, P. S. **Vidas compartilhadas: o universo cultural das relações avós e netos**. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PATTON, M. G. **Qualitative Research and Evaluation Methods**, 3. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2002.

PIRES, S. **Voternidade: ser avó, ser avô – um doce desafio**. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2015.

RABELO, D. F.; NERI, A. L. A complexidade emocional dos relacionamentos intergeracionais e a saúde mental dos idosos. **Pensando em famílias**, v. 18, n. 1, p. 138-153, 2014.

RABINOVICH, E. P.; AZAMBUJA, R. M. M.; MOREIRA, L. V. C. O significado de bisavós para crianças baianas. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, v. 17, n. 1, p. 179-199, 2014.

RAMOS, N. Avós e netos através das imagens e das culturas. In: RAMOS, M.; MARUJO, M.; BAPTISTA, A. **A voz dos avós: migração, memória e patrimônio cultural**. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2012. p. 33-56.

REESE, C. G.; MURRAY, R. B. Transcendence: the meaning of great-grandmotherhood. **Archives of Psychiatric Nursing**, v. 10, n. 4, p. 245-51, 1996.

ROBERTO, K. A.; SKOGLUND, R. R. Interactions with grandparents and great-grandparents: a comparison of activities, influences, and relationships. **International Journal of Aging and Human Development**, v. 43, n. 1, p. 107-117, 1996.

RODRIGUES, J. P. V. **Os avós na família e sociedades contemporâneas: uma abordagem intergeracional e intercultural**. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia Intercultural) - Universidade Aberta de Portugal, 2013.

SCHLIPPER, A.; SCHWEITZER, J. **Lehrbuch der systemischen Therapie und Beratung I**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2012.

SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 25, n. 4, p. 585-593, 2008.

SILVA, D. M. et al. Dinâmica das relações familiares intergeracionais na ótica de idosos residentes no Município de Jequié, Bahia, Brasil. **Ciência e saúde coletiva**, v. 20, n. 7, p. 2183-2191, 2015. DOI: 10.1590/1413-81232015207.17972014.

SILVA, N. P.; DIAS, C. M. S. B. Avôs e avós: percepção do papel. **Revista Symposium: Nova Fase**, ano 3, Número especial, p. 51-67, dez. 1999.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

SOUSA, L. Avós e Netos: uma relação afetiva, uma relação de afetos. In: OLIVEIRA J. M. **Povos e Culturas**: os avós como educadores. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2006.

STIERLIN, H. **Delegation und Familie**. Frankfurt: Suhrkam, 1998.

STUART-HAMILTON, I. **A psicologia do envelhecimento**: uma introdução. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.

VALENÇA, T. D. C.; SILVA, L. W. S. O olhar sistêmico à família do idoso fragilizado. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, v. 14, n. 2, p. 31-46, 2011.

VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento sistêmico**: o novo paradigma da ciência. Campinas: Papyrus, 2012.

VERAS, R. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. **Rev. Saúde pública**, v. 43, n. 3, p. 548-554, 2009.

VICENTE, H.; SOUSA, L. Funções na família multigeracional: contributo para a caracterização funcional do sistema familiar multigeracional. **Psychologica**, v. 53, n. 1, p. 157-181, 2010.

_____. Relações intergeracionais e intrageracionais: a matriz relacional da família multigeracional. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, v. 15, n. 1, p. 99-117, 2012.

WARD, M.; BELANGER, M. **The Family Dynamic**: a canadian perspective. Toronto: Nelson Education, 2010.

WENTOWSKY, G. Older women's perceptions of great-grandparenthood: a research note. **The Gerontologist**, v. 25, n. 6, p. 593-596, 1985.

APÊNDICES E ANEXO

APÊNDICE A - Roteiros de entrevista para cada geração

Roteiro de entrevista com o(a) bisavô(a)

- Como o(a) senhor(a) se sentiu ao saber que iria se tornar bisavô/ó?
- O que significa ser bisavô/ó?
- O que o(a) sr.(a) faz com seus filhos? Netos? Bisnetos?
- Como é sua relação com eles?
- Existe algo que o(a) senhor(a) passou a fazer desde que se tornou bisavô/ó?
- O que o(a) senhor(a) gostaria de deixar para que sua família conservasse?
- Como é para o(a) senhor(a) ter uma família com tantas gerações?
- Como o(a) senhor(a) lida com os conflitos porventura existentes na família?
- Gostaria de acrescentar mais alguma coisa a respeito desse assunto?

Dados sociodemográficos (a serem preenchidos durante a entrevista semidirigida)

Idade:

Sexo:

Escolaridade:

Estado civil:

Profissão:

Religião:

Quantidade, sexo e idade dos filhos:

Quantidade, sexo e idade dos netos:

Quantidade, sexo e idade dos bisnetos:

Roteiro de entrevista com o(a) filho(a)

- Como o(a) senhor(a) se sentiu ao saber que sua família iria incluir uma quarta geração?
- Quais sentimentos surgiram ao pensar que seu pai/mãe iria conviver com bisnetos?
- Quais atividades o(a) senhor(a) faz com seus pais?
- Como é sua relação com eles? E com a família como um todo?
- Algo mudou na vida familiar desde o nascimento dos bisnetos?
- Existe algo que o(a) senhor(a) passou fazer desde o surgimento dessa nova geração?
- O que o(a) senhor(a) acredita que os bisavós estão deixando como legado para a família? Há algo seu que o(a) senhor(a) já identifica como legado em sua família?
- O que significa uma pessoa se tornar bisavô/ó? Gostaria de exercer esse papel um dia?
- Como é para o(a) senhor(a) viver em uma família com quatro gerações?
- Como o(a) senhor(a) lida com os conflitos porventura existentes na família?
- Gostaria de acrescentar mais alguma coisa a respeito desse assunto?

Dados sociodemográficos (a serem preenchidos durante a entrevista semidirigida)

- Idade:
- Sexo:
- Escolaridade:
- Estado civil:
- Profissão:
- Religião:
- Quantidade, sexo e idade dos filhos:
- Quantidade, sexo e idade dos netos:

Roteiro de entrevista com o(a) neto(a)

- Como você se sentiu ao saber que sua família iria ganhar mais uma geração?
- Quais sentimentos surgiram ao pensar que seu/sua avô/ avó iria conviver com bisnetos?
- Quais atividades você faz com os bisavós do seu filho e/ou com a família toda?
- Como é sua relação com eles?
- Você percebeu alguma mudança no seu avô/avó a partir do nascimento dos bisnetos?
- Existe algo que você passou a fazer com a primeira geração (bisavós) desde o nascimento dos seus filhos?
- O que você acredita que os bisavós estão deixando como legado para a família?
- Há algo seu que você já identifica como legado em sua família?
- Há algo que você gostaria que seus filhos aprendessem com os bisavós?
- O que significa uma pessoa ser bisavô/ó? Gostaria de exercer esse papel um dia?
- Como é para você viver em uma família com quatro gerações?
- Como você lida com os conflitos porventura existentes na família, principalmente com relação aos bisavós de seus filhos?
- Gostaria de acrescentar mais alguma coisa a respeito desse assunto?

Dados sociodemográficos (a serem preenchidos durante a entrevista semidirigida)

- Idade:
- Sexo:
- Escolaridade:
- Estado civil:
- Profissão:
- Religião:
- Quantidade, sexo e idade dos filhos:
- Vinculação materna ou paterna:

Roteiro de entrevista com o(a) bisneto(a)

- Como é para você ter avô(ó) e bisavô/ó?
- O que mais você gosta no seu/sua avô (ó) ou seu/sua bisavô/ó?
- E o que desgosta?
- O que vocês fazem juntos?
- Como é conviver com seus pais, avós e ainda com os bisavós?
- O que você pretende conservar do que aprendeu com seu avô/ó bisavô/ó?
- Existe algo que ele/ela fez ou disse que o marcou?

Dados sociodemográficos (a serem preenchidos durante a entrevista semidirigida)

Idade:

Sexo:

Escolaridade:

Com quem mora:

Vinculação materna ou paterna:

APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido (Bisavós)

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Título da Pesquisa – Mais que avós: os bisavós na perspectiva das diferentes gerações

1. O(A) Senhor(a) está sendo convidado(a) para participar de uma pesquisa sobre sua experiência como bisavô/ó.
2. O(A) Senhor(a) foi selecionado(a) porque faz parte de uma família multigeracional, e sua participação não é obrigatória.
3. A qualquer momento o(a) Senhor(a) pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.
4. Os objetivos deste estudo são compreender o papel dos bisavós, bem como as repercussões intergeracionais deste papel em suas vidas e na dos seus familiares.
5. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a uma entrevista.
6. Os riscos relacionados com sua participação são de tocar em assuntos pessoais que podem sensibilizar, mas faremos o possível para lhe dar a acolhida necessária.
7. Os benefícios relacionados com a sua participação são compreender esta experiência e poder ajudar outras pessoas que estão em situação semelhante.
8. As informações obtidas através desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.
9. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação (informar, de acordo com o método utilizado na pesquisa, como o pesquisador protegerá e assegurará a privacidade).
10. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Eu, _____, dou o meu consentimento para a minha participação como voluntário(a) nesta pesquisa, sob a responsabilidade da pesquisadora Emily Schuler, mestranda da Universidade Católica de Pernambuco e orientação da Professora Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias.

DADOS DA PESQUISADORA PRINCIPAL (ORIENTADORA)

Nome: Profa. Dra. CRISTINA MARIA DE SOUZA BRITO DIAS

Endereço: Rua Almeida Cunha, 245, Santo Amaro, Bloco G4

Telefone: 2194172 (Departamento de Psicologia)

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP que funciona na PRÓ-REITORIA ACADÊMICA da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, localizada na RUA ALMEIDA CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 8º ANDAR – CEP 50050-480 RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE (81). 2119.4376 – FAX (81)2119.4004 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: pesquisa_prac@unicap.br

Recife, _____ de _____ de 20__

Participante

APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido (Familiares)

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Título da Pesquisa – Mais que avós: os bisavós na perspectiva das diferentes gerações

1. O(A) Senhor(a) está sendo convidado(a) para participar de uma pesquisa sobre sua experiência por compartilhar da experiência de ter um/a bisavô/ó.
2. O(A) Senhor(a) foi selecionado(a) porque faz parte de uma família multigeracional, e sua participação não é obrigatória.
3. A qualquer momento o(a) Senhor(a) pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.
4. Os objetivos deste estudo são compreender o papel dos bisavós, bem como as repercussões intergeracionais deste papel em suas vidas e na dos seus familiares.
5. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a uma entrevista.
6. Os riscos relacionados com sua participação são de tocar em assuntos pessoais que podem sensibilizar, mas faremos o possível para lhe dar a acolhida necessária.
7. Os benefícios relacionados com a sua participação são compreender esta experiência e poder ajudar outras pessoas que estão em situação semelhante.
8. As informações obtidas através desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.
9. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação (informar, de acordo com o método utilizado na pesquisa, como o pesquisador protegerá e assegurará a privacidade).
10. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Eu, _____, dou o meu consentimento para a minha participação como voluntário(a) nesta pesquisa, sob a responsabilidade da pesquisadora Emily Schuler, mestranda da Universidade Católica de Pernambuco e orientação da Professora Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias.

DADOS DA PESQUISADORA PRINCIPAL (ORIENTADORA)

Nome: Profa. Dra. CRISTINA MARIA DE SOUZA BRITO DIAS

Endereço: Rua Almeida Cunha, 245, Santo Amaro, Bloco G4

Telefone: 2194172 (Departamento de Psicologia)

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP que funciona na PRÓ-REITORIA ACADÊMICA da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, localizada na RUA ALMEIDA CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 8º ANDAR – CEP 50050-480 RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE (81). 2119.4376 – FAX (81)2119.4004 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: pesquisa_prac@unicap.br

Recife, _____ de _____ de 20__

Participante

APÊNDICE D - Termo de consentimento livre e esclarecido
(Bisnetos menores de idade)

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Título da Pesquisa – Mais que avós: os bisavós na perspectiva das diferentes gerações

1. O(A) Senhor(a) está sendo convidado (a) para participar de uma pesquisa sobre sua experiência como bisavô/ó.
2. O(A) Senhor(a) foi selecionado(a) porque faz parte de uma família multigeracional, e sua participação não é obrigatória.
3. A qualquer momento o(a) Senhor(a) pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.
4. Os objetivos deste estudo são compreender o papel dos bisavós, bem como as repercussões intergeracionais desse papel em suas vidas e na dos seus familiares.
5. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a uma entrevista.
6. Os riscos relacionados com sua participação são de tocar em assuntos pessoais que podem sensibilizar, mas faremos o possível para lhe dar a acolhida necessária.
7. Os benefícios relacionados com a sua participação são compreender esta experiência e poder ajudar outras pessoas que estão em situação semelhante.
8. As informações obtidas através desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.
9. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação (informar, de acordo com o método utilizado na pesquisa, como o pesquisador protegerá e assegurará a privacidade).
10. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Eu, _____, dou o meu consentimento para _____ (menor sob minha responsabilidade) participar como voluntário(a) nesta pesquisa, sob a responsabilidade da pesquisadora Emily Schuler, mestranda da Universidade Católica de Pernambuco e orientação da Professora Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias.

DADOS DA PESQUISADORA PRINCIPAL (ORIENTADORA)

Nome: Profa. Dra. CRISTINA MARIA DE SOUZA BRITO DIAS

Endereço: Rua Almeida Cunha, 245, Santo Amaro, Bloco G4

Telefone: 2194172 (Departamento de Psicologia)

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP que funciona na PRÓ-REITORIA ACADÊMICA da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, localizada na RUA ALMEIDA CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 8º ANDAR – CEP 50050-480 RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE (81). 2119.4376 – FAX (81)2119.4004 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: pesquisa_prac@unicap.br

Recife, _____ de _____ de 20__

Responsável do participante menor de idade

ANEXO A – Aprovação no Comitê de Ética

25.10.2017

Plataforma Brasil

Saúde



Cristina Maria de Souza Brito Dias - Pesquisador | V3.2

Cadastros

Sua sessão expira em: 39min 15

GERIR PESQUISA

Para cadastrar um novo projeto, clique aqui: [Nova Submissão](#) Para cadastrar projetos aprovados anteriores à Plataforma Brasil, clique aqui: [Projeto anterior](#)

BUSCAR PROJETO DE PESQUISA:

Título do Projeto de Pesquisa: CAAE:

Mais que avós: os bisavós na perspectiva das diferentes gerações

Pesquisador Responsável: Última Modificação: Tipo de Projeto:

Palavra-chave:

◀ SITUAÇÃO DA PESQUISA

Marcar Todas

Aprovado

Em Apreciação Ética

Em Edição

Em Recepção e Validação Documental

Não Aprovado - Não Cabe Recurso

Não Aprovado na CONEP

Não Aprovado no CEP

Pendência Documental Emitida pela CONEP

Pendência Documental Emitida pelo CEP

Pendência Emitida pela CONEP

Pendência Emitida pelo CEP

Recurso Submetido ao CEP

Recurso Submetido à CONEP

Recurso não Aprovado no CEP

Retirado

Retirado pelo Centro Coordenador

LISTA DE PROJETOS DE PESQUISA:

Tipo *	CAAE *	Versão *	Pesquisador Responsável *	Comitê de Ética *	Instituição *	Origem *	Última Apreciação *	Situação *	Ação
P	60725816.4.0000.5206	1	Cristina Maria de Souza Brito Dias	5206 - Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP/PE	Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP/PE	PO	PO	Aprovado	

LEGENDA:

(*) Tipo
P = Projeto de Centro Coordenador Pp = Projeto de Centro Participante Pc = Projeto de Centro Coparticipante

(*) Formação do CAAE

n n n n n n	a a	. d v	. t x x x	. l l l l
Ano de submissão do Projeto	Tipo do centro	Dígito verificador	Sequencial quando estudo possui Centro(s) Participante(s) e/ou Coparticipante(s)	Código do Comitê que está analisando o projeto

(*) Origem / Última Apreciação

PO = Projeto Original de Centro Coordenador	POp = Projeto Original de Centro Participante	POc = Projeto Original de Centro Coparticipante
E = Emenda de Centro Coordenador	Ep = Emenda de Centro Participante	Ec = Emenda de Centro Coparticipante
N = Notificação de Centro Coordenador	Np = Notificação de Centro Participante	Nc = Notificação de Centro Coparticipante

(*) Lista de Projetos de Pesquisa
- A exibição da ação indica que existem uma ou mais emendas em fila, ou seja, que aguardam apreciação.

Este sistema foi desenvolvido para os navegadores Internet Explorer (versão 7 ou superior),
ou Mozilla Firefox (versão 9 ou superior).